H.P. BLAVATSKY

A DOUTRINA TEOSÓFICA

Recensão de seus textos fundamentais

HEMUS

ÍNDICE

PREFÁCIO 4
Esclarecimentos 4
Relações entre os caminhos 4
A expressão do mito 7
Considerações Finais 10
PRELIMINARES 16
Palavras de HPB 16
A Teosofia 16
A Teosofia não é recente 17
Não é uma revelação 18
Objetivos da Tesofia 18
A Doutrina Secreta 18
A religião da sabedoria 20
Por quem e onde foi conservada 21
O COSMOS 23
Criação, não; evolução, sim 23
O Setenário supremo 25
Mistério do número sete 26
O Universo e o nosso sistema 28
A Lua 32
As raças humanas 32
Provas 32
Cosmologia oculta 33
Deus 35
Deuses e corpos celestes 38
A evolução eterna 39
O HOMEM 41
Origem Comum 41
O primeiro homem 42
Constituição do Homem 42
Antiguidade da doutrina 43
Sua confirmação 43
Os Sete Envoltórios 46
Indivíduo e Personalidade 47
A Alma 48
Alma e Espírito 49
Sentidos e planos de consciência 51
Os sete sentidos 52
O corpo astral e a aura 53
A Humanidade 54
Evolução da Humanidade 54
O ESPÍRITO 57
Consciência 57
A glândula pineal 58
O olho divino 58
Imortalidade 59
A morte 62
O Devachan 62

O trânsito. 63
Os liberados....64
A vida nova. 64
Reencarnação. 65
Três classes de encarnações. 67
Questão de memória. 69
O esquecimento e a falta de lembrança de nossas vidas anteriores. 71
O que dizem os sonhos. 72
A recordação. 73
Os homens elevados. 74
Explicações para o contato dos vivos com os espíritos desencarnados. 74
O KARMA....76
A Lei Suprema. 76
Universalidade do Karma....77
Duas boas definições. 78
Perceptibilidade do Karma. 80
Inexorabilidade de Karma. 80
Um novo Karma. 81
A MORAL 82
O Dever. 82
Os deveres. 83
O sacrifício. 84
A caridade. 86
As chaves da fraternidade. 87
A MÍSTICA 89
A Oração....89
A oração, força e ritmo. 90
A magia....91
Perigos da Magia prática. 93
Os poderes sobrenaturais....95
A Traumaturgia adquirida. 97
As transmissões mágicas. 98
Os Mahatmas. 100
Que forças empregam. 101
A passagem de um Mestre. 101
Sua existência real. 103
Os Mestres velam. 104
Ditaram alguma obra? 104
A DOUTRINA SUBLIME 105
Observação dos tradutores....105
A PRATICA 118
O desejo de praticar. 118
O uso das carnes. 118
O vinho e o álcool. 119
A educação. 119
Teosofia e matrimônio. 123
Os irmãos menores. 124
A TEOSOFIA....125
Conceito triplo de teosofia. 125
A Teosofia não é Budismo. 125

Acreditamos no Espiritismo? 127
Os "Espíritos" Teosóficos 129
Teosofia e Ocultismo. 130
Como o Teósofo deve se comportar relativamente às idéias religiosas. 131
A Sociedade Teosófica. 133
Os grandes inimigos. 133
Futuro da Teosofia. 134
O MUNDO SAGRADO 135
Bombaim. 135
Balesh-wara. 136
A índia se oculta. 137
A simbologia hindu. 139
As covas de Karli. 140
Antiguidade indiscutível. 141
História e fábula. 142
Voltaremos a ver a índia? 143
As duas seitas. 144
Os templos sepultados. 145
Império do rito. 146
O homem, sucessor do homem. 148

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Templo de Virupaksha, Pattadaka 8
Figura 2: Templo de Vishnú, Deogarth 9
Figura 3: Sala de Chaitya em Karli. 141

PREFÁCIO

Esclarecimentos

Além de informar que o nascimento de Helena Petrovna Blavatsky ocorreu à meia-noite de 30 para 31 de junho de 1831 e que sua morte se verificou a 8 de maio de 1891, tecer qualquer outro comentário a respeito de sua vida seria o mesmo que falar das cores de uma borboleta a partir de uma crisálida proveniente de um ovo e larva desconhecidos.

Tentaremos, dentro de nossas limitações naturais, estabelecer dados referentes à senda do conhecimento divino, aos homens como pesquisadores das verdades eternas, em outras palavras, um pequeno roteiro para um estudo preliminar, e quem sabe, bastante profundo, do conhecimento esotérico, tomando por base a antologia aqui feita das obras de H PB: Ísis sem véu, A Doutrina Secreta, A Chave da Teosofia.

Relações entre os caminhos

A Teosofia se pretende à busca dos fundamentos religiosos, isto é, à verdadeira sabedoria em termos da existência, firmando-se no preceito do não-egoísmo, mas realmente transparece no corpo de doutrina deste ramo da procura da verdade uma profunda influência do budismo, ou mais precisamente, a consideração do budismo como o repositório da Teosofia de todos os tempos.

Nesta linha de raciocínio as concordâncias, necessárias, acabam por transparecer nitidamente do confronto dos trabalhos de HPB (como de qualquer outro verdadeiro teósofo) com os textos de diferentes crenças.

No ciclo do Yajur-Veda, chegado até nós em duas recensões (a dos Mâdhyandinas e dos Kânvas) encontramos o Brihadâranyaka-Upanishad que se apresenta como nítida pararela ao ensinamento das obras de HPB conforme se pode fazer pelo confronto de seus textos.

É bastante evidente que o paralelismo não se detém aí, senão seria uma verdade parcial; a criação do mundo tal como é descrita neste Upanishad assemelha-se intensamente às cosmogonias cristã, egípcia, monofisista, grega, fenícia, como seria de se esperar.

De um certo modo podemos encontrar como leitura obrigatória de qualquer estudioso da matéria, isto em caráter de indispensabilidade, alguns livros que apenas agora e a custo começam a despontar em português: **Corpus Hermeticum e Discurso da Iniciação**[1], **A Chave, Tábua de Esmeralda, Rota da Imortalidade**, de Hermes Trismegistos; **Estâncias de Dzyan**, trad. de HPB; **Livro dos Mortos do Antigo Egito**[2] cujo nome mais exato seria "Saída para a do Dia"; **Bardo Todol** ou como é incorretamente conhecido **Livro Tibetano dos Mortos**; estudos sobre Kaballah, de onde ressaltamos o sério trabalho de Ellphas Levi, talvez o mais sério dentre todos, **Origens da Cabala** cujo título original é **Livro dos Esplendores**. Quanto aos Upanishads e livros da radição hindu não temos notícia de nenhuma edição, muito embora possa existir.

[1] Edição Hemus, 1975.
[2] Edição Hemus, 1972

É interessante notar que os nomes colocados no **Bardo Todol** e no **Saída para a Luz do Dia** permitem que se estabeleçam certas analogias incorretas entre os dois livros que são na verdade completamente, dissemelhantes, na medida em que se pode dizer isto. Evidentemente ambos se preocupam com a vida após a morte, porém o **Bardo Todol** nitidamente da linha budista manhâyânista permanece, como é natural, fiel à doutrina dos Vedânticos da ilusão cósmica durante a vida e kármica depois da morte; quanto ao egípcio temos uma posição diversa, posto que o problema gnoseológico da realidade do mundo fenomênico era algo distante de seu modo de encarar as coisas. O egípcio prepara-se para enfrentar o mal e a destruição de sua morada depois da morte para a manutenção de sua individualidade; o budista, através do **Bardo Todol** intenta uma neutralidade dos afetos, os princípio da não-ação se afirma como única arma para enfrentar as constantes ciladas de seu carma.

O mundo sendo encarado desta forma tão diametralmente oposta pelos dois povos, para o egípcio como realidade tal qual se apresenta e indiscutível, para o budista como um oceano de ilusões (samsarasagara) promovem, evidentemente, atitudes diversas em suas crenças e têm em comum apenas a continuidade da existência e a integração na divindade como conseqüência do domínio de certas atitudes e técnicas.

Uma conexão mais estreita para o Bardo Todol poderia ser buscada com maior sucesso no Garuda Purana. Quanto ao Osirianismo, no que tem de imutável foi preservado pela Gnose, pela Alquimia e pela Fraternidade Rosa-cruz.

Contudo, teríamos que considerar a extrema similitude da **Voz do Silêncio** (exposta neste volume segundo a tradução de HPB) e a do texto de Hermes

Trimesgistos **Rota da Imortalidade** e, lembrando que este é considerado egípcio, teríamos muita coisa em que pensar.

Uma outra aproximação para os caminhos — rotas se preferirem — das diferentes religiões é a que se pode fazer com as crenças hindus e as cristãs. Krishna e Cristo têm tantos traços em comum que deixamos de tecer maiores comentários por julgar o fato de conhecimento geral. A morte se constitui em realidade última para o hindu e também para o cristão, cujo próprio símbolo é uma lembrança contínua do fato da morte. O cristão considera este mundo como aquele de provações que lhe permitirá alcançar o paraíso, os hindus como Lilâ. o mundo de Mâyâ, totalmente desprovido de sentido.

Quanto aos gregos, que herança seria mais eloquente que a de Dionisos (deva-Nahusal)?

As similitudes se sucedem e conseqüentemente resta apenas a ordenação destas num corpus de doutrina, e esta é uma das tarefas a que se propõe a Teosofia.

A expressão do mito

A expressão de todos os mitos se manifesta segundo as tendências e características artísticas de um povo. de forma mais ou menos durável segundo os materiais que trabalhem e entre todos se destacam os receptáculos dessas demonstrações de fé: Os Templos.

HPB alude a diversos templos da índia e parece ter ficado particularmente impressionada com o de Karli pelo seu efeito de iluminação.

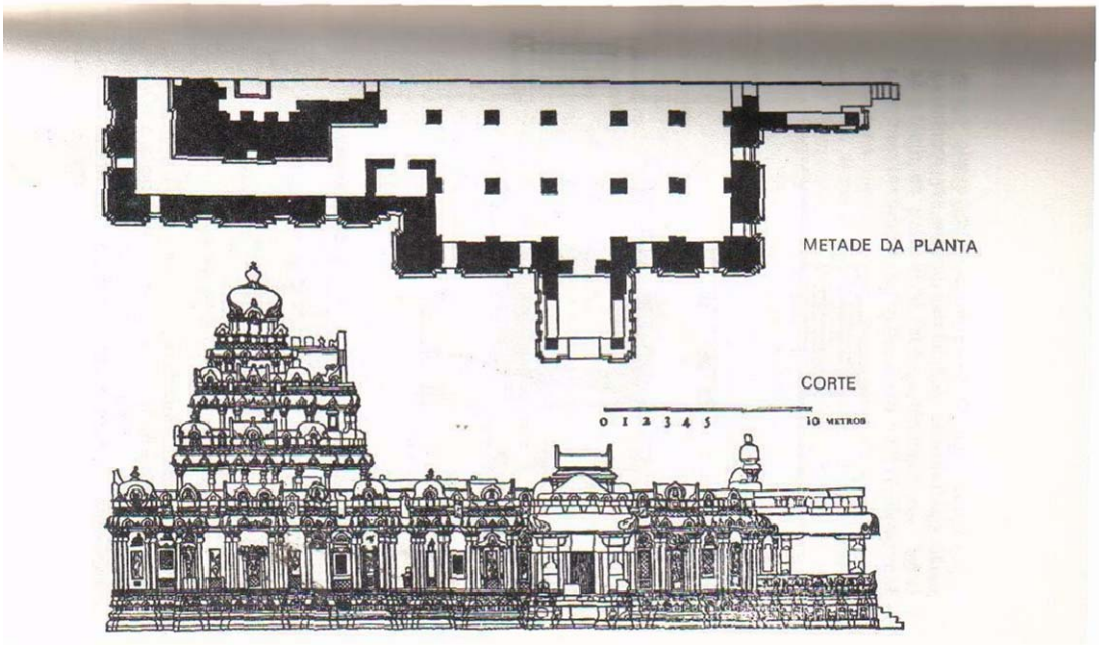

Figura 1: Templo de Virupaksha, Pattadaka

Contudo, outras manifestações de arrojo e precisão geométricas dos hindus podem ser mostradas como, por exemplo, o que se verifica na planta do templo de Vishnu em Deogarh (ver figuras) ou com o de Virupaksha, Pattadakal, que caracterizam, pela sua forma, a própria caracterização da divindade que é votada. Os hipogeus (templos-caverna), a que tudo indica estabelecidos pelos budistas, continuaram em moda com o advento do movimento que acreditava numa vinculação extrema entre Deus e o homem, tendo como liame o amor. Pensamento em nada ausente nas crenças budistas e jainistas (cf. a respeito o Bardo Todol ou mesmo os Upanishads, o Mundaka, por exemplo) mas somente agora manifestado, como o demonstra o hino dirigido a Vishnu por Nammalvar, que recolhemos de "Hymns of the Tamil Saints" de Kingsbur and Phillips:

"*Não foi a tua graça suficientemente grande para estender simpatia a teu cantor. Antes que teu consorte entregue o espírito ao desespero devido à tua*

indiferença, por misericórdia mostra a ele, teu cantor, pelo teu mensageiro e veículo Garuda, fonte de bondade, que é preciso que ele tenha ânimo até que, senhor e mestre, voltes como se espera, o que acontecerá prontamente".

Ainda que os bhakti tenham acabado por repelir os ensinamentos budistas e pouco fiéis ao jainismo, mesmo assim não se pode desprezar a influência destas duas crenças na sua composição.

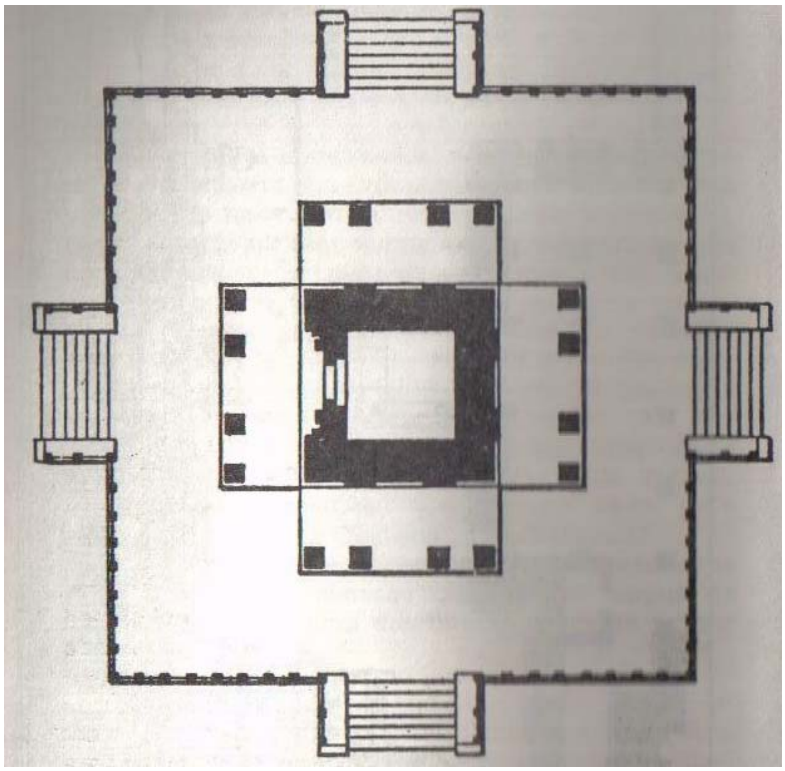

Figura 2: Templo de Vishnú, Deogarth

Os ídolos hindus, normalmente aterradores à visão ocidental, na verdade encerram certos dados relativos à divindade que representam com o objetivo de que mesmo desconhecido o nome conheça-se o atributo. Alguns estudiosos do esoterismo das esculturas hindus pretendem que a multiplicidade de determinados órgãos indique o grau de liberdade que a deidade tem em certas esferas e mesmo o

número de esferas em que esta possa atuar. Outros pretendem que construir um templo com a cor específica de um Deus para outro é simplesmente uma forma de roubar energia deste para outro, o que explica a questão de Nassik ou Nasik (ver fragmento de Blavatsky relativo ao assunto) ter despertado tamanha celeuma.

Considerações Finais

A indústria química progressivamente descobre novas cores sintéticas, transformando um mundo azul, marrom, verde, num mundo multicolorido, multo embora isto esteja progressivamente custando todo o esforço da Natureza. A reciclagem dos materiais desgastados pode oferecer ainda esperanças da manutenção de uma sociedade consumeirista durante algum tempo, mas e depois? Onda encontrar elementos para a manutenção da atmosfera? Onde conseguir a sobrevivência das algas marinhas tremendamente importantes para o fornecimento de oxigênio?

O egoísmo tolo e fútil dos brilhantes cérebros dos materialistas grosseiros que, em sua maioria manejam o precioso instrumento dialético da que é depositário seu eu inferior de uma forma que causa engulhos ao menos delicado estômago não consegue perceber isto. Não percebe também os enormes atos de fé ocultos nos postulados da ciência e nos dados colhidos estatisticamente. A cegueira turba o raciocínio, o raciocínio egoísta se perde em meandros cujo epicentro é o eu inferior e a aspiral de Arquimedes é deformada até que tenha apenas uma origem de coincida com o fim: o eu a apenas eu.

Por esta razão se mostram multo adequados os conselhos dados por Pitágoras (ressalvando que tratamos por este nome sua escola), e de que agora apresentamos uma tradução, a primeira em português pelo que sabemos:

Áureos Versos dos Pitagóricos

Preparação

Cultua aos Deuses imortais
Reserva tua fé,
Reverencia a memória dos heróis benfazejos,
dos espíritos dos semideuses.

Catarses

Sê bom filho, justo irmão, esposo terno e bom pai,

Escolhe para teu amigo o amigo da virtude,

Cede aos seus conselhos, instrui-te pela sua vida.

E não o deixes por nada;

se o podes, pelo menos, pois uma lei severa

liga a Potência à Necessidade.

Podes combater e vencer

tuas tolas paixões, aprende a dominá-las.

Sê sóbrio, ativo e casto, evita a cólera.

Em público, ocultamente, não te permitas jamais

nada de mal e sobretudo respeita a ti mesmo.

Não fales e nem pratiques sem refletir.

Sê justo. Lembra-te que um poder invencível

ordena morrer, que os bens, as honras facilmente adquiridos são fáceis de perder.

E quanto aos males que o Destino traz consigo,

suporta-os, julga-os tais como são, e trata,

Tanto quanto puderes, de adoçar teus traços:

os Deuses, aos mais cruéis males, não livraram os sábios.

Como a Verdade, o Erro tem amantes:

o filósofo aprova ou impreca com prudência;

se o Erro triunfa, ele se afasta, espera.

Escuta e grava bem em teu coração estas palavras:

Fecha teu olho e tua orelha à prevenção,

teme o exemplo dos outros, segue-te a ti mesmo:

Consulta, delibera e escolhe livremente.

Deixa aos tolos a ação sem fim e sem causa,

Deves no presente contemplar o futuro.

O que não sabes, não pretendas fazê-lo,

Instrui-te: tudo é questão de constância, do tempo.

Cuida de tua saúde: dispensa, cuidadoso e suficiente.

ao corpo os alimentos, ao espírito o repouso.

Pouco ou quase nada de cuidados evitar, pois senão,

o vício a um outro excesso, se ligará,

o luxo e a avareza, como o ciúme, são disso resultantes.

É preciso escolher em tudo, o meio, justo e bom.

Perfeição

Que o sono jamais feche tuas pálpebras,

sem que antes te perguntes: Que omiti? Que obrei?

se foi mal, abstém-te; se bem, persevera.

Medita meus conselhos; ama-os, segue-os, todos:

às divinas virtudes te conduzirão.

juro por aquele que grava em nossos corações,

o Quaternário sagrado, imenso e puro símbolo,

fonte da Natureza e modelo dos Deuses.

Mas antes de tudo, tua alma, fiel aos deveres,

Fervorosamente invoca aos Deuses, cujo auxílio

pode terminar as tuas obras começadas.

Instruí-te por elas e nada te escapará,

dos seres sondarás a essência,

conheceres do todo, o princípio e o fim.

Saberás, se o Céu quiser, que a Natureza,

semelhante nas coisas, é a mesma em todo lugar:

esclarecido de teus veros direitos,

teu coração de vãos desejos se livrará.

Verás que os males que devoram os homens,

são fruto de sua escolha e que esses infelizes

procuram na distância os bens dos quais têm a fonte.

Não sabem ser felizes; joguetes de paixões,

prensados entre vagas contrárias,

num mar sem praia, rolando, cegos,

sem poder resistir nem ceder à tormenta.

Deus! Poderíeis salvá-los abrindo-lhes as pálpebras...

Não, pertence aos humanos, cuja raça é divina, o discernimento do Erro, a visão da Verdade. A Natureza é suficiente. Tu que a penetraste, homem sábio, homem feliz, respira no porto. Mas observa minhas leis, abstém-se das coisas que tua alma deve temer, distinguindo-as bem, deixando a inteligência reinar sobre o corpo: Para que te eleves, no Éter radioso, ao seio dos Imortais, e sejas também um Deus!

Os tradutores.

PRELIMINARES

Palavras de HPB

Estas verdades não são apresentadas, de forma alguma, como **revelações**, nem a autora tem a pretensão de tomar a posição de um divulgador de conhecimentos místicos trazidos a lume pela primeira vez na história do mundo. Posto que o conteúdo desta obra pode ser encontrado espargido em milhares de volumes que encerram as Escrituras das grandes religiões, asiáticas e européias, primitivas; oculto sob hieróglifos e símbolos e até o momento despercebido pela existência deste véu. Pretendo, agora, reunir os mais antigos dogmas e construir com eles um conjunto harmônico e inquebrantável. (DS, l Volume, prefácio da primeira edição.)

A Teosofia.

O nome Teosofia data do século III de nossa era e os primeiros que o empregaram foram Ammonio Saccas e seus discípulos, que fundaram o sistema Teosófico Eclético...

O principal objeto a que se propunham os fundadores da Escola Teosófica Eclética era um dos três de sua sucessora, a Sociedade Teosófica, ou seja, o de conciliar sob um sistema ético comum, baseado em verdades eternas, a todas as religiões, seitas e nações. (CT; § 1.)

A Teosofia não é recente.

Apenas as pessoas ignorantes podem tomá-la como tal. Sua ética e ensinamentos, se não de nome, são tão antigos como o mundo, bem como é, entre todos os sistemas, o mais amplo e católico (universal)...

Acreditamos que antigamente tenham existido nações tão cultas e, seguramente, mais "*adiantadas*" em termos espirituais que nós. Porém várias razões motivam essa ignorância voluntária. Uma delas foi dada por São Paulo aos cultos atenienses: a falta, durante vários séculos, de verdadeiro conhecimento espiritual e até de interesse por ele, motivadas por uma inclinação exagerada para as coisas sensuais e uma sujeição muito grande a letra morta do dogma e do literalismo.

Porém, a principal razão reside no fato da verdadeira Teosofia ter se conservado sempre secreta... As causas foram as seguintes: inicialmente, a perversidade da natureza do homem vulgar e seu egoísmo, tendendo sempre na satisfação de seus desejos pessoais em detrimento daqueles de seu próximo. A semelhantes seres jamais poder-se-ia confiar segredos divinos. Em segundo lugar, sua incapacidade para conservar conhecimentos sagrados e divinos limpos de toda degradação. Esta última foi a causa da perversão das verdades e símbolos mais sublimes e da transformação gradual das coisas espirituais em formas antropomórficas e comuns; em outras palavras, o rebaixamento da idéia divina e a idolatria (CT-§ 7.)

Não é uma revelação.

De modo algum, nem mesmo no sentido de uma revelação de alguns seres superiores, sobrenaturais ou, pelo menos, sobre-humanos, mas somente no sentido de um "descobrimento" de antigas, muito antigas verdades, ante inteligências até agora mantidas na ignorância das mesmas; ignorando até mesmo a existência e conservação de tal ciência arcaica. (CT-§II.)

Objetivos da Tesofia.

Os objetivos da Teosofia são vários; porém os mais importantes de todos são aqueles que possam contribuir para o alívio do sofrimento humano sob qualquer forma, tanto moral .como fisicamente; e consideramos a primeira muito mais importante que a segunda. A Teosofia tem que inculcar a ética e purificar a alma se deseja aliviar o corpo físico, cujos transtornos, excetuando-se casos acidentais, são hereditários. (CT-§II)

A Doutrina Secreta.

A Doutrina Secreta foi a religião universalmente difundida do mundo antigo e pré-histórico. As provas de sua difusão, os anais autênticos de sua história, uma série autêntica de documentos que atestam seu caráter e sua presença em todos os países juntamente com os ensinamentos de todos seus grandes adeptos, existem até nas criptas secretas Hás bibliotecas pertencentes à Fraternidade Oculta.

Esta afirmativa é fundamentada pelos seguintes fatos: a tradição de milhares de pergaminhos salvos na ocasião de incêndio da Biblioteca de Alexandria; as

milhares de obras em sânscrito desaparecidas na índia durante o reinado de Akbar; a tradição universal, existente tanto na China como no Japão, de que os verdadeiros textos antigos, com os comentários, que são a única forma de fazê-lo inteligíveis e que perfazem muitos milhares de volumes, há muito es tão fora do alcance de mãos profanas; a desaparição da vasta literatura sagrada e oculta da Babilônia; a perda das chaves que seriam as únicas que poderiam resolver os mil enigmas contidos nos hieróglifos egípcios; a tradição existente na índia cujos verdadeiros comentários secretos, únicos, que podem tornar os Vedas inteligíveis, ainda que não visíveis para os profanos estão à disposição do Iniciado, escondidos em furnas e criptas secretas e a idêntica crença dos budistas relativamente a seus livros sagrados.

Os ocultistas asseveram que tudo isso existe, protegido da expoliação de mãos ocidentais, para reaparecer numa época mais ilustre, pela qual, segundo as palavras do falecido Swami Dayanand Saravasti, os "mlechchhas" — proscritos selvagens, os que se encontram fora da civilização — terão que esperar, todavia.

Não cabe culpa aos Iniciados que tais documentos estejam perdidos para o profano, nem este seu comportamento foi motivado pelo egoísmo ou pelo desejo de monopolizar o saber sagrada que dá a vida. Algumas partes da Ciência Secreta deveriam permanecer ocultas aos profanos por idades infindas, mas isto deve-se ao fato de que comunicar segredos de uma importância tão grande à multidão sem que esta estivesse preparada para isso, teria sido equivalente a entregar uma vela acesa a um vivente e colocá-la dentro de um paiol. (DS-1, introdução.)

Aquilo que em tom de desprezo foi chamado Paganismo, era antiga sabedoria repleta de Divindade; e o Judaísmo, com seus descendentes o Cristianismo e o Islamismo, adquiriram tudo o que tem de inspirado de seu pai étnico. O Bramanismo

pré-védico e o Budismo são a dupla fonte de onde brotaram todas as religiões; o Nirvana é o Oceano para o qual todas tendem.

Para os fins de uma análise filosófica não precisamos levar em conta as enormidades que enegreceram a lembrança de muitas das religiões do mundo. A verdadeira fé é a encarnação da caridade divina; os que exercem o ministério em seus altares são simplesmente humanos. Ao virar as páginas sangrentas da história eclesiástica observamos que, qualquer que tenha sido o traje usado pêlos atores, o plano da tragédia manteve-se inalterado. Porém a Noite Eterna reinava em tudo e atrás de tudo e nós passamos do visível ao invisível aos olhos dos sentidos. Nosso desejo ardente foi mostrar às almas sinceras como podem fazer correr para um lado a cortina e no meio do resplendor daquela Noite convertida em Dia, contemplar com olhar sereno a **VERDADE SEM VÉU**. (ISV, II, última parte.)

A religião da sabedoria.

Na antiguidade era una "*a Religião, dia Sabedoria*", e a identidade da primitiva filosofia religiosa prova que eram as mesmas as doutrinas ensinadas aos iniciados durante os MISTÉRIOS, instituição universalmente difundida noutros tempos: "*Todos os cultos antigos demonstram a existência de uma única Teosofia anterior aos mesmos*". A chave que explicar um deles, explicará a todos; de outra forma não poderia ser a verdadeira...

A religião da Sabedoria sempre foi uma e a mesma, e sendo a última palavra do conhecimento humano possível, foi cuidadosamente conservada. Já existia muito tempo antes dos Teósofos Alexandrinos, alcançou a modernidade e sobreviverá a todas as outras religiões e filosofias. (CT-§1.)

Por quem e onde foi conservada.

A inegável existência dos grandes iniciados — verdadeiros "*Filhos de Deus*" — demonstra que tal sabedoria foi alcançada freqüentemente por indivíduos isolados; jamais, todavia, sem direção de um Mestre.

Porém, muitos dos discípulos, convertidos por sua vez em instrutores, reduziram a universalidade dos ensinamentos à medida de seus próprios dogmas sectários. Os mandamentos de um só Mestre eleito foram adotados e seguidos, com exclusão de todos os outros (se é que foram seguidos, leve-se isto em conta, como acontece com o Sermão da Montanha). Cada religião é, portanto, um fragmento da verdade divina, que ilumina um vasto panorama da fantasia humana e pretende representar e substituir aquela verdade. (CT-§ VI.)

Entre os Iniciados de cada nação; entre os profundos investigadores da verdade, seus discípulos; e naquelas partes do mundo onde estas matérias sempre foram referidas e investigadas, na índia, na Ásia Central e na Pérsia...

A melhor prova que se pode ter consiste no fato de que cada culto religioso, ou melhor, filosófico antigo, compreendia um ensinamento esotérico ou secreto e um culto exotérico (público). Além disso é fato bem sabido que os mistérios dos antigos compunham-se em "*Maiores*" (secretos) e "*Menores*" (públicos), como nas famosas solenidades chamadas na Grécia de Eleusinas. A partir dos Hierofantes de Samotrácia, Egito, os Brâmanes iniciados da índia antiga, até os Rabinos hebreus, todos, temendo a profanação, ocultaram suas verdadeiras crenças. Os Rabinos chamavam suas séries religiosas temporais de Mercavah (o corpo exterior), "*o veículo*" ou o véu que oculta a alma, isto é, sua Ciência Secreta mais elevada.

Nenhuma nação, na antiguidade, jamais divulgou, através de seus sacerdotes, seus verdadeiros arcanos filosóficos às massas, reservando para estas tão-somente a parte exterior dos mesmos. O Budismo do Norte tem seus "*veículos*" "*maiores*" e "*menores*" conhecidos como Mahayana (esotérico) e Himayana (exotérico), que são duas escolas. Não se lhes deve censurar pelo segredo guardado pois, com certeza, a ninguém ocorreria dar a um rebanho de ovelhas eruditas dissertações científicas sobre botânica em lugar de erva. Pitágoras denomina sua Gnosis de "*o conhecimento das coisas que são*" ou **hé gnosis ton ontos**, e reservava esses conhecimentos apenas para seus discípulos, que haviam jurado guardar segredo, para aqueles que podiam assimilá-lo, a esse alimento mental, e encontrar nele satisfação, aos que juramentava para guardar os arcanos e o silêncio.

Os alfabetos ocultos e os caracteres secretos são o desenvolvimento dos antigos escritos hieráticos do Egito, cujo segredo estava antigamente em poder dos Hierogramatistas, sacerdotes egípcios iniciados. Segundo nos dizem seus biógrafos, Ammonio Saccas juramentava a seus discípulos para que não divulgassem suas doutrinas superiores, excetuando-se aqueles que já haviam recebido conhecimentos preliminares e que também estavam ligados por juramento. (CT-§I.)

O COSMOS

Criação, não; evolução, sim.

Não acreditamos na criação, mas nas aparições periódicas e consecutivas do Universo, desde o plano subjetivo do ser ao objetivo, em intervalos regulares de tempo, cobrindo períodos de imensa duração. . .

Imaginai, se o podeis, em lugar de um ano solar de trezentos e sessenta e cinco dias, a ETERNIDADE; que o Sol representa o Universo, e o.s dias e noites polares de seis meses são dias e noites que duram cento e oitenta e dois trilhões ou quadrilhões de anos em lugar de cento e oitenta e dois dias cada uma. Assim como nasce o sol a cada manhã de seu espaço subjetivo (para nós) e antípoda em nosso horizonte objetivo, do mesmo modo surge periodicamente o universo no plano da objetividade procedendo daquele da subjetividade — antípoda do primeiro. Tal é "*o Ciclo da Vida*"; e da mesma forma como o sol desaparece em nosso horizonte, desaparece em períodos regulares o Universo quando começa a "*noite universal*". Os hindus chamam a essas alternâncias os Dias e Noites do Brama ou o tempo do Manvantara e o do Pralaya (dissolução) os ocidentais podem chamá-las, se assim o quiserem, Dias e Noites Universais. Durante as últimas noites, Tudo está Tudo; cada átomo é reabsorvido na Homogeneidade.

Ninguém acreditaria. A ciência chamaria ao processo evolução os filósofos anteriores à época de Cristo e os orientalistas chamavam emanação; nós, ocultistas e teósofos vemos nisso a única realidade universal e eterna, que projeta um reflexo periódico de si mesma nas profundidades infinitas do Espaço. Esse reflexo que

considerais como o Universo objetivo material, nós o olhamos como uma ilusão passageira tão-somente. Somente o que é eterno é real...

Seja por radiação e emanação — não discutamos acerca de palavras — o Universo passa de sua subjetividade homogênea ao primeiro plano de manifestação, existindo segundo nos é ensinado, sete destes últimos vai se tornando mais material e denso em cada plano, até que alcança este, o nosso, no qual o único mundo aproximadamente conhecido e compreendido em sua composição física pela ciência é o sistema planetário ou solar, sistema **sui-generes**, conforme se nos diz.

A ciência moderna insiste na doutrina da evolução; o mesmo é feito pela razão humana e a doutrina secreta, sendo a sua idéia corroborada pelas antigas lendas e mitos, e até pela própria Bíblia quando se a lê nas entrelinhas. Vemos uma flor desenvolver-se lentamente de um botão e este de uma semente. Mas de onde vem esta última com todo seu preconcebido programa de transformações físicas e suas invisíveis e, portanto, espirituais forças que desenvolvem gradualmente sua forma, seus matizes e seu aroma? A palavra **evolução** fala por si mesma. O gérmen da raça humana atual deve ter preexistido no pai dessa raça, do mesmo modo que na semente existe oculta a flor do próximo verão, desenvolve-se na cápsula de seu pai-flor; o pai poderá diferenciar-se ligeiramente, porém sempre será diferente de sua progênie futura. Os antepassados antediluvianos de nossos elefantes e lagartos talvez tenham sido o mamute e o plesiossauro; por que não podem ter sido os antecessores de nossa raça humana os gigantes de que falam os Vedas, o Vôluspa e o livro de Gênesis? Ao passo que é positivamente absurdo acreditar na transformação, segundo alguns dos pontos de vista mais materialistas dos partidários da evolução, é muito natural pensar que cada gênero, começando pelos

moluscos e terminando no homem-macaco, sofreu uma variação a partir de sua forma própria, primordial e distintiva. Ainda supondo que fizéssemos a concessão de que "*os animais descendem de apenas quatro ou cinco progenitores*", e até que "*todos os seres orgânicos que viveram nesta terra descendem de uma forma primordial*", apesar de tudo, apenas um materialista empedernido e cego ou uma pessoa completamente despida de intuição pode esperar seriamente ver "*no futuro remoto ...uma psicologia fundada sobre uma nova base, a da necessária aquisição por graus, de cada um dos poderes e faculdades mentais*".

O homem físico, como produto da evolução, pode ser deixado nas mãos de um cientista. Ninguém mais que ele poderá lançar alguma luz acerca da origem física da raça; porém devemos negar ao materialista este privilégio no que concerne à evolução psíquica e espiritual do homem, porque não se pode evidenciar completamente que ele e suas mais elevadas faculdades sejam produtos da evolução tanto quanto o são a planta mais humilde e o réptil mais miserável.

O Setenário supremo.

1.° — Todas as coisas do Universo metafísico e no físico são setenárias. De onde a cada corpo sideral, a cada planeta, seja visível ou invisível, sejam atribuídos seis globos companheiros. A evolução da vida procede nestes sete globos ou corpos, desde o primeiro ao sétimo, em sete tempos ou sete ciclos

2° — Estes globos são formados por um processo chamado pelos ocultistas "*o renascimento das cadeias planetárias ou anéis*". Quando um de tais anéis entra

no sétimo tempo e último, o primeiro globo ou mais elevado, seguido pelos demais até o último, em lugar de entrar em certo período de repouso ou obscuridade, como em seus tempos precedentes, começa a morrer. A Dissolução planetária (pralaya) está próxima; sua hora chegou, cada globo tem que transferir sua vida e sua energia a outro planeta.

3.° — Nossa Terra, como o representante visível de seus globos, companheiros invisíveis e superiores, seus "*Senhores*" ou "*Princípios*", tem que viver o mesmo que o vivido pêlos demais durante sete tempos. Durante os três primeiros verifica-se a formação e consolidação; no quarto o assentamento e enrijecimento; nos três últimos volta gradualmente à sua primeira forma, etérea; espiritualiza-se por assim dizer.

Mistério do número sete.

Todos os sistemas de misticismo religioso baseiam-se em algarismos. Segundo Pitágoras, a Monas ou unidade, emanando da dúvida conforme a trindade, e o quaternário ou Arbail — o místico quatro — constituem o número sete. O caráter sagrado dos números principia com o grande Primeiro-UNO e somente termina com o zero ou nada, o símbolo do infinito e ilimitado círculo que representa o Universo. Todos os números intermediários, seja qual for sua combinação ou multiplicação, representam idéias filosóficas, desde as indeterminações até o axioma científico definitivamente comprovado relativo a um fato moral ou físico da Natureza. São uma chave para as antigas opiniões acerca da Cosmogonia, em seu sentido geral, incluindo ao homem e demais seres e à evolução da raça humana tanto espiritual quanto física.

O número sete é indubitavelmente de origem hindu e é o mais sagrado de todos. Todas as coisas importantes eram calculadas e adaptadas a este número pelos filósofos arianos, tanto as idéias como os lugares. É por esta razão que tem os Sapta-Rishis ou sete sábios, simbolizando as sete raças primitivas diluvianas (alguns preferem pós-diluvianas).

Sapta-Soka, os sete mundos superiores e inferiores de onde são procedentes cada um desses Rishis e para onde voltaram gloriosos antes de alcançar a felicidade final de Moksha.

Sapta-Kula ou sete castas, os Brâmanes pretendem ser os descendentes diretos da mais elevada delas.

Existem ainda: Sapta-Pura (as sete cidades santas); Sapta-Duipa (as sete ilhas santas); Sapta-Samudra (os sete mares santos); Sapat-Parrata (as sete montanhas Santas); Sapta-Arania (os sete de serots); Sapta Uruksha (as sete árvores sagradas) e assim sucessivamente.

Na magia caldaico-babilônica este número aparece algumas vezes de um modo tão proeminente quanto entre os indianos. Este número é duplo em seus atributos; assim benéfico em um de seus aspectos torna-se maléfico noutras condições...

É bastante natural que busquemos o significado deste número na filosofia pagã, que reaparece também no Cristianismo com seus sete sacramentos, suas sete Igrejas, na Ásia Menor, seus sete pecados capitais, suas sete virtudes (quatro cardeais e três teologais) etc..

As sete cores prismáticas do arco-íris visto por Noel teriam um outro sentido além daquele de lembrar a aliança existente entre Deus e o homem? Para o cabalista, pelo menos, tem um significado inseparável das sete práticas da magia, das sete esferas superiores, das sete notas da escala musical, dos sete algarismos de Pitágoras, das sete maravilhas do mundo, das sete épocas e até dos sete passos da maçonaria, que conduzem ao Santo dos Santos, depois de ter passado os véus de três e cinco.

De onde procede, pois, a identidade destes enigmáticos algarismos que reaparecem constantemente e que se encontram em cada página das Escrituras hindus, do mesmo modo que em cada oda e sloka dos livros budistas e bramânicos? Qual a procedência destes algarismos, que são a alma do pensamento pitagórico e platônico e cuja origem nenhum orientalista, nem estudioso da Bíblia não iluminado conseguiu prescrutar? Todavia, tem a chave em mãos; somente falta fazer uso dela.. .

O Universo e o nosso sistema.

As doutrinas teosóficas relativas ao Universo e ao nosso sistema foram expostas por Sinnett, no capítulo IV de seu **O Budismo Esotérico** de forma particularmente precisa e clara, razão pela qual reproduzimos aqui parte desse texto, levando em conta o fato de estarem presentes nele os ensinamentos de HPB;

"*O mundo em que vivemos não pode ser compreendido sem que se possuam dados relativos à cadeia planetária completa, da qual é um elemento, e as manifestações cíclicas sucessivas, através das quais passa esta cadeia, não podem ser discutidas ou analisadas sem que as relacionemos com plano geral — até onde*

cheguem nossas possibilidades de fazê-lo — de todo o sistema solar ao qual pertencemos".

O sistema solar é indubitavelmente uma área na Natureza, cujo conteúdo ninguém, exceto os mais elevados seres aos quais nossa humanidade pode conceber, encontra-se em situação de poder investigar. . .

O sistema solar inclui sete grandes esquemas de evolução planetária, em cada um dos quais existem mundos, um ou mais pertencentes ao plano físico...

Cada esquema de evolução é constituído por uma série de sete manvantaras ou dias de Brama, isto é, de 4.320 milhões de anos solares, por sete. Cada manvantara inclui um processo evolucionário análogo àquele que nos ensinamentos teosóficos é descrito como os sete tempos ou ciclos de nossa cadeia planetária. Tendo em vista que cada ciclo constitui um período de atividade do mundo de atividade em cada planeta por turno da mesma cadeia, e como cada um desses períodos do mundo é dividido em sete grandes ciclos distintos, podemos ter uma idéia da magnitude relativa de um período de raça — como o que foi discutido, ultimamente, relativamente à raça Atlante — comparado com todo o sistema ao qual pertencemos se consideramos a seguinte progressão:

Sete períodos, compreendendo cada um deles uma raça raiz, formam um período mundano.

Sete períodos mundanos — em sucessão, um após o outro progressivamente como diferentes planetas formam um tempo. Sete tempos, uma manvantara.

Sete manvantaras, um esquema de evolução.

Sete esquemas de evolução (mais ou menos contemporâneos em sua atividade), o sistema solar.

Mais claramente:

A evolução não é uma ação exclusiva da Terra. O movimento evolutivo, tanto físico quanto anímico, que observamos, é o resultado de evoluções anteriores.

A evolução na Terra, afetando homens, animais, vegetais e minerais, procede da evolução de outros planetas.

Nada há de estranho nisso, porque a Terra é tão-somente um anel, um elemento da cadeia dos mundos onde se efetua a evolução. A Natureza não poderia processar sua carreira apenas sobre um globo e pêlos seus processos chegar do caos ao homem. Esta obra é efetuada pelo concurso de sete globos. Globos ou Terras, que não estejam separados, mas sim unidos intimamente por correntes sutis.

Um mundo sai das entranhas do Absoluto para voltar a ele depois de percorrer sete grandes esquemas da evolução, sob a forma de um planeta ou uma Terra: chamando A,B,C,D,E,F,G, a esses sete mundos, sendo estes distintos entre si na proporção entre o espírito e a matéria, o mundo D, que se encontra no centro desse ciclo, depois da queda dos três anteriores e antes da ascensão para voltar ao Absoluto, é o que tem em perfeito equilíbrio os dois fatores irredutíveis de matéria e espírito.

Nessa cadeia começou-se com a tendência material, que foi sendo equilibrada com o espírito até chegar ao mundo D ou quarto, e que desde então será mais espiritual, como antes foi predominantemente material.

A evolução se repete em cada mundo e em cada um são efetuadas sete voltas sobre si mesmo, sendo cada um, em separado, um reflexo reduzido da ação e vida da cadeia planetária.

O homem evolui numa série de tempos (progressões em torno da série de mundos) e sete voltas devem ser dadas antes que os destinos de nosso sistema sejam cumpridos. O tempo em que nos encontramos presentemente é o quarto. Existem considerações do mais alto interesse relacionadas com conhecimentos precisos acerca desses pontos, posto que cada ciclo destina-se preponderantemente ao domínio de cada um dos sete princípios do homem e segundo a ordem de sua, gradação ascendente.

Bem, os que virem atualmente nesta Terra, isto é, a grande massa da humanidade, posto que existem casos excepcionais, encontram-se na quinta raça do presente quarto ciclo...

Cada raça das sete que constituem um ciclo também está sujeito a subdivisões...

A história da Terra, que constitui um ramo da ciência esotérica, compreende os incidentes da quarta raça, que precedeu a nossa e todos os da terceira, que precedeu àquela. É certo que remonte a tempos anteriores; porém nem a segunda nem a primeira raça desenvolveram seja lá o que for que possa receber o nome de civilização e, portanto, há menos o que dizer a respeito delas do que das subseqüentes. A terceira e a quarta desenvolveram-na, por mais estranha que possa parecer para alguns de nossos leitores, a noção de civilização na Terra há vários milhões de anos atrás...

A região da quarta raça.. . com aquele continente, do qual alguma lembrança foi conservada até na literatura exotérica; a desaparecida Atlântica...

A Lua.

No início da evolução de nosso globo a Lua era maior que agora e estava mais próxima da terra. Afastou-se de nós e diminuiu de volume.

As raças humanas.

Uma das tradições universais aceitas por todos os povos antigos é aquela que diz que existiram muitas raças humanas anteriores à nossa. Cada uma delas era distinta da precedente e cada uma delas desaparecia por ocasião do surgimento da seguinte. No Manu mencionam-se claramente seis raças que se sucederam.

No final do próximo ciclo a humanidade voltará a ser andrógina e então cada indivíduo terá duas colunas vertebrais, que na sétima raça se fundirão, formando uma. A evolução está em correspondência com as raças e com a evolução das raças o grande simpático se transformará numa verdadeira espinha dorsal. Subiremos pelo arco ascendente como percorremos o descendente, porém com o aumento de consciência. A sexta raça será correspondente aos sacos de carne, porém com perfeição de forma e maior inteligência e espiritualidade.

Provas.

A ciência em geral jamais quererá aceitar como prova os testemunhos acumulados de uma série interminável de Videntes que o atestaram. Suas visões

espirituais, suas explorações reais através dos sentidos psíquicos e espirituais, desembaraçados da matéria cega, foram regularizadas, sistematicamente comparadas uma às outras e sua natureza analisada e investigada. Tudo aquilo que não era corroborado por uma experiência unânime e coletiva era refugado e somente aceito como verdade estabelecida o que várias épocas, sob diferentes climas e depois de um sem-número de observações incessantes, resultava exato e constantemente comprovado. Os métodos empregados por nossos discípulos e estudantes de ciências psicoespirituais não são diferentes, como podeis notar, dos empregados nas ciências naturais e físicas. A diferença é que nossos campos de indagação se encontram em dois planos distintos e nossos instrumentos não são construídos por mãos humanas, razão pela qual — quem sabe? — sejam mais dignos de crédito. As retortas e microscópios do químico e do naturalista podem ser decompostos; o telescópio e os instrumentos horológicos do astrônomo podem quebrar-se, porém nossos instrumentos de análise escapam à influência dos elementos ou da atmosfera.

Cosmologia oculta.

A Doutrina Secreta divide o eterno Cosmos, o Macrocosmos (análogo na divisão do homem ou Microcosmo), em três princípios e quatro veículos que constituem em suma os sete princípios. Nas Cabalas caldaica e fenícia, o Cosmos se divide em sete mundos, a saber: Original, Inteligível, Celestial, Elemental, Menor (astral), infernal (komaloka) e Temporal (humana). Segundo o sistema caldaico, os sete da Presença ou Sephirots aparecem no Mundo Inteligível. São os "*Construtores*" de que fala a doutrina oriental, os que no Terceiro Mundo, ou Mundo

Celestial, construíram os sete planetas de nosso sistema solar, razão pela qual são chamados "anjos planetários" cujos corpos visíveis são os planetas[3]").

De onde se conclui que se o Universo foi formado da substância etérea e única, a forma não lhe foi dada pela Deidade Absoluta, os raios primários, os anjos ou dhyaneschoanos, emanados do Elemento Único, que em alternâncias de Luz e Trevas permanece eternamente em sua raiz como desconhecida e, todavia, existente realidade.

A Doutrina Secreta nos ensina que o verdadeiro criador do Cosmos, bem como de toda natureza visível (porém não das hostes invisíveis de espíritos não inseridos ainda no "*ciclo da necessidade ou da evolução*") é a "*Hoste Operante*", o "*Exército*", que implica em "*unidade na variedade*".

O Absoluto é infinito e incondicionado e não pode criar porque não cabe nele relação alguma com o incondicionado e finito. Se tudo quanto vemos, desde os sóis radiosos e majestosos planetas até as touceiras de capim e as partículas de poeira, tivesse sido criado pela Perfeição absoluta e fosse obra direta da "*primeira*" Energia procedente d'Aquele então todas as coisas seriam tão perfeitas, eternas e incondicionadas quanto seu Autor. Os milhões de obras imperfeitas que encontramos na Natureza mostram indiscutivelmente que são produto de seres finitos e condicionados, ainda que se chamem chyanos-choanos ou arcanjos. Concluindo: essas obras imperfeitas são o resultado incompleto da evolução sob a direção de deuses imperfeitos. O Zohar corrobora esta idéia tanto quanto a Doutrina Secreta, pois fala dos auxiliares do "*Ancião dos dias*" e os chama **Aufanime**s ou rodas viventes dos mundos celestes que tomaram parte na criação do Universo.

[3] Confronte-se a respeito: Corpus Hermeticum e Discurso da Iniciação de Hermes Trismegistos, Hemus — Livraria Editora Ltda — N. T.

O Criador não é o Absoluto incondicionado, nem sequer seu reflexo, mas a "*victe dioses*", os "*construtores*" que com a matéria eterna moldam o Universo e o vivificam na vida objetiva refletindo nele a "*Única Realidade*".

Criaram, ou melhor, formaram o Universo dos seres que constituem a "*hoste de Deus*" e aqueles que a Doutrina Secreta chama dhyanoschoanos; os indianos, prajapatis; os cabalistas, sephirotes; os budistas, devasj; os madeístas, anshaspendas e os cristãos, espíritos de presença.

É conveniente lembrar que muito embora para os místicos cristãos a criação seja obra dos "*deuses de Deus*", para os cristãos dogmáticos o Criador é o "*Deus dos deuses e Senhor dos senhores*".

Segundo os israelitas, Jeová é o Deus superior a todos os deuses.

Deus.

Repelimos a idéia de um Deus pessoal ou extra-cósmico e antropomórfico, que é tão-somente a sombra gigantesca do homem, e nem sequer do melhor. Dizemos e provamos que o Deus da Teologia é um conjunto de contradições e uma impossibilidade lógica. Portanto nada temos a haver com ele...

Quando falamos da Deidade e a identificamos com a Natureza, tornando-a, portanto, contemporânea da mesma, **referimo-nos à natureza eterna e incriada** e não a vosso ajuntamento de sombras passageiras e imaginárias ilusões. Deixamos para os fazedores de hinos o considerar ao céu visível o paraíso, como o Trono de Deus e a nossa terra como seu escabelo. Nossa Deidade não se encontra nem num paraíso nem numa árvore especial, casa ou montanha, está em todas as partes, em

cada átomo do Cosmos, tanto visível como invisível, no interior, acima e ao redor de cada átomo invisível e molécula divisível, porque ELE é aquele misterioso poder da evolução e involução, a potencialidade criadora, onipresente, o onipotente e onisciente ...

Numa palavra, nossa Deidade é a eterna construtora do Universo; não criando, mas fazendo evoluir incessantemente, **surgindo o Universo** de sua própria essência sem ser criado. Em seu simbolismo é uma esfera ilimitada, com um atributo eternamente ativo que abarca a todos os outros atributos existentes e imagináveis: ELE PRÓPRIO. É a única lei impulsionando as leis manifestadas, eternas e imutáveis, dentro dessa LEI que jamais se manifesta posto que absoluta e que durante seus períodos de manifestação é O eternamento vindo a ser, o eterno Devenir.

A idéia de Deus que o homem tem é a luz deslumbrante que vê refletida no espelho côncavo de sua própria alma e verdadeiramente esta imagem não é realmente a de Deus, mas apenas seu reflexo. Sua glória está ali, porém o que o homem vê é a luz de seu próprio espírito e é tudo o que pode ver. **Quanto mais límpido o espelho, tanto mais resplandescente será a imagem divina**. Porém o mundo exterior não logra presença neste mesmo momento. Para o logue extático, o Profeta iluminado, o espírito brilha como o sol do meio-dia; para a vítima da atração terrena o resplendor desapareceu pelo simples fato de que o espelho está empanado pelo grosseiro alento da matéria. Tais homens renegam seu Deus e gostariam de suprimir de um só golpe a alma da Humanidade.

Esta Doutrina de que Deus é a inteligência universal difundida em todas as coisas se encontra no fundo de todas as antigas filosofias. Os princípios do

Budismo, que nunca podem ser compreendidos mais claramente que ao estudar a filosofia pitagórica, seu fiel reflexo, derivam desta fonte, da mesma forma que a religião Bramânica e o primitivo Cristianismo[4]. O processo purificador das transmigrações, a metempsicose, por mais que posteriormente tenha sido antropomorfizada da forma mais grosseira, deve ser considerada unicamente como doutrina suplementar, desfigurada pêlos sofismas teológicos com o objetivo de subjugar firmemente aos fiéis através de uma superstição popular. Nem Gautama Buda nem Pitágoras pretenderam ensinar literalmente esta alegoria puramente metafísica; uma explicação esotérica pode ser encontrada no "*Mistério*" do Kounboum e tem relação com as peregrinações espirituais da alma humana. Não ó na letra morta da literatura sagrada búdica onde os eruditos podem esperar o encontro da verdadeira solução destas sutilezas Metafísicas. Estas últimas reduzem o poder do pensamento pela inconcebível profundidade de seu sentido e o investigador nunca estará mais distante da verdade que ao acreditar na proximidade da descoberta. O conhecimento de cada uma das doutrinas do assombroso sistema budista pode ser obtido unicamente pelo método pitagórico e platônico, ou seja, descendo do universal ao particular. A chave disto se encontra nos refinados e místicos princípios do influxo espiritual de vida divina. "*Todo aquele que desconhecer minha lei — disse Buda — e morrer em tal estado, deve voltar à Terra até que se converta num perfeito samano. Para alcançar este objetivo deve destruir dentro de si a trindade de Maya. Deve extinguir suas paixões, unir-se e identificar-se com a lei (os ensinamentos da doutrina secreta) e compreender a religião da aniquilação."*

[4] Confrontar a respeito: As origens da Cabala, de Eliphas Levi, Ed. do Pensamento. — N. T.

Deuses e corpos celestes.

Para demonstrar que os antigos nunca consideraram as estrelas como deuses ou anjos nem ao Sol como o Deus supremo, mas que na verdade adoraram o espírito de todas as coisas e reverenciaram aos deuses menores que supunham existir no Sol e nos planetas, é conveniente expor a diferença entre ambas classes de adoração[5].

Não se deve confundir Saturno, "*o pai dos deuses*", com o planeta do mesmo nome que tem oito satélites e três anéis. Ambos devem ser distinguidos no que se refere à adoração, ainda que sob certos aspectos sejam idênticos, como o são de certo modo o homem físico e sua alma. Esta distinção deve ser estabelecida com maior cuidado no caso dos sete planetas e seus espíritos aos quais a Doutrina Secreta atribui a formação de nosso sistema planetário. Análoga diferença deve ser indicada entre a Ursa Maior, o Riksha e o Chitra Shikhandina ou "*faíscas brilhantes*" e os sishis ou sábios que apareceram na Terra durante o Satya yuga.

Devem existir algumas razões para que as opiniões e profecias dos videntes de todas as épocas, inclusive os bíblicos, estejam tão intimamente relacionadas com as verdades ocultas. Não é preciso remontar a períodos longínquos de "*superstição e fantasias anti-científicas*" para encontrar na Idade Moderna homens eminentes que assistiram aos vaticínios dos antigos profetas e aos ensinamentos dos Iniciados. Sabe-se que o insigne Kleper e outros de sua envergadura acreditaram na influência benéfica ou favorável dos astros sobre o destino dos homens e dos povos, atribuindo-lhes dest'art alma vive e pensante.

[5] É conveniente consultar também as obras de Hermes Trismegistos citadas anteriormente.

A evolução eterna.

A doutrina exotérica, como o Budismo e o Bramanismo e a perseguida Cabala, ensina que a essência infinita e desconhecida existe a partir de toda a eternidade e que alternada e sucessivamente, de forma regular e harmônica é ativa e passiva. Na fraseologia poética de Manu, estas condições são chamadas o "*dia*" e a "*noite*" de Brama. Este último ou está "*acordado*" ou "*dormindo*". Os svâbhâvikkas ou filósofos pertencentes a mais antiga escola do budismo (existente ainda no Nepal) pensar apenas acerca da condição ativa desta "Essência", a qual designam por Svohâvât e consideram uma loucura teorizar acerca do poder abstrato e incognoscível em sua condição passiva. Por este fato são chamados ateus tanto pela teologia cristã quanto pêlos sábios modernos, porque nenhum dos dois é capaz de compreender a lógica profunda de sua filosofia. A primeira apenas admite como Deus aos poderes secundários personificados que construíram cegamente o Universo visível e que entre eles se converteu no Deus antropomórfico dos cristãos — o Jeová, rugindo em meio aos tronos e raios. Por sua vez a ciência racionalista saúda os budistas e aos svâbhâvicas como positivistas das épocas arcaicas. Considerando-se apenas um dos aspectos da filosofia destes últimos podem ter razão nossos materialistas. Os budistas sustentam que não existe nenhum criador, mas uma multiplicidade de poderes criadores, que formam coletivamente a única substância eterna, cuja essência é imperscrutável e, portanto, não está sujeita a especulação por parte de nenhum verdadeiro Filósofo. Sócrates recusava constantemente indagar acerca do mistério do ser universal e, não obstante ninguém pensou em acusá-lo por ateísmo, além daqueles que estavam dispostos a destruí-lo. Ao inaugurar um período ativo, diz a Doutrina Secreta, verifica-se uma

expansão desta Divina essência, de dentro para fora, obedecendo à lei eterna é imutável e o Universo fenomênico ou visível é o resultado da larga cadeia de forças cósmicas, postas desta maneira, progressivamente, em movimento. Do mesmo modo, quando se cumpre a condição passiva, verifica-se uma contração da Essência Divina, e a obra anterior da Criação se desfaz de uma forma gradual e progressiva. O Universo visível se desintegra, seus materiais se dispersam e as "*trevas*" solitárias se debruçam sobre o "abismo". Empregando u'a metáfora que apresentará a idéia de uma maneira mais clara, diremos que uma expiração da "*ciência desconhecida*" dá origem ao mundo e que uma inspiração o faz desaparecer.

Este processo tem se verificado desde a eternidade e nosso Universo presente é simplesmente um entre uma infinidade de séries que não tiveram princípio e não terão fim.

O HOMEM

Origem Comum.

Todos os homens têm a mesma origem espiritual e física, segundo a doutrina fundamental da Teosofia. A Humanidade tendo u'a mesma e única essência e sendo una essa essência — infinita, incriada e eterna, chamá-la-emos Deus ou Natureza — nada portanto pode afetar uma nação ou um homem sem afetar a todas as outras nações e todos os outros homens. Isto é tão certo e óbvio quanto o fato de que uma pedra retirada de um compartimento estanque colocará em movimento toda água nele contida...

A identidade de nossa origem física não alcança nem estimula nossos sentimentos mais elevados e profundos, A matéria privada de sua alma e de seu espírito ou de sua essência divina não pode falar ao coração humano. Porém, uma vez provada e gravada profundamente em nossos corações e identidade da alma e do espírito do homem real, imortal, segundo nos ensina a Teosofia, isto nos conduzirá no caminho da verdadeira variedade e bons desejos fraternos.

Toda a teoria dawiniana da seleção natural está incluída nos seis primeiros capítulos do livro de Gênesis. O Homem do capítulo l é radicalmente distinto de "*Adão*" do capítulo II, porque o primeiro foi criado "*macho e fêmea*", ou seja, bissexuado e à imagem de Deus, enquanto que o segundo, de acordo com o sétimo versículo, foi formado do pó da terra e se converteu em uma "*alma vivente*" depois que o Senhor Deus "*lhe insuflou pelas narinas o sopro vital*". Além disso, este Adão era um ser masculino e no versículo vinte é dito que "*não se encontrava uma*

companheira digna dele". Os Adonai, sendo puras entidades espirituais, não tinham sexo ou mais precisamente tinham ambos os sexos unidos em si mesmos, como seu criador; e os antigos compreendiam isto tão perfeitamente que representavam muitas de suas divindades como bissexuais. Para todo aquele que detenha minudentemente no texto da Bíblia resta apenas admitir a afirmativa acima ou então concluir que os dois capítulos se contradizem absurdamente nestas duas passagens. A aceitação literal destas passagens foi o que motivou a ridicularização da narração mosaica por parte dos ateus e à letra morta dos textos é que se deve prender o materialismo de nossa época. Não apenas são indicadas desta forma no Gênesis, com toda clareza, duas raças, mas até uma terceira e quarta raças são apresentadas ao leitor no capítulo IV onde se fala dos "*filhos de Deus*" e da raça de "*Gigantes*".

O primeiro homem.

Em nossa doutrina, Adi é o nome genérico do primeiro homem, isto é, das primeiras raças, em cada uma das sete zonas e deste homem deriva o nome de Adão. Todos os povos dizem que ao primeiro homem foram revelados os divinos mistérios da criação.

Constituição do Homem.

Encontramos no homem dois seres distintos: o espiritual e o físico; o homem que pensa e o homem que recorda tantos pensamentos quantos pode assimilar. Conseqüentemente, consideramos duas naturezas distintas o ser superior ou

espiritual, composto de três princípios ou aspectos e o inferior ou quaternário físico, composto de quatro, no total sete.

Antiguidade da doutrina.

Os próprios egípcios aceitavam a divisão setenária. Ensinavam que na sua partida, a alma (Ego) tinha que passar através de suas sete câmaras ou princípios: os que deixava atrás de si e os que levava com ela. A única diferença que há, considerando sempre o castigo conseqüente à revelação das doutrinas dos Mistérios (o que se pagava com a vida) consiste no fato de que apenas esboçavam seus ensinamentos em largas pinceladas, enquanto que damos forma a eles e os explicamos detalhadamente. Muito embora ensinemos ao mundo tanto quanto nos é permitido, todavia, até nossa própria doutrina se reserva mais de um ponto importante que apenas tem autorização para conhecer aqueles que estudam a filosofia esotérica e prometeram guardar silêncio.

Sua confirmação.

"*O homem — diz Plutarco — é composto e se enganam aqueles que o crêem composto por duas partes tão-somente. Pois supõem que o entendimento (intelecto do cérebro) é uma parte da alma (a tríade superior), porém erram nisto da mesma forma os que fazem da alma uma parte do corpo (isto é, uma parte do mortal quartenário corruptível), pois o entendimento (Noûs) excede a alma como esta sobrepuja o corpo em bondade e divindade. Esse composto da alma (psique) com*

entendimento (Noûs) forma a razão e com o corpo ou thumos (alma animal), a paixão sendo ele origem ou princípio do prazer e da dor e o outro da virtude e do vício. Destas três partes unidas e conjuntadas entre si, a Terra deu corpo, Lua a alma e o Sol o entendimento à geração humana."

Esta última frase é puramente alegórica e somente será entendida por aqueles que sejam versados na ciência esotérica das correspondências e que sabem qual é o planeta relacionado com cada princípio. Plutarco divide estes últimos em três grupos e faz do corpo um composto de forma física, sombra astral e alento, ou parte tripla inferior, "*que foi tirada da Terra e volta à Terra*" do princípio médio e da alma instintiva forma a segunda parte derivada da Lua e sempre influenciada por ela e exclusivamente da parte superior, da Alma espiritual (Buddshi) com os elementos Atmicos e Manásicos nela, faz uma emanação direta do Sol que representa aqui a Agathon, e Deidade Suprema. Isto é comprovado pelo que diz mais adiante:

"*É assim que das mortes pelas quais passamos, uma faz o homem dois de três e a outra, um de dois*". A primeira acontece na região e juridição de Demeter, razão pela qual o nome dado aos mistérios -*Τελεντάν* assemelha-se ao dado à morte *ΤελενΤάν* Também os atenienses consideravam antigamente os mortos como consagrados a Demeter. A outra morte tem lugar na Lua ou região de Perséfone.

Aqui está nossa doutrina que mostra o homem como setenário durante a vida; um quinário logo após a morte, em Kamaloka, e uma tríade, o Ego, espírito, alma e consciência no Devacan. Essa separação, inicialmente nos "*Prados do Hades*" segundo chama Plutarco ao Kamaloka e depois no Decavan formava parte integrante das representações no decurso dos sagrados mistérios quando todo o

drama da morte e ressurreição do espírito glorioso, entendendo-se por isto a plena consciência era representada pêlos candidatos à iniciação. Plutarco refere-se a isto, quando diz:

"*E num, o terrestre, como noutro, o celeste, vive Hermes. Este arranca repentina e violentamente a alma do corpo; porém docemente e durante largo tempo o entendimento é separado por Prosérpina da alma. Por esta razão é chamada Monógenes, engendra sozinha, ou melhor, que engendra a só um; porque a melhor parte do homem fica sozinha quando é separada por ela. Tudo acontecendo de acordo com a Natureza. O Destino prescreve (Fatum ou Karma) que cada alma com ou sem entendimento (inteligência) estando fora do corpo deve errar durante um tempo determinado, se bem que não igual para todos, pela região que se estende entre a Terra e a Lua (Kama-Loka). Os injustos e dissolutos sofrem então o merecido castigo por suas culpas; mas os bons e virtuosos restam detidos até que sejam purificados e tenham expiado todas as corrupções que possam ter adquirido pelo contágio do corpo, como enfermidades vergonhosas; vivendo na parte mais suave do ar chamada Prados do Hades, onde devem permanecer durante um tempo pré-determinado*[6]*). Então, como se voltassem ao seu País depois de uma peregrinação aventurosa ou após longo desterro, experimentam urna sensação de alegria, como sentem principalmente aqueles que são Iniciados nos Sagrados Mistérios, mesclados de inquietação, admiração e cada qual com suas esperanças peculiares e próprias*".

Esta é a bem-aventurança nirvânica e nenhum teósofo poderia descrever em linguagem mais clara, ainda que esotérica, à alegria e gozos mentais dos Decavan,

[6] Reveste-se da maior conveniência consultar e ler minudentemente o **Bardo Todol**, incorretamente conhecido corno o "Livro Tibetano dos Mortos"

onde cada homem se vê rodeado do paraíso formado pela sua consciência, porém precaução seja tomada relativamente ao erro em que caem muitos, mesmo entre os teósofos. Não acrediteis que pelo fato do homem ser chamado setenário, em seguida quíntuplo e depois tríade seja um composto de até, cinco ou três entidades ou como diz muito claramente um escritor teosófico, um conjunto de peles ou camadas separáveis como aquelas de uma cebola. Conforme dissemos, os "*princípios*", excetuando-se o corpo, a vida e o eidolon astral, que se dispensam por ocasião da morte, são simplesmente aspectos e estados de consciência; existe apenas um homem real e permanente através do ciclo de vida, imortal em essência, se não em forma, e esse é manas, o homem — mente, ou consciência encarnada.

Os Sete Envoltórios.

Da mesma forma que Brama, segundo as tradições exotéricas, é rodeado por sete envoltórios internos e sete externos no Ovo do Mundo, também o embrião é rodeado por outras tantas camadas. A cosmogonia exotérica enumera as sete capas ou envoltórios internos e sete externos. A fisiologia exotérica divide o conteúdo do útero em sete esferas, ainda que ignore a semelhança desta divisão com aquela da matriz universal.

É o seguinte o conteúdo do útero: 1.° Embrião; 2.º: Líquido Amniótico, que envolve o embrião; 3.°: Os âmnios ou membranas derivadas do feto que contém o líquido amniótico; 4.° Cordão umbilical, que serve para alimentar e nutrir o embrião; 5.°: Alantóides ou alargamento do embrião em forma de saco que se estende entre os âmnios e o córion entre o Interstício e que concretando a placenta serve para

alimentar o embrião; 6.°; Interstício entre os âmnios e o córion, repleto de um líquido albuminoso; 7° Córion ou envoltura exterior.

Cada um destes sete elementos uterinos mantém correspondência com os outros e é formado relativamente a um tipo precedente em cada um dos planos de existência e estes sete antícipes se correspondem com os sete estados de matéria e todas as demais forças sensíveis ou funcionais da natureza.

Indivíduo e Personalidade.

Distinguimos entre o fato simples de nossa própria consciência o sentimento de que "*Eu sou*" e o pensamento completo de que "*Sou o senhor Tal*" ou "*A Senhora Tal*".

Crendo como cremos, numa série de nascimentos para o mesmo Ego, ou reencarnação; esta distinção é o eixo fundamental de toda a idéia. Vemos que "*Senhor Tal*", significa, na verdade, uma grande série de experiências diárias, todas reunidas pela continuidade da memória, formando aquilo que o senhor Tal chama "*meu eu*". Porém nenhuma dessas "*Experiências*" é, realmente, o "*Eu*" ou "*Ego*", nem produz no Senhor Tal a sensação de ser ele mesmo, posto que esquece a maior parte de suas experiências diárias e produz o sentimento de ipseidade tão-somente enquanto dura. Nós, os teósofos, distinguimos portanto, entre este conjunto de "*Experiência*" que chamamos a falsa personalidade — por ser tão fugaz e finita — e aquele elemento do homem ao qual se deve o sentimento do "*Eu sou eu*".

Este "*Eu sou eu*" é a verdadeira individualidade para nós e sustentamos que esse "*Ego*" ou individualidade representa, como o autor nos palcos, muitos papéis no teatro da vida, consideramos cada nova vida do "*Ego*" na Terra como uma representação distinta no palco de um teatro. Aparece o ator, ou "*Ego*" uma noite como "*Macbeth*", a seguinte como "*Shylock*", a terceira como "*Romeu*", a quarta como "*Hamlet*" ou "*Rei Lear*" e assim sucessivamente até que tenha percorrido todo o ciclo de encarnações. O Ego começa sua peregrinação vital em papéis muito secundários como aquele de um espectro, de um "*Ariel*" ou um "*Duende*", representa a seguir um papel coadjuvante: é um soldado, um criado, um corista; logo ascende a "*papéis falados*"; desempenha papéis principais alternadamente com outros insignificantes, até que finalmente se despede da cena como "*Próspero*", o mago.

A Alma.

Fala-se da alma às pessoas e algumas perguntam: "*O que é a alma? Provastes alguma vez sua existência?*" É inútil, por suposição, inquirir aos materialistas; porém ainda a estes gostaria de dirigir uma pergunta: "*Podeis lembrar-vos do que éreis ou fazíeis quando crianças? Conservastes a menor lembrança de vossa vida, pensamentos ou atos ou tão-somente do que vivestes durante os primeiros dezoito ou dois anos de vossa existência? Por que então, partindo do mesmo princípio, não negais que vivestes alguma vez como crianças?*" Quando a tudo isto acrescentamos, que o Ego que se reencarna, ou individualidade, retém durante o período devachânico tão-somente a essência da experiência de sua vida terrestre passada ou personalidade, permanecendo absorvidas as experiências

físicas num estado "**in potentia**, ou sendo convertidas por assim dizer, em fórmulas espirituais; e quando consideramos, além disso, que o espaço de tempo transcorrido entre dois renascimentos, segundo se diz, é de dez a quinze séculos, espaço de tempo durante o qual a consciência física permanece total e absolutamente inativa, desprovida de órgãos que obrem nela e, conseqüentemente, de existência, a razão da falta de qualquer lembrança torna-se transparente.

Alma e Espírito.

Platão define a alma (Buddhi) como "*o movimento capaz de mover a si próprio*". "*A alma, acrescenta (**Leis, X**), é a mais antiga das coisas e o princípio do movimento*", chamando assim a Atma (Buddhi) de "*alma*" e a Manas de "*Espírito*", o que também é feito por nós.

"*A alma foi criada antes que o corpo e este é posterior e secundário, sendo, de acordo com natureza, governado pela alma. A alma que rege todas as coisas que se movem em todas as direções, rege Igualmente os céus. A alma, conseqüentemente, governa as coisas no céu e na terra, bem como no mar, por seus movimentos cujos nomes são: querer, considerar, vigiar, consultar, opinar justa ou erroneamente, ter alegria, confiança, medo, ódio, amor, juntamente com todos os movimentos primitivos unidos a estes. Sendo uma deusa, tem sempre a Noûs, um deus, como aliado e ordena as coisas de forma correta e feliz; porém, quando se une a Annóia (negação de Noûs) trabalha sempre em sentido oposto nas coisas."*

Nesta linguagem, bem como nos textos budistas considera-se o negativo como existência essencial. O aniquilamento é explicado de uma forma semelhante. O estado positivo é o ser essencial, porém não a manifestação como tal. Em linguagem budista quando o espírito entra no Nirvana perde a existência objetiva, porém conserva o ser subjetivo.

Em sua dedução filosófica "*acerca dos sonhos*", Aristóteles expõe com a maior clareza esta doutrina da alma dupla, ou seja, alma e espírito. "*É preciso que averigüemos em que porção da alma aparecem os sonhos*", diz ele. Todos os antigos gregos acreditavam que no homem existia não uma alma dupla, mas sim tripla. E encontramos também a Homero designando por thumos à alma astral ou alma animal chamada "*espírito*" por Draper e à divina: noûs, nome pelo qual também é denominado, por Platão, o espírito mais elevado.

Os jainistas acreditam que a alma, à qual dão o nome de Jiva, tenha sido unida desde a eternidade a dois corpos etéreos e sublimados, um dos quais é invariável e formado dos poderes divinos da alma mais elevada; o outro variável e composto das mais grosseiras paixões do homem, de suas afecções sensuais e atributos terrestres. Quando a alma foi purificada depois da morte une-se a seu Vaycarica ou espírito divino e converte-se num deus. Os partidários dos **Vedas**, os sábios Brâmanes expõem a mesma doutrina nos **Vedanta**. A alma, segundo seus ensinamentos, como uma parte do divino espírito universal ou inteligência é capaz de se unir com a essência de sua Entidade mais elevada.

Este ensinamento é explícito, os Vedanta afirmam que todo aquele que lograr conhecimento completo de seu deus se converte em deus, ainda que permaneça em seu corpo mortal, e adquire poder sobre todas coisas.

Citando da teologia védica o verso que diz: "*Verdadeiramente existe apenas uma Divindade, o Espírito Supremo, ele é da mesma natureza que a alma do homem*", Draper mostra como as doutrinas budistas chegaram à Europa Oriental através de Aristóteles. Consideramos esta afirmativa pouco digna de crédito, posto que Pitágoras e depois dele, Platão, ensinaram-nas muito anteriormente a Aristóteles. Se posteriormente os últimos platônicos admitiram em sua dialética os argumentos aristotélicos acerca da emanação foi unicamente porque suas opiniões coincidiam em alguns pontos com aquelas dos filósofos orientais.

Sentidos e planos de consciência.

Quando sonhamos temos uma classe diferente de sentidos: falamos, vemos, ouvimos, trocamos e agimos geralmente num plano distinto, evidenciando-se a mudança de estado de nossa consciência, posto que uma série de atos e acontecimentos que, segundo nos parece, tem o decurso de vários anos, sucedem-se idealmente por nossa mente num momento. Pois bem, essa extrema rapidez de nossas operações mentais durante os sonhos e todavia a naturalidade das demais funções nos demonstra que nos encontramos num plano totalmente distinto. Nossa filosofia nos ensina que do mesmo modo que existem sete forças fundamentais na Natureza e sete planos de existência, devem existir também sete estados de consciência, nos quais o homem pode viver, pensar, recordar e ter sua existência. É impossível enumerá-los aqui; isso é preciso dedicar-se ao estudo da Metafísica oriental. Mas esses dois estados — a vigília e os sonhos — todos os mortais, desde o profundo filósofo até o selvagem mais inculto têm uma prova bastante evidente de que diferem um do outro.

Os sete sentidos.

Da mesma forma como os planos são sete em um, também nós somos sete em um naquela absoluta Alma do mundo que é ao mesmo tempo material e imateríal, espiritual e inespiritual, ser e não ser, Todos quantos estudam os mistérios do Eu devem compenetrar-se desta idéia. Lembremos que apenas com o concurso dos sentidos físicos nenhum de nós será capaz de perceber nada além da matéria grosseira, mas que para tanto é preciso que nos valhamos de algum dos nossos sete sentidos espirituais, por educação ou exercício ou por ter nascido vidente. Todavia, por muita honradez e sinceridade que possua um clarividente desconhecedor das verdades ocultas, isto é, se não é um Adepto, suas visões na luz astral o induzirão a um falso conceito dos moradores das esferas ocasionalmente vislumbradas, a exemplo do acontecido com Swedenborg e outros clarividentes.

Estes sete sentidos se correspondem com os demais setenários da Natureza e de nós mesmos...

Cada um de nossos sentidos físicos, dois dos quais ainda são desconhecidos pela ciência profana e cada um de nossos sete estados de consciência (vigília, sonolência, sono natural, sono hipnótico, estado psíquico, estado superpsíquico, e estado espiritual), corresponde-se com um dos sete planos cósmicos, desenvolve e utiliza um dos sete sentidos espirituais e relaciona-se diretamente no plano terrestre-espiritual com o cósmico e divino centro de força que a engendrou e que é seu criador direto.

O corpo astral e a aura.

Falando estritamente em sentido esotérico, metafísica e filosoficamente o homem é constituído por quatro princípios básicos e três aspectos.

Os ensinamentos semí-esotéricos os reúnem em sete princípios para facilitar sua compreensão.

PRINCÍPIOS	ASPECTOS
1 - Alma, a única vida .	Prana - Alento vital, que com a morte do indivíduo torna a ser a vida única.
2 – Aura, substrato que rodeia o homem ...	Linga sharira - forma astral, precede à formação do corpo físico e é a última a abandoná-lo por ocasião da morte.
3 - Buddhi - Alma espiritual. Raio da alma universal	Manas inferior - A alma animal, reflexo de Buddhi e do Manas superior.
4 - Manas Superior - Eu. inteligência por antonomásia	

O Ovo áurico é composto por curvas semelhantes e análogas às formadas pela areia colocada num disco vibrante...

A criança tem um ovo áurico muito pequeno, de cor branca, quase puro...

A aura humana tem sete camadas, como aquelas do espaço cósmico e nossa pele física. A aura é aquilo que, segundo nosso estado puro ou impuro, físico e mental, nos abre a vista de outros mundos ou no-la fecha hermeticamente, deixando-nos tão-somente aquele desde mundo de matéria densa... O homem atual

é uma neblina de cor violeta-pálida dentro de um círculo ovóide azulado sobre o qual se irradiam incessantes vibrações das cores do espectro, predominando a cor correspondente ao princípio mais ativo de cada personalidade no momento em que se efetua a observação clarividente.

A Humanidade.

Uma planta é composta de raiz, tronco, caule e folhas, A Humanidade, como um todo, da mesma forma, é o tronco que procede da raiz espiritual; o tronco é a unidade da planta. Atacado o tronco é bastante evidente que cada ramo e cada folha se ressentirão. Assim acontece com a Humanidade.

Evolução da Humanidade.

A Humanidade desenvolve-se completamente apenas durante o quarto ciclo; o presente...

Como a larva se converte em crisálida e em mariposa, o homem, ou melhor, o precursor do homem passa através de todas as formas e reinos durante o primeiro ciclo e através de todas as formas humanas durante os dois ciclos seguintes. Tendo chegado à nossa terra, no começo do quarto ciclo na presente série de vida de raças, o homem é a primeira forma que aparece nela, sendo precedido unicamente pêlos reinos mineral e vegetal; tendo ainda o último que desenvolver-se e continuar sua evolução ulterior através do homem...

Durante os três ciclos que virão, a Humanidade, da mesma forma que o Globo em que vive, tenderá sempre a reassumir sua forma primitiva: da Hoste

Dhyan-choanico. O homem tende a converter-se num deus e depois em Deus, da mesma forma que todos os átomos do Universo.

No começo do segundo ciclo, a evolução se verifica sob um plano completamente diferente. Apenas durante o primeiro ciclo o homem celestial se transforma num ser humano no globo A; converte-se de novo num mineral, numa planta e num animal no globo B; e no C etc. a evolução muda completamente a partir do segundo ciclo...

Cada ciclo de vida é o quarto globo: a Terra se compõe de sete raças raízes, que começam com a etérea e termina com a espiritual numa dupla linha de evolução física e moral, desde o princípio do ,Ciclo terrestre até o fim. Um é "*ciclo planetário*" desde o globo A até o B, o sétimo; outro, é o "*ciclo do globo*" ou seja, terrestre.

O mundo procede por ciclos. As raças futuras serão reproduções de raças há muito desaparecidas, e nós, quem sabe, somos as imagens daqueles que viveram cem séculos atrás. Chegará o tempo em que todos aqueles caluniadores públicos dos hermetistas, mas que em segredo registram seus volumes cobertos de pó, e são apenas plagiários de suas idéias que assimilam e dão como próprias receberão o que merecem. Quem — exclama Pfaff —, que homem teve idéias mais claras acerca da natureza que Paracelso? Ele é o intrépido criador dos medicamentos químicos; fundador de valorosas sociedades secretas, vitorioso na polêmica, sendo um daqueles espíritos que entre nós criaram um novo modo de pensar acerca da existência natural das coisas. Aquilo que se encontra disperso em sua obra acerca da pedra filosofal, aos pigmeus e espíritos das minas, a portentos, aos homúnculos, ao elixir da longa vida; tudo aquilo que é empregado por muitos para rebaixar seu mérito, não pode apagar nosso sincero agradecimento pelos seus trabalhos em

geral, nem nossa admiração pêlos Seus livres e intrépidos esforços e por sua vida nobre e intelectual[7].

[7] É da máxima conveniência que se consulte o **Paragrano** e **Chave da Alquimia** para que se tenha uma idéia da sensatez da opinião emitida. Não temos notícia de uma edição em português do primeiro, mas existe do segundo a edição da Editora Três. — N. T.

O ESPÍRITO

Consciência.

A consciência puramente animal é constituída pela consciência de todas as células do corpo, menos aquelas do coração, porque este órgão é o mais importante e rei de todos do corpo, haja vista que o coração dos decapitados continua batendo até meia hora depois de separada a cabeça do tronco e continua palpitando durante algumas horas se o corpo é envolvido em chumaços de algodão e colocado num lugar de temperatura elevada.

No coração existe um ponto, centro vital, que é o último a parar de pulsar. Este ponto central se chama "*sede de Brama*" e é o primeiro centro vital que funciona no feto e o último que morre no organismo. Algumas vezes foram enterrados iogues que se encontravam em estado cataléptico e ainda que todo corpo estivesse morto, subsistia a vida na "*sede de Brama*"; razão pela qual é possível ressuscitar um morto enquanto este último centro ainda contenha vida, este centro do coração que contém potencialmente a vida, a mente, a energia e a vontade. Durante a vida física esse centro irradia irisados tons opalescentes. O coração é o centro da consciência espiritual da mesma forma que o cérebro o é da intelectual; porém a pessoa não pode guiar nem dirigir sua energia enquanto não esteja unida a Buddhi-Manas. Até então a consciência guia a pessoa se esta se deixa guiar.

Donde as recriminações do remorso e os escrúpulos de consciência, que nascem do coração e não da cabeça...

No homem verificam-se três centros principais: o coração, a cabeça e o umbigo, que podem ser dois a dois positivos ou negativos relativamente ao outro, segundo seu respectivo predomínio.

O coração representa a tríade superior, o fígado e o baço, o quaternário. O plexo solar é o centro cerebral do estômago.

A glândula pineal.

O cérebro é órgão próprio da percepção física e a percepção está localizada na aura da glândula pineal. Esta aura vibra em resposta a todas as impressões, contudo no homem vivente somente pode ser sentida e não percebida. Durante o processo do pensamento que se manifesta em consciência, vibra constantemente a luz desta aura e se um clarividente olha com o olho espiritual o cérebro de um homem vivo, quase pode contar as sete escalas, os sete matizes de luz da tonalidade mais escura à mais brilhante. Se os tocais com a mão, antes do toque vibra a aura da glândula pineal com seu matiz correspondente.

O olho divino.

A ciência esotérica ensina que Manas, O Ego mental, vaksha ou olho divino é o órgão principal da espiritualidade no cérebro humano, a sede do gênio, o mágico "*sésamo*" pronunciado pela vontade purificada do místico que abre os canais da verdade para quem sabe aproveitá-la.

A ciência esotérica ensina que Manas, o Ego mental, não se une totalmente à criança até os seis ou sete anos de idade, antes do que nenhuma criança é responsável, nem segundo a Igreja nem segundo os códigos legais. O famoso anatomista Herman Wengel observou em alguns milhares de casos o estranho fato de que, com raríssimas exceções, a concreção em tom dourado (que se encontra na glândula pineal) somente era encontrada em crianças maiores de sete anos. Nos loucos apenas existe concreção e nos idiotas inexista. Morgagni, Granding, Gum são os fisiólogos, verdadeiramente sábios por isso, que relacionaram a concreção com a mentalidade. Baseando-nos, portanto, no fato de que as crianças de pouca idade, os velhos decrépitos e os idiotas, não tem concreção, chegaremos inevitavelmente à conclusão de que deve estar relacionada com a mentalidade.

Imortalidade.

Dizemos que o homem e a alma conquistarão sua imortalidade através da ascenção rumo à unidade, com a qual, se logram êxito, permanecerão unidos finalmente e nela serão absorvidos por assim dizer. A individualização do homem depois da morte depende do espírito, não de sua alma ou corpo. Ainda que a palavra "*personalidade*", no sentido usual, seja um absurdo quando aplicada literalmente à nossa essência imorredoura, todavia, esta última, como Ego, é uma entidade distinta, imortal e eterna por si só Somente no caso de adeptos da magia negra ou de criminosos cuja redenção não é possível — aqueles que tenham sido criminosos durante uma grande série de vidas —, o fio brilhante que une o espírito à alma pessoal desde o momento do nascimento da criatura é violentamente rompido e a entidade desencarnada é divorciada de sua alma

pessoal, sendo esta última aniquilada sem deixar o menor rastro ou impressão de si mesma na primeira. Se esta união entre o manas inferior ou pessoal e o Ego individual que se reencarna não foi feita durante a vida, então ao primeiro fica reservada a sorte dos animais inferiores que gradualmente se dissolvem no éter e cuja personalidade é destruída; porém, ainda assim o Ego é um ser individual. Nesse caso perde um estado de vachânico (depois desta vida em particular e certamente inútil), como personalidade idealizada e se reencarna quase que imediatamente, depois de ter desfrutado por curto espaço de tempo de sua liberdade como espírito planetário...

"*Desde a mais remota antiguidade, a Humanidade em conjunto sempre esteve convencida da existência de uma entidade pessoal dentro do homem físico. Esta entidade interna era mais ou menos divina segundo sua proximidade à coroa... Quanto mais íntima é a união, mais aprazível e puro é c destino do homem, menos perigosas as condições externas. Esta crença não é fanática, nem supersticiosa, mas um sentimento instintivo, constante, da proximidade do outro mundo espiritual e invisível que, ainda que seja subjetivo para os sentidos do homem exterior é perfeitamente objetivo para o Ego interno. Acreditava-se, além disso, que existem condições externas e internas que afetam a determinação de nossa vontade sobre nossos atos. Repelia-se o fatalismo, porque o fatalismo implica a conduta cega dirigida por um poder mais cego ainda. Porém, acreditava-se no destino ou Karma, que o homem, a exemplo de urna aranha tece fio por fio desde que nasce ate que morre e esse destino sendo guiado por aquela presença, que alguns chamam anjo da guarda, ou por nosso homem astral mais íntimo, que muito freqüentemente é o gênio maligno para o homem de carne (ou a*

personalidade). Ambos guiam no Homem, porém um dos dois deve prevalecer e desde o começo da luta invisível, a severa e implacável lei de compensação (e retribuição) intervém e continua seu curso, seguindo com fidelidade as flutuações (do conflito).

Concluída a última trama, o homem vê-se tolhido na rede que ele mesmo teceu e então se encontra totalmente sob esse destino forjado por ele mesmo. Então o destino o fixa, como concha inerte à rocha inamovível, ou então o arrasta como pluma no torvelinho produzido pelas suas próprias ações."

Tal é o destino do Homem, o verdadeiro Ego, não o Autômato, a CASCA a que dão esse nome. Dele depende chegar a converter-se num vencedor da matéria.

Cada átomo e parte da matéria, bem como de substância, é imperecível em sua essência, mas não em sua consciência individual. A imortalidade é tão-somente a consciência ininterrupta, e dificilmente a consciência pessoal pode durar mais tempo que a própria personalidade. Esta consciência, conforme já disse, sobrevive tão-somente durante o período devachânico, depois do qual é reabsorvida na consciência individual inicialmente e na universal depois. Perguntai a vossos teólogos por que alteraram tão profundamente as escrituras judaicas. Lede a Bíblia se desejais ter uma boa prova de que os escritores do Pentateuco e do Gênesis, particularmente, jamais consideraram a **nephesh** como sendo o sopro com que Deus dotou a Adão (Gên., cap. II,7) como alma imortal. Eis aqui exemplos:

— "*E Deus criou ... a cada **nephesh** (vida), que se move*" (Gên. 1,21), referindo-se aos animais, e diz (Gên. ll,7): "*E o homem se tornou um **nephesh***" (alma vivente), o que demonstra que a palavra **nephesh** se aplicava

indiferentemente ao homem imortal bem como ao animal mortal. "*E seguramente pedirei o sangue de vossas* ***nepheshim*** *(vidas); pedirei a cada animal e ao homem*" (Gên. IX.5). "*Cuida por tua* ***nephesh***" "(Gên, XIX,17). "*Não o matemos*", diz a versão inglesa (XXXVII, 21), "*Não matemos a sua* ***nephesh***", diz o texto hebraico. "***Nephesh*** *por* ***Nephesh***" disse o Levítico. "Aquele que mata a qualquer homem, será seguramente morto", literalmente: "*Aquele que mata a* ***nephesh*** *de um homem*" (Lev. XXIV,17). "*E aquele que mata um animal (****nephesh****) tem que pagá-lo... Animal por animal*", em vez do texto que diz: "***nephesh*** *por* ***nephesh***". Como poderia o homem matar aquilo que é imortal? E isto também explica porque os saduceus negavam a imortalidade da alma; como também prova que, muito provavelmente os judeus mosaicos (os não iniciados pêlos menos) jamais acreditaram na sobrevivência da alma.

A morte.

Se o universo objetivo é em si mesmo uma falácia transitória, porque teve princípio e há de ter fim, também devem ser a vida e a morte meros aspectos e ilusões. Existem, com efeito, mudanças de estado tão-somente.

O Devachan.

Literalmente, a terra dos deuses; uma condição, um estado de felicidade mental, Filosoficamente, uma condição mental semelhante ao sonho, porém muito mais viva e real que o mais vivo dos sonhos. É o estado da maioria dos mortais depois da morte.

O trânsito.

Quando o homem morre é abandonado pêlos seus três princípios inferiores para sempre; isto é, o corpo, a vida e o veículo desta última, ou seja, o corpo astral ou duplo do homem vivente. Então seus quatro outros princípios — o princípio central ou médio (a alma animal ou Kamarupa) com aquilo que se assimilou do Manas inferior e a Tríade superior se encontram em Kama-Loka. Esta é um local astral, o **limbus** da teologia escolástica, o Hades dos antigos, e falando em sentido estrito uma localidade apenas em sentido relativo. Não tem área definida, nem tampouco limite, porém existe dentro do espaço subjetivo, isto é, fora do alcance de nossas percepções sensoriais. Existe, contudo, e é ali que os eidolons de todos os seres que tenham sido viventes, inclusive os animais, esperam sua **segunda morte**. Esta última chega para os animais com a desintegração e a completa desaparição de suas partículas astrais. Começa para o eidolon humano quando a Tríade Atma Buddhi-Manásica "*separa-se*" de seus princípios inferiores, ou seja, do reflexo da personalidade que foi, ao entrar no estado devachânico[8].

Então o fantasma kama-rúpico, privado de seu princípio pensante, o Manas Superior, do aspecto inferior deste último não recebendo, então, da inteligência anima! informação alguma da mente superior e sem cérebro físico para poder funcionar, desaparece.

[8] Reveste-se de extrema importância estudar com alguns detalhes o assim chamado **Livro dos Mortos do Antigo Egito**, do qual existe, segundo nos consta, apenas uma edição em português, publicada pela Hemus — Livraria Editora - São Paulo, e uma de G. Kolpaktchy, pela "Lês Éditions de l'Omnium Littéraire" — Paris, em francês, italiano e alemão. Para os fins colimados a edição em português é suficiente, — N. T.

Mergulha num estado semelhante ao de uma rã quando o vivisseccionista extirpa certas partes de seu cérebro, não pode pensar, nem mesmo no mais baixo plano animal. Não chega sequer a ser o Manas inferior, posto que este inferior nada é sem o superior.

Os liberados.

Aquele que se livra do véu de Maya (como acontece com os Adeptos e Iniciados de grau mais elevado) não pode passar pelo estado devachânico, enquanto para o comum dos mortais sua bem-aventurança é completa no Devachan, um esquecimento absoluto de tudo quanto lhes causara dor ou pena em sua última encarnação e mesmo o esquecimento de que tais sofrimentos existem. Durante o ciclo intermediário entre as encarnações a entidade devachanica vive rodeada por tudo aquilo que sempre desejou em vão na companhia de todos que amou na Terra. Alcançou a realização de todas as aspirações de sua alma e vive assim durante muitos séculos numa felicidade irrestrita como prêmio de seus sofrimentos na vida terrestre; resumindo: banha-se num mar de contínua felicidade que é interrompida somente por fluxos de felicidade de ainda maior grau.

A vida nova.

Assim que acaba o estado devachânico ou de recompensa o Ego é arrastado pela nova forma astral, a que está indissoluvelmente ligado, que se dirige por força

kármica para o seio da mulher de onde deverá nascer a **criatura animal** indicada por Karma para veículo do Ego que acaba de despertar do estado devachânico[9].

Então entra na mulher a nova forma astral composta parcialmente da pura essência akástica do ovo áurico e parcialmente dos elementos terrestres das faltas cometidas pela última personalidade. Uma vez no interior da mulher a natureza modela o feto de carne para a nova forma astral segundo o padrão astral, valendo-se dos materiais proporcionados pela semente masculina no solo feminino. Desta forma, da essência de uma semente brota o fruto físico que por sua vez leva, em si, sementes de futuras plantas.

Reencarnação.

Alguém viajando num vagão de uma locomotiva pode adormecer profundamente e passar por várias estações sem a menor lembrança ou consciência disso, despertar em outra estação e prosseguir a viagem passando por inúmeros pontos de parada até chegar finalmente ao seu destino. Falei de três tipos de sono: o sono sem sonhos, o caótico e o sonho tão real que ao homem que dorme parece realidade efetiva. Se acreditais no último, por que não podeis acreditar no primeiro? Segundo a crença que tenha tido o homem relativamente a vida futura, ou então aquele que não esperava vida futura, encontrará do outro lado um vazio absoluto, semelhante ao aniquilamento no período intermediário de dois renascimentos.

Vamos apresentar agora alguns fragmentos desta doutrina misteriosa da reencarnação, como diferente da metempsicose; doutrina que recebemos de uma autoridade na matéria. A reencarnação consiste na aparição do mesmo indivíduo, ou

[9] Novamente se faz interessante a leitura do Bardo Todol, para esclarecimento desse ponto. — N. T.

melhor dizendo, de sua mônada astral diversas vezes num mesmo planeta e acontece quando a natureza, procurando restabelecer seu equilíbrio perturbado, lança violentamente na vida terrena, novamente, a mônada astral, que foi lançada fora do círculo da necessidade em virtude de um crime ou de acidente. Por exemplo, no caso de abortos, de crianças que morrem antes da idade certa, de idiotismo congênito e incurável, o desígnio original da natureza de produzir um ser humano perfeito foi interrompido, conseqüentemente, muito embora a matéria grosseira de cada uma destas entidades esteja condenada, no momento da morte, a dispersar-se pelo vasto reino do ser, o espírito imortal e a mônada astral do indivíduo — tendo esta última se separado para animar uma forma e o primeiro para derramar sua luz divina sobre a organização corporal — devem intentar pela segunda vez levar a cabo o propósito da inteligência criadora.

Quando a razão foi desenvolvida até o ponto de adquirir atividade e discernimento, não tem lugar a reencarnação nesta terra porque se conjuntaram umas com as outras as três partes do homem tríplice — unitário — e este então encontra-se em condições de iniciar sua marcha. Porém, quando o novo ser não passou além de sua condição de mônada, ou quando, como no idiota, a trindade não se completou, a centelha que o ilumina deve entrar novamente no plano terrestre, posto que sua primeira tentativa incorreu em fracasso. De outra forma as almas divina ou imortal e mortal ou astral não poderia progredir do mesmo modo e passar para a esfera superior. O espírito percorre u'a linha paralela à da matéria e a evolução espiritual caminha harmoniosamente com a física.

Três classes de encarnações.

Vieram ao mundo em sua época respectiva os Mestres que, como Gautama, Shankara e Jesus tinham por missão "*salvar o bem e destruir o mal*". Assim se diz: "*Eu nasço em cada tempo*". E todos nascem pelo mesmo poder.

Estas encarnações que caem fora do círculo geral dos nascimentos são realmente misteriosas. As encarnações divinas podem ser divididas em três grupos os **avatares**, ou encarnações divinas; a dos nirmanakayas ou adeptos que renunciam ao nirvana com o objetivo de auxiliar a Humanidade e as encarnações **naturais** da massa em geral sujeita à roda de nascimentos e mortes. O avatar é uma aparência que poderíamos chamar uma ilusão especial dentro da ilusão natural produzida por Maya. O adepto renasce com o concurso da vontade e arbítrio consciente; porém o comum obedece à grande lei da dupla evolução inconsciente.

Encarnações divinas.

Sempre que a Humanidade está em vias de fundir-se no materialismo e na degradação moral, um Espírito Supremo se encarna em sua criatura escolhida para o objeto. O "*Mensageiro do Altíssimo*" une-se com a dualidade de matéria e alma, e tendo sido completada a trindade por meio da união de sua Coroa, nasce um salvador que ajuda a Humanidade a voltar ao sendeiro da verdade e da virtude. A primitiva Igreja Cristã, totalmente impregnada de filosofia asiática, teve evidentemente mesma crença — de outra forma não teria estabelecido como artigo

de fé um segundo Advento nem inventado astutamente a fábula do Antricristo como precaução contra possíveis encarnações futuras. Nem sequer puderam imaginar que Melquisedeque era uma avatar de Cristo. Teriam tão-somente que recorrer ao Bhagavad Gíta para encontrar Krishna ou Bhagavad dizendo a Arjuna: "*Aquele que me segue se salva pela sabedoria e também pelas obras. Assim que a virtude decai no mundo, eu me manifesto para salvá-lo*".

Na verdade é mais difícil deixar de parte esta doutrina de encarnações periódicas. O mundo não presenciou em grandes intervalos a aparição de grandes caracteres tais como: Krishna, Sakya-muni e Jesus? Da mesma forma que os dois últimos, Krishna parece ter sido um ser real divinizado pela sua escola, em algum período dos albores da História e adaptado à forma do programa religioso sancionado pelo tempo. Comparem-se os dois Redentores, Hindu e Cristão, um precedendo ao outro em alguns milhares de anos; entre ambos insira-se Siddhârtha Budda, refletindo a Krishna e projetando na noite do futuro sua própria sombra luminosa cujos raios reunidos foram desenhando os contornos do místico Jesus e de cujos ensinamentos foram retirados aqueles do Cristo histórico e nos encontraremos como que sob uma roupagem de poéticas lendas que tenham feito viver três figuras humanas reais. O mérito individual de cada um deles é relevado, mais que por qualquer outra coisa, por este colorido místico, posto que a nenhum caráter indigno a multidão teria elegido para a deificação, instinto popular tão infalível e justo quando livre. **Vox populi, Vox Dei** constituiu em outro tempo uma verdade, por mais errôneo que seja quando aplicado ao populacho atual governado por clérigos.

Kapila, Orfeu, Pltágoras, Platão, Basilides, Marcion, Ammonio e Plotino fundaram escolas e semearam os germes de muitos pensamentos nobres e ao

desaparecerem deixaram o esplendor de semideuses. Porém as três personalidades de Krishna, Gautama e Jesus apareceram como verdadeiramente divinas, cada um em sua época e legaram à Humanidade três religiões edificadas sobre a rocha imperecível dos tempos. Que as três tenham sido adulteradas com o decurso do tempo e que esta última tenha quase se tornado incognoscível não é culpa de nenhum dos nobres Reformadores. Os clérigos que se atribuem o nome de cultivadores da "*vinha do Senhor*" são aqueles que deverão prestar contas ante as gerações futuras.

Sejam os três sistemas purificados da escória dos dogmas humanos e a pura essência que restar será a mesma. Até Paulo, o grande e fiel apóstolo, no calor do entusiasmo ou perverteu involuntariamente as doutrinas de Jesus ou seus escritos foram desfigurados até que se tornaram irreconhecíveis. O Talmude, a tradição de um povo, que se sente inclinado, entretanto, a reconhecer a grandeza de Paulo como filósofo e homem versado em religião não obstante sua apostasia do judaísmo diz que Aher (Paulo) no **Jerusalmi** que "*ele corrompeu a obra daquele homem*", referindo-se a Jesus.

Questão de memória.

A memória é simplesmente um poder inato nos seres racionais e até nos animais para reproduzir impressões passadas por meio de uma associação de idéias sugeridas principalmente por coisas objetivas ou por alguma impressão sobre nossos órgãos sensoriais externos. A memória é uma faculdade que depende inteiramente do funcionamento mais ou menos normal de nosso cérebro físico; a lembrança e a reprodução são os atributos e os servidores desta memória. Porém, a reminiscência é uma coisa totalmente diferente, O psicólogo moderno define a

reminiscência como algo intermediário entre a memória e a reprodução "*um processo consciente pelo qual se recordam os fatos passados, porém sem aquela referência completa e variada de objetos determinados caracterizados pela reprodução*".

J. Locke, falando da reprodução e da lembrança, diz: "*Quando uma idéia se oferece de novo à memória sem a influência do próprio objeto sobre os sensos externos é chamada lembrança; se a mente encontra uma idéia que procurara com trabalho e esforço, esta se chama reprodução*".

Mas o próprio Locke deixa de nos dar uma definição clara da reminiscência, porque não é um atributo ou faculdade de nossa memória física, mas uma percepção intuitiva distinta e fora de nosso cérebro físico; uma percepção que ao ser posta em ação pelo conhecimento sempre presente de nosso Ego espiritual alcança e abarca aquelas visões consideradas anormais no homem (desde as pinturas inspiradas pelo gênio, até ao delírio e devaneios da febre e da própria loucura) classificadas pela ciência como inexistentes, exceto em nossa imaginação. O Ocultismo e a Teosofia consideram, todavia, a reminiscência a partir de um ponto de vista completamente distinto; para nós, a memória é física e passageira e depende das condições físicas do cérebro, proposição fundamental entre todos os professores mnemotécnica apoiados, além disso, pelas investigações de psicólogos modernos; porém a reminiscência é a memória da alma. Essa memória é a que dá a todos os seres humanos, compreendam ou não, a certeza de ter vivido anteriormente e a de ter de viver de novo. ..

Sustentamos juntamente com o professor W. Knight que a "*ausência de memória de qualquer ato executado num estado prévio não poder ser argumento concludente contra a possibilidade de ter vivido no mesmo*". E todo adversário de boa fé deverá convir com o que. diz Butler em sua **Conferência sobre filosofia platônica**: "*A idéia de extravagância que isto (a pré-existência) produz tem sua secreta origem nos preconceitos materialistas ou semi-materialistas*". Sustentamos ainda que a memória, como a chamou Olimpiodoro, é simplesmente uma fantasia e a mais insegura das coisas em nós. Ammonio Saccas assegurava que a única faculdade no homem diretamente oposta à profecia ou visão no futuro, é a memória. Uma coisa é a memória e outra a mente ou pensamento, compreendei, posto que uma é máquina para arquivar, um registro que se quebra facilmente; os pensamentos são eternos e imperecíveis. Negar-vos-eis a crer na existência de certas coisas ou homens somente porque não foram vistos por vossos olhos físicos? Não é garantia suficiente da vida de Júlio César o testemunho coletivo de gerações passadas que o viram? Por que não se deveria levar em conta o mesmo testemunho dos sentidos psíquicos das massas?

O esquecimento e a falta de lembrança de nossas vidas anteriores.

Os princípios que chamamos físicos[10] são desintegrados depois da morte juntamente com seus elementos constitutivos e a memória ao mesmo tem pó que seu cérebro. Esta memória desvanecida de um corpo que desapareceu não pode recordar nem registrar coisa alguma na encarnação posterior do Ego. A reencarnação significa que esse Ego será dotado de um novo corpo, de um novo

[10] A saber: o corpo, a vida, os instintos passionais e animais e o fantasma astral ou eidolon de cada homem, seja percebido em pensamento através de nosso olho mental, seja objetivamente e separado do corpo físico, cujos princípios chamamos Sthula sharira, Prâna, Kama-rupa, Linga sharira. Nenhum destes princípios é negado pela ciência ainda que os chame de forma distinta.

cérebro e de uma nova memória. Seria um grande absurdo, conseqüentemente, esperar que a memória lembrasse daquilo que jamais registrou, como seria inútil, da mesma forma, examinar ao microscópio uma camisa que nunca tivesse sido usado pelo assassino para procurar nela manchas de sangue que só poderiam ser encontradas em roupas que usou noutra ocasião. Não é a camisa que deve ser analisada, mas a roupa que vestia quando executou o crime e se esta foi queimada ou destruída como a poderíeis encontrar?

Existe entretanto a evidência circunstancial que nossas sábias leis admitem talvez mais do que deveriam. Para convencer-se do fato da reencarnação e das vidas passadas deve-se interrogar o próprio Ego real e permanente e não a memória que é passageira...

Se as pessoas mais ilustres crêem de boa vontade na "*gravidade*", o "*éter*[11]" , a "força* e tantas outras coisas de Ciência; em abstrações e "*hipóteses*" que nunca viram, tocaram, olfataram, ouviram ou provaram, por que não haveriam de acreditar em outras pessoas, pelo mesmo princípio, no Ego permanente, "*hipótese*" muitíssimo mais lógica e importante que nenhuma outra?

O Ego que se reencarna é o "Eu" individual e imortal, não o pessoal.

O que dizem os sonhos.

Nos sonhos podemos adquirir experiências boas e más; devemos, pois, prepararmo-nos e educarmo-nos para evitar só maus resultados do sonho.

[11] Ressalve-se que atualmente não mais. — N. T.

O Manas inferior dorme quando o sonho é sensível e então a consciência animal guiada por Karma se dirige para a luz astral; a propensão e sempre animal nos sonhos sensoriais.

Se fôssemos capazes de recordar o que sonhamos enquanto dormimos profundamente seríamos capazes, do mesmo modo, de recordar nossas vidas anteriores.

A recordação.

Algumas pessoas recordam durante a vida suas encarnações passadas, porém essas pessoas são Budas e Iniciadas. Isto é o que os iogues chamam "*sammá-sanbuddha*" ou conhecimento das próprias encarnações passadas...

Depois da morte começa a efetuar-se ante os olhos espirituais da alma uma representação correspondente ao programa aprendido e que muito freqüentemente foi composto por nós mesmos; a realização prática das crenças correias ou das ilusões criadas por nós. O Metodista será Metodista; o Muçulmano será Muçulmano, durante algum tempo pelo menos, num paraíso de insensatos criado segundo o gosto de cada um. Tais são os frutos **post-mortem** da árvore da vida. Nossa crença ou incapaz, naturalmente, de exercer alguma influência sobre a realidade incondicionada do fato em si, posto que existente, porém a crença ou incredulidade naquela imortalidade como propriedade de entidades quando da aplicação a cada uma dessas entidades, independentes ou separadas não deixa de influenciar quando da aplicação a cada uma dessas entidades. Começais agora a compreender?

Os homens elevados.

Cada ciclo acarreta um desenvolvimento novo e até uma mudança completa na constituição mental, psíquica, espiritual e física do homem promovendo a evolução destes princípios numa escala sempre ascendente. Daqui se deduz que os homens como Confúcio e Platão, que pertenciam, psíquica como espiritualmente a planos mais elevados de evolução eram neste nosso vasto tempo como a maioria dos homens serão no quinto ciclo, cuja Humanidade predestina-se a um encarte mais elevado na escala da evolução que nossa Humanidade do presente.

Explicações para o contato dos vivos com os espíritos desencarnados.

A primeira exceção ocorre durante os primeiros dias imediatamente posteriores à morte de pessoa e antes que o Ego entre no estado devachânico. Saber se algum mortal obteve grande benefício do regresso do espírito ao plano objetivo é uma outra questão. Talvez tenha acontecido assim em alguns casos excepcionais, quando a intensidade do desejo do moribundo por algum determinado objeto tenha forçado a consciência superior a permanecer desperta e portanto foi a individualidade, o "*espírito*" que se comunicou. Depois da morte o espírito fica ofuscado, deslumbrado e rapidamente cai no estado que chamamos "*inconsciência pré-devachânica*".

A segunda exceção corresponde aos Nirmana-kayas, nome que é dado àqueles que, muito embora tenham ganho o direito ao Nirvana e ao repouso cíclico, renunciam a tudo por amor à Humanidade e aos que deixaram na Terra. Tais Adeptos, Santos ou seja lá o nome pelo qual desejais chamá-los, considerando o

repouso na bem-aventurança como um ato de egoísmo, posto que a Humanidade geme sob o peso dos sofrimentos e da miséria produzidos pela ignorância, renunciam ao Nirvana e resolvem permanecer invisíveis em espírito na Terra. Os Nirmanakayas não possuem corpo material uma vez que abandonaram, porém continuam na posse de todos os seus princípios até na vida astral de nossa esfera. Podem se comunicar e se comunicam com alguns eleitos, ainda que, seguramente, não com os médiuns vulgares.

O KARMA

A Lei Suprema.

O ciclo da vida, ou melhor, o ciclo da vida consciente começa com a separação de sexos do homem animal mortal e terminará com o fim da última geração de homens, no sétimo ciclo e raça da Humanidade. Considerando que presentemente nos encontramos no quarto ciclo e quinta raça é mais fácil imaginar a duração que expressá-la...

Prosseguiremos, seguramente, encarnando em novas personalidades durante o tempo todo, porque essa vida cíclica ou período de encarnação pode ser comparado com a vida humana. Como cada vida desta última é composta de dias de atividade separados por noite de sono ou inação, também num ciclo de encarnação cada vida ativa é seguida de um descanso devachânico.

Através destes nascimentos é que se obtém o progresso perpétuo dos inumeráveis milhões de Egos até a perfeição e um descanso final por tanto tempo quanto tenha durado a atividade.

E o que regula a duração ou qualidades especiais dessas encarnações é Karma: a lei universal de justiça retributiva. . .

Para o materialista, que considera a lei de periodicidade que regula a ordem das coisas e todas as outras leis da Natureza como forças cegas e leis mecânicas, não resta dúvida que Karma deve ser uma lei ou uma casualidade e nada mais. Para nós não há adjetivo ou qualificativo algum capaz de descrever o que é impessoal, o que não é uma entidade mas uma lei operatória universal. Se

me perguntais acerca da inteligência causal que existe nele, responderei que não sei. Porém, se desejais que defina seus efeitos e que diga quais são, segundo nossas crenças, posso dizer que a experiência de milhares de anos nos diz que são a equidade, a sabedoria e a inteligência absolutas e infalíveis. Porque em seus efeitos Karma repara a injustiça humana e todas as outras faltas da Natureza e corrige os erros com justiça estrita; é uma lei retributiva que recompensa e castiga imparcialmente. Falando em sentido estrito, "*não respeita a ninguém*" e por outro lado é implacável e imutável mesmo através de oração. Esta crença é comum aos budistas e aos hindus; ambos crêem em Karma.

Universalidade do Karma.

A lei de Karma é aplicada a todos por igual, ainda que nem todos estejam igualmente desenvolvidos. Ajudando o desenvolvimento dos demais, o teósofo acredita que não só os ajuda a cumprir seu Karma, mas que também ele, no sentido mais rigoroso, também está cumprindo o seu. O desenvolvimento da Humanidade, da qual todos somos partes integrantes, é o que se propõe sempre e sabe que qualquer falta de sua parte em responder ao mais elevado de seu ser não apenas o retarda na progressão de sua marcha como também a todos. Pode fazer com suas ações que seja mais fácil ou difícil, para a Humanidade, alcançar o próximo plano mais elevado do ser...

Se nossas atuais vidas dependem do desenvolvimento de certos princípios, que são produto dos germens que uma existência anterior nos deixou, a lei é exata relativamente ao futuro. Tendo sido perfeita a compreensão de que a causalidade universal não é puramente presente, mas passada, presente e futura e que cada

ação encontra em nosso plano o lugar que lhe corresponde, perceber-se-á sua verdadeira relação conosco e com os demais. Cada ação mesquinha e egoísta nos impele para trás e não para a frente, e todo pensamento nobre e todo ato generoso são escalões que conduzem aos planos mais elevados e gloriosos do ser. Se esta vida fosse tudo, então, por muitas razões, seria bem pobre e desprezível, mas considerada como uma preparação para a esfera imediata de existência pode servir de porta dourada pela qual podemos passar, não sozinhos e egoisticamente, mas em companhia de nossos semelhantes, aos palácios do além.

Duas boas definições.

E. D. Walker, em sua obra **Reencarnação**, nos oferece a seguinte explicação:

"*A doutrina de Karma explica que nós mesmos nos fizemos o que somos por atos anteriores e que formamos nossa eternidade futura com as ações presentes. Não existe outro destino além daquele que nós mesmos determinamos. Não há salvação nem condenação alguma, exceto aquela originada por nós mesmos... Como Karma não oferece nenhum amparo aos gestos culpáveis e requer muito valor, não encontra entre as naturezas débeis tão boa acolhida como as fáceis doutrinas de remissão dos pecados, a intercessão, o perdão e as extremas-unções... No domínio da eterna justiça, a ofensa e o castigo estão unidos inseparavelmente como um único fato porque não existe real diferença entre a ação e sua conseqüência... Karma ou nossos antigos atos são os responsáveis pela nossa volta à vida terrestre. A residência do espírito muda segundo seu Karma que não permite uma larga permanência na mesma condição, uma vez que sempre está se modificando. Enquanto a ação for governada por motivos materiais e egoístas*

manifestará seus efeitos com renascimentos físicos; somente o homem perfeitamente desinteressado pode livrar-se do peso da vida material; poucos o conseguiram, mas esta é a meta à qual tende a Humanidade...".

Outro ilustre escritor teosófico diz (**Objeto da Teosofia**, por A. P. Sinnett):

"*Cada indivíduo, com cada ato e pensamento diário, está criando bom ou mau Karma e está ao mesmo tempo esgotando nesta vida o Karma produzido pêlos atos e desejos da anterior. Quando vemos pessoas atormentadas por sofrimentos naturais pode-se dizer que esse sofrimento são resultados inevitáveis de causas originadas pelas mesmas num nascimento anterior. Poderá alguém argumentar que pelo fato dessas aflições serem hereditárias nada têm a haver com uma encarnação passada, mas é preciso lembrar que o Ego, o homem real, a individualidade, não tem sua origem espiritual na parentela que o reencarna, mas que é atraído pelas afinidades que seu gênero de vida agrupou na corrente que o leva, quando chega a hora do renascimento, para a morada mais adequada para o desenvolvimento dessas tendências... A doutrina de Karma bem compreendida guia e ajuda àqueles que compreendem sua verdade, elevando e melhorando sua vida; porque não se deve esquecer que não apenas nossos atos, mas também nossos pensamentos atraem com certeza um acúmulo de circunstâncias determinantes no nosso futuro e o que é mais importante, ainda no futuro de nossos semelhantes. Se os pecados por omissão ou cometimento somente interessassem ao Karma do pecado, o fato teria menores conseqüências; porém, como cada pensamento e ato na vida acarreta uma influência correspondente, boa ou má, nos outros membros da família humana, o sentido estrito da justiça, moralidade e generosidade é necessário à felicidade ou progresso futuros. Nenhum arrependimento, por maior que seja, pode apagar os*

resultados de um crime já cometido ou os efeitos de um mal pensamento. O arrependimento se é sincero deterá o homem, impedindo-o de cometer novamente as mesmas faltas, porém não pode livrá-lo e aos demais dos efeitos já produzidos por aquelas que infalivelmente recairão sobre ele nesta vida ou no próximo renascer''.

Perceptibilidade do Karma.

É a lei infalível que ajusta o efeito à causa nos planos físico, mental e espiritual do ser. Como nenhuma causa deixa de produzir seu efeito correspondente, desde a maior até a menor, desde a perturbação cósmica até o movimento das nossas mãos e como o semelhante produz o semelhante Karma é aquela lei invisível e desconhecida que ajusta sábia, equitativa e inteligentemente cada efeito à sua causa, remontando esta ao seu produtor. Ainda que incognoscível, sua ação é perceptível...

Segundo nossa doutrina, todos esses males sociais, a distinção de classes na sociedade e a dos dois sexos nos assuntos da vida, a distribuição desigual do capital e do trabalho etc. são devidas ao que chamamos Karma.

Inexorabilidade de Karma.

Karma devolve a cada homem as conseqüências precisas de seus próprios atos sem levar em conta seu caráter moral, mas recebendo o que lhe é devido por tudo, é evidente que terá que expiar todos os sofrimentos que tenha causado, da mesma maneira que recolherá com júbilo os frutos da felicidade e harmonia que tenha contribuído a produzir.

Um novo Karma.

O suicídio é sempre devido a uma enfermidade mórbida do cérebro ou a opiniões materialistas arraigadas. É o pior de todos os crimes e terrível em seus resultados...

A morte voluntária é a deserção de nosso posto atual é o abandono de nossos deveres, bem como o desejo de fugir às responsabilidades kármicas; tudo o que implica a criação de um novo Karma.

A MORAL

O Dever.

O dever é aquilo que se deve à Humanidade, a nossos semelhantes, a nossos vizinhos, à nossa família e especialmente o que devemos a todos aqueles que são mais pobres e desamparados que nós mesmos. Esta é uma dívida que não satisfeita durante a vida nos torna espiritualmente insolventes e cria um estado de quebra moral em nossa próxima encarnação. A Teosofia é a quintessência do dever... O que chamais "*deveres cristãos*" foi inculcado por todos os grandes reformadores morais e religiosos séculos antes da Era Cristã. Não se tratava antigamente de tudo o que era grande, generoso e heróico, sendo objeto, como hoje, de prédicas no púlpito e até mesmo por nações inteiras. A história budista está repleta dos atos mais nobres e mais heroicamente generosos. "*Sede todos uma só vontade; compadecei-vos uns dos outros: querei-vos como irmãos; sede misericordiosos, afáveis; não devolvei mal ao mal, ou injúria por injúria mas, sede bondosos*". Observaram praticamente esses preceitos os discípulos de Buda, alguns séculos antes de Pedro. A ética do Cristianismo é indubitavelmente grande, mas é também inegável que não é nova, e que nasceu do mesmo modo que os deveres pagãos...

Os que praticam seu dever para com todos e somente pelo dever são poucos e ainda menor número é contado entre os que cumprem esse dever pelo contentamento de sua própria consciência...

Formosa, para leitura e discussão, é a ética moderna, porém que são as palavras quando não se convertem em atos? Finalmente, se me perguntais de que

modo compreendemos o dever teosófico posto em prática e relacionado com Karma, posso responder que nosso dever é o de beber, sem a mínima queixa, até a última gota de qualquer conteúdo que o destino nos ofereça na taça da vida; colher as rosas da vida tão-somente pelo aroma que possam exalar para os outros e nos contentarmos tão-somente com os espinhos se não podemos gozar daquele aroma sem privar dele um outro ser.

Não se trata do que nós, membros da Sociedade Teosófica, fazemos — ainda que alguns de nós façam tudo quanto possam — mas sim de que a Teosofia nos leva mais longe no caminho do bem do que o faz o Cristianismo moderno. A ação esforçada e leal é o que digo, não a simples intenção e as palavras! Um homem pode ser o que quiser; o mais mundano egoísta e duro de todos os homens e até o maior canalha e isto não lhe impedirá de arrogar-se o nome de cristão, nem tampouco a um outro de considerá-lo como tal. Porém nenhum teósofo tem direito a esse nome se não está inteiramente imbuído do axioma de Carlyle: "*O objeto do homem é um ato e não um pensamento, ainda que este fosse o mais nobre*" e se não amolda sua vida diária a esta verdade...

A felicidade, ou melhor, a satisfação pode ser conseqüência para o cumprimento do dever, mas não é nem deve ser o motivo para isso.

Os deveres.

O primeiro dos deveres teosóficos é o de cumprir o próprio dever para com todos os homens e principalmente com aquelas pessoas com as quais temos obrigações especiais, seja por tê-las assumido voluntariamente, como por exemplo

os laços do matrimônio, seja por termos sido ligados a elas pelo destino, como as que devemos a nossos pais ou parentes.

Deve-se reprimir e vencer ao seu inferior por intermédio do superior. Purificar-se interna e moralmente; não temer a ninguém nem a nada além do tribunal de sua própria consciência. Não fazer nada pela metade; isto é, quando se acredita fazer uma coisa boa, deve-se fazê-la aberta e francamente e se é má, apartar-se dela completamente. "*É dever de um teósofo aliviar sua carga pensando no sábio aforismo de Epitecto: Não te deixes apartar de teu dever por qualquer reflexão que possa fazer a teu respeito o néscio mundo, porque suas censuras não estão em teu poder e conseqüentemente não devem importar em nada...*"

Nenhum homem pode dizer que nada pode fazer pelos demais, sob nenhum pretexto. "*Cumprindo sua obrigação na ocasião conveniente, o homem pode tornar-se credor do mundo*", disse um escritor inglês. Um jarro d'água oferecido a tempo ao viajante sedento é mais valioso e digno que uma dúzia de manjares oferecidos a pessoas que podem pagar por eles. Um homem que não sinta isso jamais será teósofo; poderá, entretanto, continuar sendo membro de nossa Sociedade. Não temos regras para obrigar um homem a ser um teósofo prático se este não deseja ser.

O sacrifício.

A Teosofia considera o sacrifício individual pelo bem de muitos como muito superior à abnegação por uma idéia sectária, como por exemplo a de "*salvar os pagãos da condenação*".

Em nossa opinião o Padre Damião (aquele jovem de trinta anos que sacrificou sua vida inteira para aliviar os sofrimentos dos leprosos de Molokai e que viveu durante dezoito anos sozinho com eles, sendo atacado pelo mal e morrendo) não se sacrificou inutilmente. Aliviou e proporcionou uma relativa felicidade a milhares de pobres desgraçados. Consolou-os mental e fisicamente, derramou um raio de luz na tenebrosa noite terrível de uma existência, cuja amargura não é comparável a nenhuma outra nos anais do sofrimento humano. Era um verdadeiro teósofo e sua memória viverá eternamente em nós. Consideramos esse pobre sacerdote belga incomensuravelmente mais elevado que, por exemplo, aqueles sinceros, porém insensatos e inúteis missionários que sacrificaram suas vidas nas ilhas dos mares do Sul ou na China. Que bem lograram fazer? Nas primeiras lidavam com seres ainda inaptos para a recepção de qualquer verdade e no segundo caso, tratava-se de uma nação cujos princípios de filosofia religiosa são tão elevados como quaisquer outros, se quisessem, aqueles que os possuem, seguir o modelo de Confúcio e outros sábios de sua raça. Morreram vítimas de canibais e de selvagens, ou do fanatismo e ódio populares; enquanto que se tivessem ido aos tugúrios de Whitechapel ou outra daquelas localidades que param e apodrecem sob o brilhante sol de nossa civilização, cheias de selvagens cristãos e de lepra mental, teriam podido executar um verdadeiro bem e ter conservado sua vida para uma causa melhor e mais digna.

Se dispuséssemos de meios para tanto, erigiríamos uma estátua do padre Damião, santo verdadeiro e prático, perpetuaríamos sua memória para sempre como exemplo vivo de heroísmo teosófico, de compaixão e auto-sacrifício budista e cristão...

Porém uma distinção deve ser estabelecida. Nenhum homem tem direito de deixar-se morrer de fome para que outro possa alimentar-se, a não ser que a vida deste último seja, de maneira evidente, de maior utilidade aos outros do que a sua. Porém é seu dever sacrificar seu próprio bem-estar e trabalhar pêlos demais se estes são incapazes de fazê-lo. É seu dever dar tudo quanto tenha, completamente, se não tem serventia a ninguém além de si mesmo, no caso de guardá-lo egoisticamente. A Teosofia ensina a abnegação, porém não o auto-sacrifício impulsivo e inútil, nem justifica o fanatismo.

A caridade.

As idéias da Teosofia acerca da caridade significam esforço pessoal para os demais; compaixão e bondade pessoais; interesse pessoal no bem-estar e prosperidade dos que sofrem; previsão e ajuda pessoais em suas penas e necessidades. Os teósofos não acreditam na eficiência do sistema de dar dinheiro por intermediários; acreditam aumentar cem por cento o poder do dinheiro e sua eficácia pelo nosso contato e simpatia pessoais com os que o necessitam. Crêem no alívio da alma tanto, se não mais, que aquele do estômago; porque o agradecimento promove maior bem naquele que o expressa que naquele que o fez sentir. Onde está o agradecimento que vossos milhões de libras esterlinas deveriam ter despertado ou os bons sentimentos provocados por eles? Por ventura no ódio que o pobre do East-End sente pelo rico? No aumento do partido da anarquia e da desordem ou nessas centenas de operárias, vítimas do sistema "*do suor*" obrigadas a andar pelas ruas, diariamente, para ganhar o sustento? Acreditamos que um bom livro que oferece às pessoas matéria para pensar que fortalece e torna mais clara sua mente facilitando-lhes o entendimento de verdades sentidas de maneira vaga,

porém sem que as pudessem formular, produz um bem real e substancial. Relativamente ao que chamais de atos práticos de caridade em favor de nossos semelhantes, fazemos o pouco que podemos, porém, como já disse, a maior parte de nossos irmãos é pobre e a Sociedade, por si mesma, não tem recursos suficientes para contratar gente dedicada a seu serviço. Todos os que nos esforçamos para fazê-lo damos trabalho gratuitamente e em muitíssimos casos nosso dinheiro. Os poucos que reúnem condições de fazer o que se chama vulgarmente atos de caridade seguem os preceitos budistas e trabalham por si próprios, porém não por procuração ou subscrevendo publicamente a obras caritativas. O teósofo deve antes de mais nada esquecer sua personalidade.

As chaves da fraternidade.

Os quatro elos da cadeia dourada que deveria unir a humanidade, fazendo dela uma só família e uma fraternidade universal são: Unidade e Causalidade universais, Solidariedade humana, lei do Karma e Reencarnação. Como?

No estado atual da sociedade, particularmente nos países chamados civilizados, esbarramos continuamente com grandes massas que sofrem por efeito da miséria, da pobreza e das enfermidades, Suas condições físicas são miseráveis e suas faculdades mentais e espirituais freqüentemente inativas. Por outro lado, muitas pessoas que ocupam o extremo oposto na escala social vivem indiferentes, entregues ao luxo material e à complacência egoísta. Nenhuma dessas formas de existência é fruto de pura causalidade, ambas são efeitos das condições que rodeiam aqueles que estão sujeitos a elas se o abandono do dever social por um lado tem relação muito íntima com o progresso interrompido do outro. Na Sociologia, como em todos os ramos da verdadeira ciência, a lei da Causalidade universal é

exata, porém esta causalidade implica como conseqüência lógica ã solidariedade humana, na qual muito insiste a Teosofia. Se a ação de uma pessoa provoca reflexos na vida de todas as demais e esta é a verdadeira ciência científica, então somente com a conversão de todos os homens em irmãos e praticando todos, diariamente, a verdadeira fraternidade é que se alcançará a solidariedade humana real em que se estriba e enraíza a perfeição da raça. Esta ação mútua, esta verdadeira fraternidade, em que cada um deve viver para todos e todos para um, consiste num dos princípios teosóficos fundamentais a que todo teósofo deveria obrigar-se não apenas a ensinar, mas a aplicar praticamente na vida.

A MÍSTICA

A Sociedade Teosófica não espera e muito menos exige de nenhum de seus membros o ascetismo de modo algum, a menos que por este nome seja designado o esforço de fazer o bem aos outros e evitar o egoísmo.

A Oração.

Um ocultista ou teósofo dirige sua oração a seu Pai que existe em segredo (lede e compreendei o cap. VI, v. 6 de Mateus) e não a um Deus extracósmico e portanto finito. Esse Pai se encontra no próprio homem.. .

Para nós, o homem interior é o único Deus que podemos conhecer. E como poderia ser de outro modo? Concede-nos o que pretendemos, isto é, que Deus é um princípio difundido universalmente. Como o homem pode em tal caso compenetrar-se com, por e na Divindade? Chamamos nosso "*Pai no céu*" àquela deífica essência que reconhecemos em nós, em nosso coração e consciência espiritual e que nada tem com o conceito antropomórfico que podemos formar em nosso cérebro ou em nossa imaginação. "*Não sabeis que sois o templo de Deus e que em vós habita o espírito de (o absoluto) Deus?"* Todavia, que o homem evite antropomorfizar àquela essência que está em nós. Não diga um teósofo se quer seguir a verdade divina e não a humana que esse "*Deus em segredo*" rescuta ao homem finito ou é distinto do mesmo ou da essência infinita, porque todos são um. Nem mesmo que a oração é um pedido; como acabamos de observar, é antes de mais nada um bem, um mistério: um processo oculto pelo qual pensamentos e desejos condicionados e

conseqüentes incapazes de serem assimilados pelo espírito absoluto, incondicionado, são transformados em desejos espirituais e em vontade chamando-se a esse procedimento "*transmutação espiritual*". A intensidade em nossas ardentes aspirações transformam a oração na "*pedra filosofal*" ou aquilo que transmuta o chumbo em ouro puro. Por nossa "oração de vontade" a única essência homogênea transforma-se em força ativa ou criadora e produz efeitos de acordo com nosso desejo.

A oração, força e ritmo.

A **Força de Vontade** se transforma numa força vivente real. Porém, desgraçados daqueles teósofos e ocultistas que em lugar de extirpar os desejos de seu ego inferior pessoal ou homem físico e dizer a seu Ego Espiritual superior, rodeado de luz Atma-Búdica: "*Seja cumprida a tua vontade e não a minha*", usam da força de vontade para fins egoístas ou ímpios. Isto é magia negra, abominação e feitiçaria espiritual. Infelizmente esta é a ocupação favorita de nossos homens de Estado e generais cristãos, particularmente quando precipitam dois exércitos um contra o outro para que se destruam mutuamente. Uns e outros se entregam, antes da ação, a um ato de bruxaria oferecendo, respectivamente, orações ao mesmo Deus dos exércitos e pedindo-lhe ajuda na degola dos adversários...

Não somente significa rogo ou pedido, mas o que antigamente se chamava invocação ou encantamento. A mantra ou oração rítmica cantada dos hindus tem precisamente este sentido, pois os Brâmanes se consideram superiores aos devas comuns ou "*deuses*". Uma oração pode ser um apelo ou encantamento para u'a

maldição e uma blasfêmia (como no caso de dois exércitos rezando simultaneamente para a mútua destruição) ou para uma bênção. E como a maioria das pessoas é sumamente egoísta e somente reza para si mesma, pedindo que se lhes dê o "*pão de cada dia*" em vez de trabalhar para consegui-lo e rogando que Deus "*não lhes deixe cair em tentação*" mas que "*os livre do mal*" (somente ao suplicante) a oração torna-se duplamente perniciosa: a) destrói a autoconfiança do homem b) desenvolve nele um egoísmo mais encarniçado que o natural. Repetimos que acreditamos na "*comunhão*" e ação simultânea com nosso "*Pai em Segredo*" e em raros momentos de felicidade extática; na fusão de nossa alma superior com a essência universal, sendo atraída para sua origem e centro; estado chamado Samadhi durante a vida e Nirvana depois da morte. Recusando-nos a rezar diante de seres criados finitos, por exemplo: deuses, santos, anjos etc., porque consideramos a isto como idolatria. Não podemos rezar ao Absoluto pelas razões expostas anteriormente e conseqüentemente tratamos de substituir a oração, estéril e inútil, por atos meritórios e boas ações.

A magia.

No cemitério do passado remoto permanecem seus carvalhos sagrados agora secos e despojados de seu simbolismo espiritual pelo venenoso sopro do materialismo. Para o estudante de ciências ocultas sua vegetação ainda é exuberante e louçã e tão cheia de verdades profundas e sagradas como quando o arquidruida verificava suas curas mágicas e, agitando o agárico, arrancava com sua tesoura áurea o ramo verde de seu originador: o carvalho. **A Magia é tão antiga quanto o homem**. É tão impossível citar a época em que aparece pela primeira vez

quanto indicar o dia do nascimento do primeiro homem. Sempre algum escritor tentou relacionar suas origens em algum país segundo os dados históricos possuídos, mas investigações posteriores demonstraram que suas opiniões eram infundadas. Odin, o sacerdote e monarca escandinavo, segundo a crença de alguns foi o primeiro a introduzir as práticas mágicas uns setenta anos antes de Cristo. Porém é facilmente demonstrável que os misteriosos ritos praticados pelas sacerdotisas chamadas Voïlers, Valas, são muito anteriores àquela época. Alguns autores modernos esforçam-se em provar que Zoroastro foi o fundador da Magia, unicamente porque foi o fundador da religião dos magos. Ammiano Marcelino, Arnobio, Plínio e outros historiadores da antiguidade demonstram de forma concludente que Zoroastro foi tão-somente um reformador da Magia tal qual praticada pelos caldeus e egípcios.

A Magia aparece no mundo com as primeiras raças humanas. Cassiano faz referência a um tratado muito conhecido nos séculos IV e V atribuído a Cam, filho de Noé, que o teria recebido de Jared, a quarta geração de Set, o filho de Adão.

Moisés devia seus conhecimentos à mãe da princesa egípcia Thermuthis que o salvou das águas do Nilo. A esposa de Pharaon, Batria, era uma Iniciada e os judeus deviam a ela seu profeta "*instruído com toda sabedoria dos egípcios e famoso em palavras e obras*". Justino Mártir, apoiando-se na autoridade de Trogo Pompeo, mostra José adquirindo grandes conhecimentos nas artes mágicas dos sumos sacerdotes do Egito.

Os antigos sabiam mais, relativamente a certas ciências, que os vossos sábios já descobriram. Ainda que a muitos repugne confessar, mais de um sábio tem perfeito conhecimento disso. "*O grau de conhecimento científico existente no*

período primitivo da sociedade era muito maior que aqueles que os modernos querem admitir", diz o Dr. A. Todd. Thomson, o editor das Ciências Ocultas por Salverte e acrescenta: "*Porém estava encerrado nos templos cuidadosamente vedado aos olhos do povo e exclusivamente à disposição do sacerdote*". Falando da Cabala, o erudito Franz von Baader assevera que "*nossa salvação e sabedoria, bem como nossa ciência é devida aos judeus*". Porém, por que não completar a frase e dizer ao leitor de quem haviam os judeus obtido a sabedoria?

Orígenes, que havia pertencido à Escola Platônica de Alexandria, declara que Moisés, além da doutrina que ensinou às turbas, comunicou segredos importantes "*das ocultas profundidades da lei*" aos setenta anciãos e ordenou-lhes que os comunicassem apenas a pessoas que fossem dignas de possuí-los.

São Jerônimo fala dos judeus de Tiberias e de Lydda como sendo os únicos que ensinam o sistema místico de interpretação. Finalmente, Ennemoser sustenta firmemente a opinião de que "*os escritos de Dionísio Areopagita fundam-se visivelmente na Caballa judaica*".

Perigos da Magia prática.

Duplo é o poder da magia e nada mais fácil, conseqüentemente, que sua degenerescência em feitiçaria, para o que **basta, tão-somente, um mal pensamento**.

Assim, enquanto o ocultismo teórico é inocente e pode até ser benéfico, a magia prática, o fruto da árvore da vida e da sabedoria, ou seja, a "*ciência do bem e do mal*" está cheia de riscos e perigos.

Para estudar o ocultismo teórico existem, indubitavelmente, várias obras de leitura proveitosa, além dos livros como **Forças sutis da natureza, o Zohar, o Sepher Yetzirah, o Livro de Enoque, a Cabala** e outros tratados herméticos que se raros nas línguas vulgares européias são abundantes em latim por terem sido seus autores os filósofos medievais, que recebem o nome de alquimistas ou romances[12].

Todavia ainda a leitura desses livros pode ser prejudicial ao estudante que não disponha de um guia que os possa abrir e permaneça sem chave adequada e sem capacidade para distinguir entre os caminhos direito e esquerdo da magia. Neste caso seria aconselhável que o estudante não empreendesse a tarefa, pois acarretaria, a si e aos seus, os males e opiniões sem conhecer sua procedência e natureza que, despertados pela sua mente, gravitariam sobre sua vida.

Muitas obras são adequadas para estudantes adiantados, porém só podem ser postas à disposição de discípulos juramentados ou cheias cujo explícito e solene compromisso lhes dê direito à proteção e ajuda.

Por melhores intenções que possuam as obras, em qualquer outro caso, a leitura levará indefectivelmente, por falta de direção, à magia feiticeira ou talvez a coisas piores.

---

[12] Além do Corpus Hermeticum e Discurso da Iniciação, de Hermes Trismegistos (ed. Hemus), também é disponível um comentário do Sepher Yetzirah feito pos Eliphas Levi e editado pela Editora do Pensamento sob o título **As Origens de Cabala**. — N. T.

Os caracteres místicos, as letras, os números, especialmente estes últimos são a parte mais perigosa de tudo que encontra na **Grande Cabala**. Dizemos a mais perigosa pela simples rapidez de seu efeito, independentemente da vontade do experimentador e ainda sem seu conhecimento. Alguns estudantes podem corroborar a exatidão desta afirmativa pelo fato de após manipularem estes números terem sido acometidos por horrendos resultados de ordem física, sendo todavia mais perigosas as causas morais produzidas e os vários acontecimentos sobrevindos em imprevistas crises.

Isto atesta a correção e conveniência de não deixar aos estudantes profanos a faculdade de discernir.

Os poderes sobrenaturais.

Numerosas e várias são as seitas na China, Sião, Mongólia, Tibete, Cachemir e na índia Britânica que dedicam suas vidas ao cultivo dos chamados "**poderes sobrenaturais**". Semedo, discorrendo acerca de uma dessas seitas, os Taossé, diz: "*Pretendem, através de certos exercícios e meditações, recobrar a juventude e outros chegar a ser Shiensien, que é a mesma coisa*". Beatos Terrestres que podem satisfazer todos seus desejos, gozando ao mesmo tempo da faculdade de transladar-se de um lugar para outro, por distante que seja, com facilidade e prontidão. Esta faculdade refere-se à projeção da entidade astral, numa forma mais ou menos materializada, porém não é com certeza a locomoção do corpo físico. Este fenômeno não é mais milagroso que a reflexão de uma imagem num espelho. Ninguém pode perceber em tal imagem uma partícula da matéria e, todavia, ali está

nosso duplo refletindo fielmente até cada um de nossos fios de cabelo, Se através desta simples lei de reflexão pode ser visto nosso duplo num espelho, quanto maior e mais real não é a prova de sua existência dada pela arte da fotografia! O fato de que nossos físicos não tenham encontrado meios de tirar fotografias a longa distância não é uma razão para afirmar que esta seja uma aquisição impossível para aqueles que encontraram esses meios no poder da própria vontade humana, desligada de qualquer tipo de interesses mundanos[13].

Nossos pensamentos são matéria, diz a ciência, toda energia produz uma perturbação maior ou menor no espaço. Portanto, como cada homem — da mesma forma que todos os seres vivos e até objetos inertes — possui uma aura produzida pelas suas próprias emanações, que o circunda e que pode ser deslocada, por um simples esforço de vontade transladar-se para onde quiser, por que seria cientificamente impossível que seu pensamento, regulado, intensificado e guiado por aquela maga poderosa, a VONTADE, educada, possa assumir forma corpórea durante um certo tempo e aparecer diante de qualquer um como duplicata do original?

[13] Por volta de 1838 e 1840 corria entre os amigos de Daguere uma anedota tida como válida. Alguns meses antes da apresentação da célebre metodologia Daguerreana à Academie des Sciences, por Arago (junho, 1839), a sra. Daguerre, numa tertúlia consultou com grande interesse a uma das celebridades médicas da época acerca da condição mental de seu marido. Depois de explicar ao módico os numerosos sintomas do que acreditava ser perturbação mental de seu marido, acrescentou, com lágrimas nos olhos, que para ela a maior prova da loucura de Daguerre era sua firme convicção de que lograria gravar sua própria sombra na parede ou fixá-la em mágicas placas metálicas. O facultativo ouviu-a com grande atenção e respondeu que também havia observado em Daguerre, nos últimos tempos, os mais inequívocos sintomas do que, segundo seu modo de ver, era uma prova inegável de loucura, acabando por aconselhá-la, formalmente, que com o maior sigilo e presteza, enviasse seu marido a Biestre, o famoso asilo de loucos. Dois meses depois um profundo interesse era despertado no mundo da Arte e da Ciência com a exibição de numerosos desenhos obtidos com o novo processo. As sombras, unham sido fixadas sobre placas metálicas e o "louco" proclamado o pai da fotografia.

Esta presentificação, pelo estado atual da ciência, é por acaso algo mais inconcebível do que a fotografia ou o telégrafo a menos de quarenta anos ou o telefone a menos de catorze meses[14]?

Se a placa sensível pode, com tanta minúcia, apropriar-se da imagem de nossos rostos, esta imagem deve, neste caso, ser algo substancia! ainda que não sejamos capazes de percebê-la. E se podemos, com auxílio de instrumentos ópticos, projetar nossas imagens sobre uma parede branca, a uma distância de várias centenas de pés por vezes, não existe razão alguma que os adeptos, os alquimistas, os sábios da arte secreta não tenham encontrado aquilo que os homens de ciência negam atualmente, mas que com certeza podem descobrir amanhã, isto é, o modo de projetar eletricamente seus corpos astrais instantaneamente através de milhares de milhas do espaço, deixando suas cascas materiais com uma certa porção do princípio vital animal para conservar a vida física e trabalhando com seus corpos espirituais e etéreos tão segura e inteligentemente como quando revestidos de sua cobertura carnal. Existe uma forma de eletricidade muito mais elevada que a física, única conhecida pêlos investigadores; um grande número de correlações desta última permanecem todavia ocultas para o olho físico do homem moderno e ninguém pode dizer onde suas possibilidades terminam.

A Traumaturgia adquirida.

A prece e a contemplação unidas ao ascetismo são os melhores meios para chegar a ser taumaturgo quando inexiste a iniciação. Por prece contínua, pelo

[14] A obra de onde foi extraído este fragmento, Isis sem Véu, apareceu em 1877.

cumprimento de determinado objetivo se concretizam em magia inconsciente a vontade interna e o vivo desejo.

As transmissões mágicas.

Os almocreves nos dizem que os animais jovens não devem ser postos com os adultos e os médicos inteligentes proíbem aos pais manter o filho em sua própria cama. Quando David era velho e fraco reanimaram-se suas forças vitais pela colocação de uma jovem no leito do rei, em íntimo contato com ele para que pudesse absorver seu vigor. A última imperatriz da Rússia, irmã do atual imperador da Alemanha, estava tão debilitada em seus últimos anos de vida que os médicos aconselharam formalmente que tivesse todas as noites uma camponesa sã e robusta em sua cama. Quem quer que tenha lido a descrição feita pelo Dr. Kerner acerca da vidente de Prevost, sra. Hauffe, lembrará bem as palavras desta. Dizia que somente mantinha sua vida graças a atmosfera das pessoas que a rodeavam e a suas emanações magnéticas que se avivavam extraordinariamente em virtude de sua presença. A vidente era, com certeza, um vampiro magnético que absorvia, atraindo-a para si, a vida de todos aqueles que eram bastante fortes para ceder-lhe parte de sua vitalidade em forma de sangue volatilizado. O Dr. Kerner observa que estas pessoas ficavam mais ou menos afetadas por essa perda de forças[15].

Com estes exemplos familiares acerca da possibilidade de que um fluido sutil seja comunicado de um indivíduo para outro ou as substâncias tocadas por esse indivíduo, torna-se menos difícil compreender que através de uma determinada concentração da vontade, um objeto, que de outra forma seria inerte pode ser

[15] Observe-se a respeito o explanado no **Doutrina Mística** ou mais precisamente **Narrações ocultistas**, de H P. B., editada pela Hemus — Livraria Editora Ltda. — N.T.

dotado de uma energia protetora ou destruidora, segundo seja o objeto que se proponha.

As verdades subjacentes nos mistérios ocultos serão tomadas como imposturas por um milhar de leitores e talvez apenas um poderá estimá-las em seu verdadeiro valor. Isto é muito natural e justifica o "voto de silêncio" dos pitagóricos, renováveis a cada cinco anos, pois de outra forma a sociedade chamada culta (cujos dois terços se consideram obrigados a crer que desde a aparição do primeiro adepto, metade do mundo engana a outra metade) afirmaria seu tradicional e hereditário direito de apedrejar o inovador. Talvez tão triste fato dê maior força àqueles que aplicando precipitadamente o célebre axioma de Carlyle sobre a necessidade do vulgo, precatam-se de se contar entre as exceções e olham a Humanidade como u'a mistura de idiotas e canalhas. Porém isto pouco importa. O desquite dos ocultistas e de sua ciência secreta está sendo preparado lenta e firmemente por si mesmo, no coração da sociedade, hora por hora, dia por dia e ano por ano em forma de dois ramos colossais: o espiritismo fenomênico e a Igreja romana.

Os fatos aparecem freqüentemente entre as ficções. As várias modalidades do erro constringem à semelhança de uma enorme boa ao gênero humano intentando afogar com sua flagelante cauda toda aspiração à verdade e toda ânsia de luz. Porém o erro somente tem potência superficial, posto que não pode afundar a natureza oculta que cinge o globo em todos os sentidos, sem exceção de um só ponto, e por fenômenos ou milagres, pelo alicia mento do espírita ou do padre, o ocultismo triunfará antes que nossa época chegue ao "*triplo centenário de Saturno*" do ciclo ocidental na Europa, ou seja, antes do término do século XXI.

Na verdade, o manto do passado remoto não está morto, apenas repousa. O esqueleto dos sagrados carvalhos druídicos ainda pode retornar a uma nova vida, como brotou formosa espiga do grão de trigo encontrado no sarcófago de u'a múmia quatro vezes milenária. E por que não? A verdade é muito mais estranha que a ficção. Pode vingar-se inopinadamente e humilhar a arrogante presunção de nossa época provando que a Fraternidade Secreta não se extinguiu com os filalateus ou com a escola eclética, que ainda existem gnósticos na terra e que não são muitos seus discípulos, muito embora permaneçam ignotos. Tudo isto pode ser feito por um ou mais dos grandes mestres que visitam a Europa, enganando por sua vez os presunçosos burladores e detratores da magia. Vários escritores notáveis mencionaram essa Fraternidade Secreta e dela se faz menção na Real Enciclopédia Maçônica, de Mackenzie.

Os Mahatmas.

São homens de grande instrução aos quais designamos com o nome de Iniciados e cuja santidade de vida é ainda maior. Não são ascetas no sentido ordinário do termo, ainda que permaneçam apartados da agitação e das lutas do mundo ocidental... Ouvi uma pessoa estranha à Sociedade Teosófica dizer, certa feita, que eram uma espécie de sirenas masculinas ou coisa que o valha. Porém, se levardes em conta o que dizem as pessoas jamais podereis ter uma idéia precisa dos mesmos. Em primeiro lugar são homens vivos que nasceram como nós e estão condenados a morrer como todos os demais.

Que forças empregam.

Os poderes que empregam são sensivelmente produto do desenvolvimento de forças latentes em todo homem e mulher cuja existência começa a ser reconhecida pela própria ciência oficial.

A passagem de um Mestre.

Mais de dois anos antes que deixássemos a América do Norte, mantínhamos correspondência com um sapientíssimo brâmane que atualmente (1879) é uma legítima glória em toda a índia. Sob sua direção tínhamos vindo estudar o antigo país dos arianos, seus Vedas e sua língua. Chamava-se o sábio o swami Dayanand Saraswati. Swami é o título dos anacoretas iniciados em muitos mistérios da Natureza e do Homem, mistérios impenetráveis para o comum dos mortais. São monges ascetas que jamais se casam e absolutamente distintos destas outras fraternidades mendicantes chamadas Hossein e Sannayasis. Este pândita é um verdadeiro enigma para o mundo e é considerado um dos maiores sanscritistas da índia. Até cerca de cinco anos vivia solitário, separado de tudo numa selva espessa da mesma forma que os antigos gimnosofistas conforme menção estabelecida pelos clássicos gregos e latinos, aparecendo de novo do mundo como móvel das mais heróicas empresas. Depois de seu voluntário isolamento estava estudando os principais, sistemas filosóficos da "*Arya-vartta*" e o significado oculto dos Vedas, auxiliado por outros místicos e anacoretas...

pronto pêlos seus atrevimentos o cognome de "o Lutero da índia". Vagando de uma população a outra, tanto no Norte como no Sul e transladando-se de um

extremo a outro do país com rapidez inacreditável, visitou toda a índia, desde Bombaim a Calcutá e do Cabo Comorin aos Himalaias, pregando a Deidade Una e Única e provando com os Vedas em punho, que nas mais antigas escrituras não existe uma só palavra que possa justificar o atual politeísmo. O grande orador sagrado luta com todo seu poder contra as castas, contra o casamento de crianças e contra toda linhagem, enfim, contra toda superstição, lançando raios e trovões contra a idolatria. Porém suas arremetidas mais formidandas são guardadas para os brâmanes, aos quais culpa pelo fomento de todos os males incrustados ria índia por séculos e mais séculos de interpretação casuística dos Vedas e acusando-os publicamente do estado de abjeta humilhação em que jaz o país, antigamente grande e independente e hoje envilecido e escravizado. Apesar de tão atrevidas prédicas, a Grã Bretanha tem nele um aliado e não um inimigo, pois costuma dizer a todos que queiram ouvi-lo: "*Se expulsais aos ingleses, imediatamente depois, vós, eu e todo aquele que se eleve contra a idolatria seremos degolados como pobres cordeiros. Os muçulmanos são mais fortes que os idólatras; porém os idólatras são mais fortes que nós*".

O swami Dayanand, em cinco anos de prédicas estupendas fez por volta de dois milhões de prosélitos, principalmente entre as classes altas e, a julgar pelas aparências, eles estão prontos a sacrificar suas almas por ele, e mais suas vidas e tudo que frequentemente é mais estimado que a própria vida, seus bens materiais. Dayanand, como verdadeiro iogue, jamais toca dinheiro algum com suas mãos e até despreza estas questões ínfimas, contentando-se em ter por alimento alguns punhados de arroz cada dia, sobriedade que quase leva a crer que leva uma vida quase encantada, tendo em vista, além disso, sua pasmosa serenidade ante a torrente descontrolada das paixões humanas mais baixas que desperta e que tão

perigosas costumam ser na índia. Uma estátua marmórea não seria mais impassível que ele diante das irritadas multidões de fanáticos e pudemos vê-lo, uma vez, em ação: despediu seus sequazes fiéis proibindo-lhes que velassem por ele e permaneceu sozinho, frente a frente com u'a multidão, olhando impassível para o monstro coletivo que parecia pronto a lançar-se sobre ele e despedaçá-lo.

Sua existência real.

Afirmamos que existem. Todavia, de pouco serve nossa afirmativa. Muitas pessoas entre estas alguns teósofos e ex-teósofos declaram que jamais tiveram prova de sua existência. Muito bem. Neste caso, Mme Blavatsky responde da seguinte forma: Se os inventou, inventou também sua filosofia e seus conhecimentos práticos que foram adquiridos por alguns e se é assim, que importa que tenham existido ou não, posto que ela está presente, e será difícil, em todo caso, negar sua existência? Se os conhecimentos que ela supõe que lhe foram transmitidos por eles são intrinsecamente bons e são aceitados como tais por muitas pessoas de inteligência superior, por que tamanha celeuma sobre a questão? Jamais houve provas de que fosse uma impostora e isto sempre permanecerá sub judice; ainda que seja um fato certo e inegável que, seja quem for o inventor da filosofia pregada pelos Mestres, esta é uma das filosofias mais grandiosas e benéficas que existem se é compreendida com exatidão. Assim, os caluniadores movidos pêlos sentimentos mais baixos e mesquinhos (como são o ódio, vingança, malignidade, vaidade ofendida ou ambição frustrada) não parecem perceber que estão pagando o maior tributo a seus poderes intelectuais. Que seja, já que esses desgraçados loucos assim o querem. Mme. Blavatsky não se opõe de modo algum que seus inimigos a representem como um triplo adepto e um "*mahatma*" completo. Apenas a

repugnância que sente ante seus próprios olhos de vestir-se com plumas de pavão real é que a obrigou a insistir na verdade até agora.

Os Mestres velam.

Mas devo dizer-vos que no último quarto de cada século aqueles "*Mestres*" de que falei intentam fomentar o progresso espiritual da Humanidade de maneira marcada e definitiva, no final de cada século encontrareis um impulso de espiritualidade (chamado misticismo se assim o preferis), inevitavelmente como seus agentes e deram u'a maior ou menor sovelmente. Algumas pessoas apareceram no mundo ma de conhecimentos e ensinamentos ocultos. Se a idéia agradar, podeis observar esses movimentos remontando-os no passado, século por século, até onde os nossos dados históricos o permitirem.

Ditaram alguma obra?

Algumas. Encontram-se pedaços inteiros ditados por eles verbatim; porém na maioria dos casos inspiraram somente as idéias deixando aos escritores o cuidado da forma literária.

A DOUTRINA SUBLIME

Observação dos tradutores.

Este capítulo é composto com a tradução que Mme. Blavatsky assegura ter feito do zenzar, língua sacerdotal dos lamas.

As Estâncias de Dzian, de grande importância para o estudioso, são o fundamento para este trecho que contém a moral que HPB sempre propugnou.

A voz do Silêncio.

As presentes instruções são para aqueles que ignoram os perigos dos poderes inferiores. Aquele que pretenda ouvir a voz do Nada, o "*som despido de som*" e compreendê-la, deve inteirar-se da natureza da concentração.

Tendo se tornado indiferente aos objetos da percepção, o discípulo deve buscar o rei dos sentidos, ao Produto do pensamento, aquele que desperta a ilusão.

A mente é o grande destruidor do Real.

Destrua o discípulo ao Destruidor.

Porque:

Quando sua própria forma lhe parecer ilusória, como ao despertar, todas as formas que em sonhos vê; quando tenha cessado de ouvir os muitos ruídos, então poderá discernir ao **UNO**, ao som interno que mata o externo; só então e não antes, abandonará a região do falso para entrar no reino do verdadeiro.

Antes que a alma possa ver a harmonia interior deve ter sido alcançada e os olhos carnais devem estar cegos a toda ilusão

Antes que a alma possa ouvir, é mister que a imagem (homem) se torne tão surda aos rugidos como aos sussurros, aos bramidos dos elefantes furiosos como ao argentino zumbido da dourada mosca de fogo.

Antes que a alma seja capaz de compreender e recordar deve ser unida ao Falante silencioso, da mesma forma que a forma que é construída com a argila está inicialmente no espírito do ceramista.

Porque então a alma ouvirá e recordará.

Então ao ouvido interior falará a voz do silêncio e dirá:

Se tua alma sorri enquanto se banha na luz do Sol de tua vida; se tua alma canta dentro da crisálida de carne e matéria e se chora em seu castelo de ilusões, se luta por romper o fio argentino que a une ao Mestre, sabe, discípulo, que tua alma é da terra.

Quando tua alma presta ouvidos ao bulício mundano; quando responde à voz regidora da Grande ilusão, quando temerosa à vista das ardentes lágrimas de dor e ensurdecida pelos gritos de desolação se refugia tua alma, como cautelosa tartaruga, dentro da concha da personalidade, sabe, discípulo, que tua alma é altar indigno de teu "*Deus*" silencioso.

Quando tua alma mais fortalecida desliza para fora de seu refúgio seguro e saindo do tabernáculo protetor estende seu fio de prata e se lança para diante;

quando, ao contemplar tuas imagens nas ondas do espaço, murmura: "*Este sou eu*", declara discípulo, que tua alma está presa nas redes da Ilusão.

Esta terra, discípulo, é a Mansão de dor, onde estão colocadas ao longo do Sendeiro de tremendas provas, diferentes laços para colher teu Eu, enganado com a ilusão chamada "*Grande Heresia*".

Esta terra, ó ignorante discípulo, é apenas o sombrio vestíbulo pelo qual cada um se dirige ao crepúsculo que precede ao vale da luz verdadeira; luz que nenhum vento pode extinguir; luz que arde sem pavio e sem combustível.

Diz a grande Lei: "*Para chegar a ser conhecedor de todo o Eu, deves inicialmente ser conhecedor do Eu*". Para alcançar o conhecimento de tal Eu tens que abandonar o Eu ao Não-Eu, o Ser ao Não-Ser e então poderás repousar entre as asas da Grande Ave. Se doce é o repouso entre as asas daquele que não nasceu nem morreu, melhor ainda é o Aum através das eternidades.

Monta na Ave da Vida se pretendes saber.

Abandona tua vida se queres viver.

Três vestíbulos, fatigado peregrino, conduzem ao término de nossos penosos trabalhos, três vestíbulos, vencedor do Enganador, te conduzirão por três diferentes estados ao quarto e dali aos sete mundos, aos mundos do Eterno repouso.

Se desejas saber seus nomes, ouve e recorda:

O primeiro se chama **Ignorância**.

É o vestíbulo em que viste a luz, em que vives e em que morrerás.

O segundo se chama **Instrução**. Nele encontrará a tua alma as flores da vida, porém sob cada flor há uma serpente enroscada.

O nome do terceiro é *Sabedoria*, além do qual e entendem as águas tranqüilas e ilimitadas da fonte inesgotável da Omnisciência.

Se queres cruzar o primeiro vestíbulo com segurança, faz com que tua mente não tome pela luz do sol os fogos de concupiscência que ali ardem.

Se pretendes cruzar são e salvo o segundo, não te detenhas a respirar o letárgico perfume das flores. Se queres libertar-te não procures teu mestre naquelas mayavicas regiões.

Os sábios jamais se detêm nos jardim de recreação dos sentidos.

Os sábios não ouvem as aliciantes vozes da ilusão.

Aquele que te dará nascimento, procura-o no vestíbulo da Sabedoria, o vestíbulo que está situado além, onde são desconhecidas todas as sombras e onde a luz da verdade brilha com glória imarcescível.

Aquele que é incriado reside em ti, discípulo, como reside naquele vestíbulo. Se queres chegar a ele e fundir os dois em um deves despojar-te das negras vestes da ilusão. Cala a voz de tua carne, não consinta que nenhuma imagem dos sentidos se interponha entre sua luz e a tua, para que assim as duas possam confundir-se numa única. E tão logo tenhas te persuadido de tua própria ignorância, foge do vestíbulo da Instrução. Este vestíbulo, tão perigoso em sua pérfida beleza, é necessário apenas para tua provação. Cuidado, discípulo, que não se detenha tua alma deslumbrada pelo resplendor ilusório e na sua enganosa luz fique presa.

Esta luz radiante emana da jóia do Grande Enganador, enfeitiça e excita os sentidos, cega a mente e converte o incauto em náufrago desvalido.

A pequena mariposa atraída pela deslumbrante luz da tua lâmpada noturna está condenada a perecer no viscoso azeite. A alma imprudente que deixa de lutar ferrenhamente como o domínio enganador da ilusão, voltará à terra como escrava do Enganador.

Contempla as legiões de almas. Vê como se cindem ao proceloso mar da vida humana e como exaustas, perdendo sangue, rotas as asas, caem umas sobre as outras em encapeladas ondas. Sacudidas por furacões, acossadas pelo furioso vendaval, precipitam-se nos refluxos e desaparecem engolfadas no primeiro grande vórtice.

Se do vestíbulo da Sabedoria pretendes passar ao Vale da Bem-aventurança, fecha completamente teus sentidos, discípulos, à grande e espantosa heresia da separatividade que te afasta dos demais.

Não permitas que tu, "*nascido do céu*", desaparecido no mar da ilusão, seja desprendido do Pai Universal, antes, permita que o ígneo Poder se retire ao recinto mais interno, a câmara do coração e morada da Mãe do Mundo.

Então, a partir do coração, aquele poder subirá à região sexta, a região média, o lugar situado entre teus olhos, quando se converte no alento da Alma uma voz o preencherá totalmente, a voz de teu Mestre.

Somente então poderás te converter no "*Caminhante do Céu*" que com sua planta acaricia as auras sobre as ondas sem que por sua vez seus pés toquem as águas.

Antes que possas sentar pé no degrau superior da escada, a escada dos místicos sons, tens que ouvir a voz de teu Deus interno de sete modos diferentes.

Como a melodiosa voz do rouxinol entoando um canto de despedida para sua companheira, é o primeiro.

O segundo assemelha-se ao som de um cíbalo argentino dos Dhyanis despertando cintilantes estrelas.

O seguinte soa como o lamento melodioso do espírito do oceano aprisionado dentro de sua concha.

A este segue-se o canto do alaúde.

O quinto similmente à flauta de bambu soa vibrante em teu ouvido.

E logo se converte em som de trombeta.

O último vibra como o surdo ribombar de uma nuvem tempestuosa.

O sétimo absorve a todos os outros sons, e que se extinguem, não mais sendo ouvidos.

Quando os seis foram mortos e abandonados aos pés do Mestre, então o discípulo incorporou-se ao UNO, converte-se neste UNO e nele vive.

Antes de entrar naquele sendeiro deves destruir teu corpo mental e purificar teu coração.

As puras águas de eterna vida, claras e cristalinas não podem misturar-se com as redemoinhadas torrentes da tempestuosa enxurrada.

A gota do rocio celeste que, acariciada pelo primeiro raio de sol matutino, brilha no seio do lótus, uma vez tendo caída no solo converte-se em barro; olha, a pérola é agora uma partícula de pó.

Luta com teus pensamentos impuros antes que eles te dominem. Trata-os como eles pretendem tratar-te, pois se usando de tolerância para com eles permitires que medrem e cresçam, matar-te-ão após te subjugarem, toma nota disto. Cuidado, discípulo, não permita que nem mesmo a sombra de lês se aproxime de ti, porque crescerá, aumentará de magnitude e poder e então esta coisa de trevas absorverá teu ser antes que tenhas tido tempo de aperceber a presença do monstro negro e abominável.

Antes que o "*místico Poder*" possa fazer de ti um Deus, discípulo, deves ter adquirido a faculdade de destruir à vontade tua forma lunar.

O Eu material e o Eu espiritual jamais podem estar juntos. Um dos dois deve desaparecer, não há lugar para intermeios.

Antes que a mente de tua alma possa compreender, o invólucro da personalidade deve ser destruído e o verme do sensualismo deve ser aniquilado, sem ressurreição possível.

Não poder percorrer o sendeiro que tenhas te transformado no próprio sendeiro.

Faz com que tua alma atente para todo grito de dor, da mesma forma que teu coração descobre o lótus para absorver os raios do sol matutino.

Não permitas que o sol ardente seque uma única lágrima de dor antes que tu mesmo a tenhas enxugado no olho do aflito.

Deixa contudo que as ardentes lágrimas humanas caiam uma a uma em teu coração e que nele permaneçam sem enxugá-las até que se tenham desvanecido as dores que as causaram.

Estas lágrimas — dotado de coração mui compassivo — são os arroios que regam os campos da caridade imortal. Neste solo é onde cresce a flor da meia-noite, a flor de Buda, mais difícil de encontrar e mais rara que a flor da árvore vogay. É a semente que leva libertação do renascimento. Coloca o iniciado a salvo de toda luta e concupiscência e guia-o através das regiões do Ser à paz e beatitude conhecidas apenas na região do Silêncio e do Não-Ser.

Mata o desejo, porém se o matas, vigia atentamente para impedir que este se levante do mundo dos mortos.

Mata o amor à vida, porém se o matas, procura que não seja pela sede de vida eterna, mas para substituir o passageiro com o perdurável.

Nada desejes. Não te irrites contra o Karma nem contra as leis imutáveis da Natureza. Luta tão-somente contra o pessoal, o transitório, efêmero e perecível.

Ajuda a Natureza e com ela trabalha e a Natureza te considerará como um de seus criadores e te prestará obediência.

E ante ti abrirá de par em par as portas de seus aposentos secretos e manifestará diante de ti os tesouros ocultos nas profundezas de seu seio puro e virginal. Não contaminados pela mão da matéria, seus tesouros são mostrados por ela tão-somente ao olho do espírito, olho que jamais se fecha e para o qual não há véu algum em todos os seus reinos.

Então te indicará os meios e o caminho, a primeira e a segunda e a terceira e até mesmo a sétima porta. Logo te mostrará a meta, além da qual estão, banhadas na luz do sol do espírito, glórias inefáveis, visíveis tão-somente para os olhos da alma.

Existe apenas uma vereda que conduz ao sendeiro; somente ao fim desta se pode ouvir a "*Voz do Silêncio*". A escada pela qual sobe o candidato é formada por degraus de sofrimento e dor que podem ser calados pela voz da virtude. Ai de ti, discípulo, se não deixas atrás de ti até o último vício! Porque então a escada cederá sob teus pés e te precipitará: sua base descansa no profundo pântano de teus pecados e defeitos e antes que pudesse te aventurar a efetuar a travessia deste profundo e enorme abismo de matéria tens que lavar teus pés nas águas da Renúncia. Precata-te: não ponhas um pé ainda manchado no degrau inferior da escada. Ai daquele que se atrever a sujar com seus pés barrentos um degrau sequer! O sinal imundo secará, se fará tenaz e pegajoso, prenderá seus pés naquele lugar e como o pássaro colhido no visgo do caçador ficará impossibilitado de um novo progresso. Seus vívios adquirirão forma e o arrastarão para o fundo. Seus pecados levantarão a voz semelhante à risada e ao ladrido do chacal depois do pôr

do sol, seus pensamentos se converterão num exército e o carregarão atrás de si como a um escravo.

Mata teus desejos, reduz teus vícios à impotência antes de dar o primeiro passo na solene viagem.

Afoga teus pecados, emudece-os para sempre antes de levantar um pé para subir a escada.

Aquieta teus pensamentos e fixa tua atenção em teu Mestre a quem não vês, mas contudo sentes.

Funde teus sentidos num só se queres ter segurança contra o inimigo, por meio deste sentido único que está oculto na concavidade de teu cérebro é que se pode mostrar ante os ofuscados olhos de tua alma o escarpado sendeiro que conduz a teu Mestre.

Longo e penoso é o caminho que tens diante de ti. Um único pensamento acerca do passado te arrastará ao fundo e terás que recomeçar a escalada.

Mata em ti mesmo toda a recordação de experiências passadas. Não olhes para trás ou estarás perdido

Não acredita que a concupiscência possa ser extirpada pela sua satisfação ou saciedade posto que isto é urna abominação inspirada pelo Enganador. O vício se desenvolve e adquire força se é alimentado, do mesmo modo que o verme se satisfaz no coração da flor.

A rosa deve converter-se novamente no botão nascido de seu talo gerador antes que o parasita tenha roído seu coração e sugado sua seiva vital,

A árvore de ouro produz as gemas preciosas antes que a tormenta tenha roído seu tronco.

O discípulo deve recobrar o estado infantil perdido antes que o primeiro som possa ferir seu ouvido.

A luz do Mestre uno, a luz áurea e inextinguível do Espírito, lança seus refulgentes raios sobre o discípulo desde o princípio. Seus raios passam através das densas e obscuras nuvens da matéria.

Ora aqui, ora ali, estes raios a iluminam da mesma forma que através da espessa folhagem da selva os raios do sol iluminam a terra. Porém, se a carne não for passiva, a cabeça fria e a alma tão firme e pura como diante de raro brilho, as irradiações não chegarão ao mais íntimo, seus raios não aquecerão o coração, nem os místicos sons das alturas akásticas chegarão aos ouvidos do discípulo apesar de todo seu entusiasmo, no grau inicial.

Sem ouvir, não podes ver.

Sem ver, não podes ouvir. Ouvir e ver: eis aqui o segundo grau.

Quando o discípulo vê e ouve e quando olfata e saboreia tendo fechado os olhos, os ouvidos, a boca e o nariz; quando os quatros sentidos se confundem e se acham prestes a passar para o quinto, o do tato interno, então ele passou ao quarto grau.

E no quinto, matador de teus pensamentos, todos estes devem ser mortos novamente, sem a mínima esperança de reanimação.

Afasta tua mente de todos os objetos externos, de toda visão exterior. Afasta tuas imagens para que não projetem uma sombra negra na luz de tua alma.

Estás na concentração, o sexto grau.

Uma vez tendo alcançado o sétimo, ditoso, não verás mais ao Três sagrado, porque te tornaste o próprio Três. Tu e a Mente, como nós em u'a linha e a estrela, que é tua meta, brilhando acima de tua cabeça. Os três que moram na glória e bem-aventurança inefáveis perderam seus nomes no mundo da ilusão. Converteram-se numa estrela única: o fogo que arde mas que não consome, aquele fogo que é a base da Chama.

E isto, iogue afortunado, é o que os homens denominam concentração, a precursora direta do êxtase.

E agora teu Eu se encontra perdido no EU, tu mesmo em Tl MESMO, sumido nAQUELE EU do qual foste u'a emanação primitivamente.

Onde está tua individualidade? Onde está o próprio discípulo? É a fagulha perdida no fogo, a gota no oceano, o raio sempre presente convertido na radiação universal e terna.

E agora o agente e paciente, irradiador e irradiação, a luz no som e o som na luz.

Conheces os cinco obstáculos, bem-aventurado!

És seu vencedor, Mestre do sexto, o expositor dos quatro modos da verdade. A luz que se esparge sobre eles é irradiada de ti mesmo — tu que foste discípulo e agora és Mestre!

Não passaste pelo conhecimento de toda miséria, a verdade primeira?

Não venceste ao Rei dos Enganadores em Tsi, o pórtico da assembléia, a verdade segunda?

Não exterminaste o pecado na terceira porta e adquiriste a terceira verdade?

Não entraste no "Sendeiro" que conduz ao conhecimento, a quarta verdade?

E agora repousas sob a árvore Bodhi, que é a perfeição de todo conhecimento; pois és o Mestre de êxtase de visão perfeita.

Olha! Chegaste a ser a luz, convertes-te no Som, tu és teu Mestre e teu Deus. És TU MESMO, o objeto de tuas investigações, a incessante VOZ que ressoa através das eternidades, livre de mudança, isenta de pecado; os sete sons em um. a voz DO SILÊNCIO: OM TA SAT.

A PRATICA

O desejo de praticar.

Muitos dos que se convertem em verdadeiros estudantes de Teosofia e em trabalhadores ativos em nossa Sociedade, desejam fazer algo mais que estudar teoricamente as verdades que ensinamos. Desejam conhecer a verdade por experiência pessoal e direita e estudar o Ocultismo com o objetivo de adquirir sabedoria e poder, que sentem necessitar para poder ajudar aos demais eficaz e judiciosamente, em lugar de obrar às cegas e por acaso.

O uso das carnes.

Um dos grandes sábios alemães demonstrou que todo tipo de carne animal, seja qual for o modo de prepará-la, conserva sempre propriedades características do corpo de que tomou parte e que podem ser reconhecidas. Além disso, sabemos pelo gosto que tipo de carne estamos comendo.

Nós vamos mais longe e provamos que quando a carne dos animais é assimilada como alimento pelo homem transmite, fisiologicamente, algumas das propriedades características do animal a que pertencia. Além disso, a ciência oculta ensina e prova a seus estudiosos, por demonstração ocular, fazendo ver que este efeito de "*animalização*" no homem é maior quando proveniente de carne dos animais maiores, menor se se trata de aves, menor ainda quando oriunda de pescado e outros animais de sangue frio e mínimo quando come apenas vegetais... Deve-se comer diariamente para viver, e é por esta razão que aconselhamos aos estudantes realmente zelosos que tomem o alimento que tenha menor influência

sobre seu cérebro e seu corpo e cujo efeito de empecer e retrasar o desenvolvimento de sua intuição, faculdades internas e poderes seja o menor possível...

Acreditamos, por exemplo, que muitas enfermidades e particularmente a grande predisposição para as mesmas que tanto tem sido observada em nossa época, são devidas ao uso da carne, em grande parte, e particularmente da carne em conserva. Mas seria muito extenso tratar a fundo da questão do vegetarianismo a partir de seus méritos...

Se devido a uma enfermidade ou largo costume um homem não pode privar-se de carne, que não se abstenha dela de modo algum. Não é um crime, apenas retardará seu progresso, porque além de tudo, os atos e funções corporais têm muito menor importância que aquilo que o homem pensa e sente, que os desejos que animam sua mente, permitindo que lance raízes e se desenvolva.

O vinho e o álcool.

São piores para o desenvolvimento moral e espiritual que a carne, porque o álcool, em todas as suas formas, tem uma influência direta marcada e muito deletéria na condição psíquica do homem. O uso do vinho e dos licores somente é inferior como destruidor dos poderes internos ao uso habituai do haxixe, do ópio e outras drogas do estilo.

A educação.

Consideremos esta questão da educação a partir de um amplo ponto de vista e provarei que com muitas de vossas decantadas melhorias casuais dano e não

bem. As escolas para crianças pobres, ainda que muito menos úteis que deveriam ser, são boas comparadas com a corrupção que as rodeia e a que estão condenadas pela sociedade moderna. A infusão de um pouco de Teosofia prática levaria a um alívio cem vezes maior da vida das massas pobres sofredoras que toda essa inútil cultura...

Reconheço completamente a grande vantagem que há para um menino criado nas ruas, nadando no riacho e vivendo entre a contínua grosseria de gostos e palavras, o fato de encontrar-se diariamente numa escola clara, limpa, com quadros e freqüentemente adornada com flores.

Ali o ensinam a ser limpo, amável, ordenado, a cantar e a jogar; tem brinquedos que despertam sua inteligência, aprende a servir-se habilmente de suas mãos; falam com ele com um sorriso em lugar de uma ameaça; castigam ou premiam-no com benevolência em lugar de maldições. Tudo isto humaniza as crianças, ativa seus cérebros e torna-os suscetíveis às influências intelectuais e morais. As escolas não são o que poderiam e deveriam ser; porém comparadas com suas casas são paraísos e pouco a pouco deixam sentir sua ação neles. Se isto é certo em muitas escolas públicas, o sistema é pior que tudo quanto dele se possa dizer.

Qual é o verdadeiro objetivo da educação moderna?

Cultivar e desenvolver a mente no bom sentido; ensinar aos pobres e deserdados a suportar com valor o peso da vida que Karma lhes designou; fortalecer sua vontade, inculcar neles o amor ao próximo e o sentimento de fraternidade, educando e formando o caráter para a vida prática? Nada disto. E, contudo, esses

são inegavelmente os objetivos de toda educação verdadeira. Ninguém o nega, todos os que se dedicam ao ensino o admitem e certamente peroram sonoramente acerca do assunto. Porém, qual é o resultado prático de sua ação? Qualquer jovem, qualquer rapaz, mais ainda, qualquer um dos que pertencem à última geração de mestres responderá: "*O objeto da educação moderna é passar nos exames*", sistema que não tende a produzir u'a emulação legítima, mas a criar e fomentar o ciúme, a inveja quase o ódio entre os jovens e prepará-los para uma vida de egoísmo feroz e de luta pelas honrarias e ganância, em lugar de criar sentimentos benévolos...

Repito que a educação da escola é um fator da maior importância na formação do caráter, essencialmente no sentido moral. Pois muito bem, todo vosso sistema moderno é baseado nas chamadas revelações científicas: "*A luta pela existência*" e a "*Sobrevivência do mais apto*". Durante a juventude a todos é inculcado o conjunto desses princípios, tanto através do exemplo prático e da experiência como pelo ensinamento direto até que se torne impossível afastar da mente que o "*eu*", esse eu inferior, pessoal e animal é o único fim e objeto da vida, de onde se origina a grande fonte que logo promove todos esses sofrimentos, crimes e egoísmo impiedoso que conheceis tanto como eu. O egoísmo, como tantas e tantas vezes repeti, é praga e maldição da Humanidade e o prolífico genitor de todos os males e crimes nesta vida e vossas escolas são as sementeiras de tal egoísmo...

A parte moderna funda-se no ensinamento comercial, e a antiga e ortodoxa reflete sua grave respeitabilidade nos Centros superiores. Vemos claramente o científico, material e comercial sobrepor-se ao clássico e ortodoxo antiquado e não é preciso ir muito longe para encontrar a causa. Os objetos daquele ramo de

educação reduzem-se a libras, shelins e pênies, o **sommum bonum** do século XIX. É assim que as energias geradas pelas moléculas cerebrais dos discípulos se concentram em um único ponto e são, portanto, em certo grau, um exército organizado nas inteligências especulativas educadas da minoria dos homens, adestrado para marchar contra as hostes da massa, condenada a ser vampirizada e sacrificadas pêlos seus irmãos intelectualmente mais fortes. Tal educação não é somente antiteosófica mas sensivelmente anticristã. Resultado: o produto direto dessa forma de educação é uma inundação de máquinas para fazer dinheiro, de homens cruelmente egoístas, animais aos quais ensinaram sistematicamente a devorar seus semelhantes e a aproveitar-se da ignorância de seus irmãos mais débeis...

Dever-se-ia, antes de mais nada, ensinar às crianças a autoconfiança, o amor a todos os homens, o altruísmo, a mútua caridade e antes de mais nada a pensar e raciocinar por si mesmos. Reduziríamos o trabalho puramente da memória a um mínimo absoluto e empregaríamos o tempo no desenvolvimento e exercício dos sentidos, faculdades e capacidades latentes internas. Esforçar-nos-íamos em tratar cada criança como uma unidade e educá-la de modo que produzisse a manifestação mais harmoniosa e igual de suas potencialidades, para que suas aptidões naturais encontrassem seu completo e cabal desenvolvimento. Aspiraríamos a criar homens e mulheres livres, livres intelectualmente, livres moralmente, despreocupados sob todos os conceitos e antes de tudo, anti-egoístas.

E acreditamos que grande parte disso poderia ser conseguida, se não totalmente, com a educação teosófica conveniente e verdadeira.

Teosofia e matrimônio.

Um homem deve se casar ou permanecer solteiro? Isto depende da classe de homens a que nos refiramos. Se se trata daquele que se propõe a viver no mundo, daquele que ainda que sendo um sincero teósofo, um trabalhador sincero de nossa causa, todavia ligado ao mundo por suas obrigações e desejos; daquele que, numa palavra, sente que não terminou para sempre com aquilo que os homens chamam de vida e só deseja uma coisa: conhecer a verdade e ajudar aos demais, então, digo, não há motivo para que não se case se quer correr os riscos dessa loteria em que saem tão poucos números premiados. Suponho que não nos acreditareis absurdos e fanáticos até ao ponto de pregar contra o matrimônio, pelo contrário, o matrimônio, salvo alguns casos excepcionais de ocultismo prático, é o único remédio contra a imoralidade, . .

O homem pode servir a dois senhores? Não. Portanto, é impossível para ele dividir sua atenção entre o Ocultismo e u'a mulher. Se intenta não poderá, com certeza, fazer ambas coisas como se deve e permiti que eu vos recorde que o ocultismo prático é um estudo demasiado sério e perigoso para que seja empreendido por um homem se não trabalha com a maior seriedade e não está disposto a sacrificar tudo e a si mesmo para conseguir seu objetivo. Mas isto não é aplicável aos membros de nossa seção interna. Refiro-me, tão-somente, àqueles que estão dispostos a caminhar pelo sendeiro do discipulado que conduz à meta mais elevada. Muitos daqueles que entram na nossa secção interna, se não todos, são apenas principiantes, que se preparam nesta vida para entrar realmente naquele sendeiro em vidas futuras.

Os irmãos menores.

As pessoas que mimam e acariciam os animais domésticos lhes infundem alma até certo ponto e lhes apressam a evolução, porém, em troca, tais pessoas absorvem a vitalidade e magnetismo de tais animais. Portanto, é contra a natureza e nocivo, em última análise, apressar a evolução animal.

A TEOSOFIA

Conceito triplo de teosofia.

(carta ao arcebispo de Canterbury)

Sem dúvida, vossa reverendíssima é sabedora de que a Teosofia não é uma religião mas tão-só uma filosofia, ao mesmo tempo religiosa e científica e que o mais importante é que a Sociedade Teosófica se propõe a fazer reviver em cada uma das religiões o espírito que as anima, fomentando e auxiliando a investigação do verdadeiro significado de suas doutrinas e preceitos. Os teósofos sabem que quanto mais profundamente se penetra no significado dos dogmas e cerimônias de todas as religiões, maior se as torna sua aparente e fundamental semelhança, até que finalmente se percebe sua unidade básica. Esta base comum é simplesmente a Teosofia: a Doutrina dos Segredos de todos os tempos, a qual, diluída e disfarçada para adaptar-se à capacidade da multidão e às exigências das diversas épocas constituiu o núcleo vivo de todas as religiões.

A Teosofia não é Budismo.

Não, pois seria equivalente afirmar que todos os músicos são discípulos de Wagner. Alguns de nós são budistas, contudo, temos maior número entre nós de hindus e brâmanes que budistas e mais cristãos (americanos e europeus) que budistas convertidos.

Nasceu o erro da má interpretação do verdadeiro sentido do título da excelente obra de Sinnett, **O Budismo Esotérico**, devendo ter sido a palavra

budismo escrita com um único d em lugar de dois, porque nesse caso a palavra teria expressado a idéia do autor, ou seja: Sabedoria (Borha, bodhi, inteligência, sabedoria) em lugar de com os dois **d** que significam filosofia religiosa de Buddha ou Gautama. A Teosofia, como já foi dito, é a Religião da Sabedoria[16].

Buda significa o "iluminado" de **bodha** ou conhecimento, sabedoria. Esta se arraigou e difundiu nas doutrinas esotéricas que Gautama ensinou a seus **arhats**[17] escolhidos.

Suas doutrinas esotéricas eram simplesmente a **Gupta Vidya** (ciência ou conhecimento secreto) dos antigos brâmanes, cuja chave foi completamente perdida pelos seus sucessores modernos, com raras exceções, e essa Vidya passou ao domínio do que se conhece como doutrina interior (secreta) da escola Mahmayana do budismo do Norte...

A ética teosófica é semelhante àquela ensinada por Buda, porque aquela ética é a alma da Religião da Sabedoria e foi em outros tempos propriedade comum dos iniciados de todas nações. Porém Buda foi o primeiro a fundir essa ética sublime com seus ensinamentos públicos e a fazer dela a base e a própria ciência de seu sistema público. Nisto é que reside a imensa diferença que existe entre o Budismo esotérico e as demais religiões. Porque, embora nalgumas destas o rito e o dogma ocupe por vezes o primeiro e proeminente lugar, a ética sempre foi o principal no Budismo.

Isto explica a semelhança, a quase identidade, que existe entre a ética da Teosofia e a da religião de Buda...

---

[16] Deixamos de escrever constantemente buddhismo, budhismo, por razões meramente ortográficas e pelo fato da distinção de sentido ser evidente, — N. T.

[17] Arhat — homem emancipado do renascimento, por extensão: perfeito. — N. T.

Existe uma distinção muito grande entre a Teosofia e o Budismo esotérico e esta é estabelecida, representando-se o último pela Igreja do Sul, por: a) A existência de qualquer deidade é negada; b) Uma vida consciente post-mortem é negada e até mesmo uma individualidade consciente que sobreviva ao homem. Tal é, pelo menos, a doutrina da **Seita Siamesa** considerada atualmente como a forma mais pura do Budismo esotérico. Por esta razão é que nos referimos exclusivamente aos ensinamentos públicos de Buda e mais adiante explicitarei o motivo dessa reticência. Porém as escolas da Igreja Budista do Norte, estabelecidas naqueles países para onde se retiraram os Arhats iniciados depois da morte do Mestre, ensinam tudo o que se conhece hoje em dia com o nome de Doutrinas Teósoficas, porque formam parte da ciência dos iniciados provando desta forma que a verdade foi sacrificada em favor da letra morta pelo ortodoxia demasiado zelosa do Budismo do Sul. Ainda na letra morta, quanto são mais sublimes, mais nobre, mais filosóficos e científicos seus ensinamentos ao serem comparados com aqueles de qualquer outra Igreja ou religião! Mas, a Teosofia não é o Budismo.

Acreditamos no Espiritismo?

Se por "Espiritismo" quereis dizer a explicação dada pêlos espíritas de alguns fenômenos anormais, declaramos decididamente, neste caso, que não. Sustentam que todas essas manifestações são produzidas pêlos "*espíritos*" dos mortos, seus parentes geralmente, que voltam à Terra, segundo dizem, para comunicar-se com aqueles aos quais tenham querido ou aos quais se sentem unidos pelo afeto. Negamos este ponto em absoluto. Afirmamos que os espíritos dos mortos não podem voltar à Terra — salvo em casos raros e excepcionais, de que falarei mais adiante, nem tampouco se comunicam com os homens, exceto por meios

completamente subjetivos. O que aparece objetivamente é tão-só o fantasma do homem "*ex-físico*". Porém acreditamos decididamente no Espiritismo psíquico ou por assim dizer, "*Espiritual*"...

Não são as causas de tais manifestações tão simples como crêem os Espíritas. Antes de mais nada o deus **ex machina** das chamadas "*materializações*" é geralmente o corpo astral ou "*duplo*" do médium, ou de outras pessoas presentes. Esse corpo astral é também o produtor ou Força ativa nas manifestações de escritura sobre barro, como as de "Davenport"...

Afirmamos que, sendo a centelha divina no homem una e idêntica em sua essência com o Espírito Universal, nosso "*Eu espiritual*" é praticamente omnisciente; mas devido aos obstáculos da matéria não pode manifestar seu saber. Quanto mais desaparecem esses obstáculos, em outras palavras: QUANTO MAIS SE PARALISA O CORPO FÍSICO RELATIVAMENTE À SUA ATITUDE E CONSCIÊNCIA PRÓPRIAS E INDEPENDENTES, como em estado de sono profundo, PROFUNDO ÊXTASE, ou também de enfermidade, mais perfeita será a manifestação do Eu Interior neste plano. Essa é nossa explicação acerca desses fenômenos de uma ordem de elevação verdadeiramente assombrosa, em que se mostram um saber e uma inteligência inegáveis. Relativamente às manifestações de ordem inferior, como os fenômenos físicos, as vulgaridades e dolos do conhecido "*espírito*", necessitaríamos (para explicar somente as nossas mais importantes doutrinas acerca do assunto) mais espaço e tempo do que o que podemos dedicar ao assunto. Não é desejo nosso interferir nas crenças dos Espíritas, como também nas outras crenças. O **unus probandi** deve recair nos que acreditam nos "*espíritos*" e atualmente nos diretores e mais inteligentes e instruídos entre os espíritas, ainda

que convencidos de que as manifestações mais elevadas têm por causa as almas desencarnadas, são os primeiros a confessar que nem todos os fenômenos são produzidos por espíritos. Chegaram gradualmente a reconhecer toda verdade, entretanto não temos o direito nem o desejo de convertê-los a nossas opiniões, tanto menos que, nos casos de manifestações puramente psíquicas e espirituais acreditamos numa comunicação mútua do espírito do homem vivo com o de pessoas desencarnadas.

Desde o primeiro dia de existência da Sociedade enquanto se soube que a Sociedade Teosófica como corporação não acreditava nas comunicações com os espíritos de mortos mas que olhava os chamados "*espíritos*" como reflexos astrais de personalidades desencarnadas, formas, etc.... na sua maior parte, os espíritas conceberam um ódio violento contra nós, e particularmente contra os Fundadores.

Os "*Espíritos*" Teosóficos

(Os elementais na revista "*Lúcifer*")

Os teósofos acreditam nos espíritos tanto quanto os espiritistas, porém acreditam que são tão diferentes em suas variedades como as tribos aladas no ar. . .

A única diferença entre os "*espíritos*" de outras sociedades, seitas ou instituições e os nossos reside em seus nomes e nas assunções dogmáticas relativamente à sua natureza.

Aqueles a quem os milhões de espíritas chamam de "*Espíritos dos mortos*", nos quais a Igreja romana vê os demônios de Satanás, não vemos uma coisa nem

outra, damos a eles o nome de Dhyan Choanes, Deves, Pitris Elementais superiores e inferiores e os conhecemos como os "*deuses*" dos gentios, por vezes imperfeitos, nunca santos. Cada ordem tem seu lugar, seu nome, suas funções, que a natureza designou e cada morte é o complemento e a coroação de sua própria esfera particular, da mesma forma que o homem é o complemento e a coroação de seu globo, de onde se deduz que sejam uma necessidade natural e lógica no Cosmos.

Teosofia e Ocultismo.

Um homem pode ser um Teósofo, dentro ou fora da Sociedade, sem ser de modo algum um Ocultista. Mas ninguém pode ser um verdadeiro Ocultista sem ser Teósofo em toda extensão da palavra; de outro modo é simplesmente um mago negro, consciente ou inconscientemente...

Já disse que um verdadeiro Teósofo deve praticar o ideal moral mais elevado; deve esforçar-se em conhecer a unidade com a Humanidade e trabalhar incessantemente para os demais. Bem, se um Ocultista não leva isso a cabo, trabalhará de forma egoística para seu benefício pessoal e acabará se convertendo em inimigo do mundo e de todos que o rodeiam, muito mais temível que o simples mortal, se adquiriu maiores poderes práticos que os demais homens. E isto é evidente...

As ciências ocultas não são *"aquelas ciências imaginárias da Idade Média que tratavam da suposta ação ou influência de qualidades Ocultas ou poderes sobrenaturais, como a alquimia, a magia, a necromancia e a astrologia*", segundo no-las descrevem as Enciclopédias, porque são ciências reais, verdadeiras e muito perigosas. Ensinam a força e a influência secretas das coisas da Natureza,

desenvolvendo e cultivando os poderes ocultos "*latentes no homem*", dando-lhe enormes vantagens sobre os mortais mais ignorantes. Bom exemplo disso é o Hipnotismo, hoje em dia tão comum e objeto de tantas pesquisas científicas. O poder hipnótico foi descoberto quase por acaso tendo preparado o caminho para o mesmerismo. Hoje, um hipnotizador experimentado pode fazer quase tudo que lhe ocorra com seu poder: desde obrigar um homem a cometer um ato vexatório inconscientemente, até fazê-lo cometer um crime — freqüentemente através de um cúmplice do hipnotizador e em benefício deste último. Não é um terrível poder entregue nas mãos de pessoas sem escrúpulos? E, todavia, lembrai que esta é tão-somente uma das menores ramificações do Ocultismo. . .

O Ocultista pratica a Teosofia científica, baseada no conhecimento exato dos trabalhos e segredos da Natureza, enquanto que o Teósofo, que pratique os poderes chamados anormais, porém sem a luz do Ocultismo tenderá simplesmente para uma forma perigosa de mediunidade, porque muito embora professe a Teosofia e seu mais elevado código de ética, trabalha às escuras, apoiado em sincera, MAS CEGA FÉ. Quem quer que seja, Teósofo ou Espírita que intente cultivar um dos ramos da ciência oculta, por exemplo, Hipnotismo, Mesmerismo ou os segredos para produzir fenômenos físicos, etc, sem o conhecimento da razão filosófica desses poderes, é como uma nau sem timão em meio ao Oceano enraivecido.

Como o Teósofo deve se comportar relativamente às idéias religiosas.

O teósofo não acredita em milagres divinos nem diabólicos, através do tempo apenas pode colher evidências e julgá-las pelos resultados.

Para ele não existem santos nem bruxos, nem profetas nem anjos, apenas adeptos ou homens capazes de realizar fatos de caráter fenomenal, aos quais julga por suas palavras e atos. A única distinção que cabe ao Teósofo fazer atualmente depende dos resultados obtidos, bons ou maus para aqueles sobre os quais o adepto exerceu seus poderes. Além disso, o ocultista deve prescindir da definição arbitrária que os definidores religiosos fizeram dos fatos chamados milagrosos Os cristãos, por exemplo, têm o dever de considerar como santos a São Pedro e a São Paulo e ver em Simão, o mago, e em Apolônio de Tiana, necromantes a serviço de potestades diabólicas; porém também o ocultista é obrigado, se quiser sê-lo deveras, a rejeitar toda idéia exclusivista neste ponto. O estudioso de ocultismo não professará determinada religião, ainda que deva respeitar toda opinião e crença para chegar a ser adepto da Boa Lei. Não deve seguir os prejuízos e opiniões sectárias de ninguém e deve formar suas próprias convicções segundo as regras de evidências que lhe proporcionem a ciência a que se dedica. Se o ocultista professa, por exemplo, o budismo, considerará a Gautama Buda como o maior adepto que tenha existido, como a encarnação do amor sem egoísmo, da cavidade imensa e da moral puríssima; porém verá iluminado com a mesma luz a Jesus Cristo, considerando-o como outra encarnação de virtudes divinas. Venerará a memória do Grande Mártir, ainda que não o veja como Deus humanizado na terra e Deus de deuses no céu. Amará ao homem ideal pelas suas virtudes pessoas sem se importar com elogios de fanáticos sonhadores nem a dogmatismos teológicos. Acreditará também na maioria dos milagres se os distingue segundo as regras de sua ciência.

Ainda que negue a palavra milagre em sua acepção teológica, ou seja, como acontecimento contrário às leis da natureza, os considerará como desvio das leis atualmente conhecidas, o que é muito diferente. Por outro lado verá muitos de tais

fatos nos Evangelhos, de natureza divina, com o cuidado de tomar alguns deles como, por exemplo, o de enviar os demônios a um grupo de cardos num sentido alegórico e não literal. Esta deve ser a postura de um ocultista legítimo e imparcial.

Os muçulmanos que consideram a Jesus como um grande profeta e o respeitam como tal dão com isso uma bela lição aos cristãos que condenam a tolerância religiosa e chamam a Maomé, o falso profeta.

A Sociedade Teosófica.

A Sociedade Teosófica foi organizada em Nova Iorque em 1875. O objetivo de seus fundadores foi experimentar na prática os poderes da natureza e recolher e disseminar entre os cristãos os informes e conhecimentos das religiões do Oriente.

A Sociedade não possui uma sabedoria própria a defender ou ensinar. É simplesmente o receptáculo de todas as verdades emitidas pêlos grandes videntes, iniciados e profetas das idades históricas e até pré-históricas, ao menos de tantos quantos pode reconhecer. É conseqüentemente o órgão pelo qual os fragmentos da verdade, que se encontram nos ensinamentos dos grandes mestres do mundo, acumulados, são expostos, depois de recolhidos, aos homens.

Os grandes inimigos.

O dogma e a autoridade sempre foram os açoites do gênero humano e os mais violentos inimigos da luz e da verdade.

Futuro da Teosofia.

Assim como existiu eternamente através dos infinitos ciclos do passado, também viverá no infinito porvir, pois a Teosofia é sinônimo de VERDADE ETERNA.

O MUNDO SAGRADO

Bombaim.

A Ilha de Bombaim ou de Mambai, segundo os nativos, recebeu esse nome da deusa Mamba de Maharati, deusa que é Mahima ou Amba, Mama e Amma, segundo as diversas formas dialetais e cujo significado literal é o de Grande Mãe. Um templo consagrado à deusa Mamba — Devi se erguia, ainda não há cem anos, no mesmo lugar da moderna esplanada. Sem reparar em gastos ou dificuldades foi levado para mais perto da ribeira e do forte frente a Baleshwara, ou seja, ao "*Senhor dos Inocentes*" um dos infindos nomes do Deus Siva.

Bombaim é todo um arquipélago cujas ilhas mais notáveis são Saseta que se interliga com Bombaim por um molhe; elefanta, assim chamada pelos portugueses devido à rocha que se encontra no seu molhe, talhada em forma de colossal elefante de uns trinta e cinco pés de dimensão e Trombay cuja rocha escarpada se eleva a novecentos pés sobre o mar. Bombaim à testa das demais ilhas parece no mapa um enorme caranguejo fluvial que estende ao longe suas duas patas, permanecendo vigilante pelos seus irmãos menores. Entre essa ilha fundamental corre um estreito braço de rio que se alarga e estreita alternadamente, denteando-se em ondas sob um céu sem rival no mundo. Não é sem razão que os portugueses, que com o passar do tempo foram substituídos pelos ingleses, a denominavam Boa-Baía, Baía que viajantes entusiasmados compararam com o próprio golfo de Nápoles, porém, a bem da verdade, assemelham-se como podem parecer um aristocrático **kuli** e um mísero lazzaroni, pois a única semelhança que se pode estabelecer entre ambas é o fato de que ambas possuem água.

Balesh-wara.

A sagrada lenda de Balesh-wara conta, com efeito, que ali pernoitou uma vez Rama quando passava de Ayod-ya ou Oudh a Lanka ou Ceilão em busca de sua esposa Sita, roubada por Ravana, o rei perverso. Acredita-se firmemente que o irmão de Rama, Sakshman, era obrigado a enviar diariamente a este um novo linga de Benares a Santa, mas uma tarde descuidou-se no pontual cumprimento da missão. Rama impaciente construiu um linga de areia e quando o esperado chegou de Benares foi colocado no templo e o outro deixado na areia, permanecendo assim séculos e séculos até a chegada dos portugueses contra os quais lingham ficou tão indignado, pelas suas profanações, que retirou-se mar adentro para não mais voltar... Um pouco além do referido tempo mostra-se o lago de Vanattistha ou da "*ponta da flecha*" porque, segundo se conta, Rama ao chegar ali teve sede e lançou uma flecha contra a pedra surgindo assim o lago naquele ponto. Antigamente os líquidos cristalinos do lago eram rodeados por altos muros e foi necessário construir escadaria para atingir sua borda e uma série de palacetes para que fossem habitados pelos brâmanes dwija ou "*os duas vezes nascidos*".

A índia é o país mais rico em lendas e não há uma delas nas ruínas, como acerca das fontes e dos lagos que não seja fundamentada factualmente, se bem que a grosseira fantasia popular as cumulou de trevas, fazendo de geração para geração um véu cada vez mais denso e cerrado sobre elas. Com alguma habilidade e paciência, mais ainda se tem o concurso de um brâmane instruído de quem se tenha captado a amizade e suficiente confiança pode-se chegar a descobrir a verdade histórica que a fábula desnatura.

Por ali se encontra, ainda, o caminho que conduz ao templo parsi dos adoradores do Fogo. Em sua ara mantém-se perpetuamente aceso um fogo sagrado que consome todos os dias enormes quantidades de madeira de sândalo e plantas aromáticas. Este fogo está aceso há trezentos anos e, desde então, nunca foi apagado, mesmo com lutas sectárias e até guerras. Os discípulos de Zaratustra ou Zoroastro sentem-se orgulhosos com seu templo em relação ao qual assemelham-se a pintalgados ovos de páscoa os pagodes hindus. Estes últimos são consagrados a Hanuman, o deus-macaco, fiel aliado de Rama e também a Ganesha, o deus da Sabedoria Oculta, ou ainda a um dos deuses Devas. São vistos em cada rua com suas fileiras duplas de figueiras ou **ficus religiosa**, de vários séculos de idade, árvores de que nenhum templo pode carecer posto que são a morada dos elementais e outras almas pecadoras.

A índia se oculta.

Muitos da Sociedade Teosófica visitaram a índia; muitos nasceram na índia e presenciaram as bruxarias dos brâmanes e dos fundadores daquele agrupamento, e convencidos de que muito crassa é a ignorância moderna relativamente ao homem espiritual, esperavam que se aplicasse aos problemas metafísicos o método comparativo que tão bons frutos deu a Cuvier em Anatomia. Com isso os métodos indutivo e dedutivo empregados no Ocidente passariam das regiões físicas ao genuíno mundo da psique. "*Doutra forma — diziam — a Psicologia permanecerá imóvel e até se constituirá num obstáculo para os outros ramos das ciências da Natureza.*" E não faltaram ocasiões em que a Fisiologia ocidental preparou armadilhas e caçou nos campos dos conhecimentos puramente abstratos e metafísicos, fingindo ao mesmo tempo ignorar completamente estes últimos e

pretendendo em vão classificar a Psicologia entre as chamadas "*ciências positivas*", não sem antes arrancá-la da cama de Procrusto, onde hoje jaz, ainda que se negando a fornecer seus segredos, numa vingança, a tão grosseiros atormentadores.

Acrescentamos que a referida Sociedade chegou a contar seus membros não por centenas, mas por milhares, pois ingressaram imediatamente nela "*descontentes*" do espiritismo americano, num tempo que existiam na América cerca de doze milhões de espíritas. Outros ramos daquele tronco brotaram em Londres, Corfu, Austrália, Espanha, Cuba, Califórnia etc. e em todos os lugares se faziam novos experimentos, afirmava-se a crença de que os fenômenos em questão não eram causados somente pelos espíritos. Depois outros ramos foram fundados na Índia e Ceilão. Os membros budistas e brâmanes chegaram a ser mais numerosos que os europeus. Formou-se uma Liga Internacional e agregou-se ao nome da Sociedade o subtítulo de "*A Fraternidade Humana*". Depois de cordial e ativa correspondência entre a Sociedade Teosófica e a Arya-Samaj, fundada pelo swami Dayanand, fundiram-se ambas associações e então o Conselho Supremo do ramo de Nova Iorque decidiu enviar uma delegação especial à índia para estudar o terreno da antiqüíssima língua em que foram escritos os Vedas e relativamente aos manuscritos e fenomenologia do da ioga. No dia 17 de dezembro de 1878, a Delegação composta de dois secretários e dois membros do Conselho da Sociedade Teosófica saiu de Nova Iorque, detendo-se uns dias em Londres e prosseguiu para Bombaim, onde desembarcou em fevereiro de 1879.

A simbologia hindu.

Nenhum país da antiguidade, nem mesmo o Egito dos faraós traduziu como a índia os ideais do espírito em formas objetivas com melhor mão gráfica e maestria artística. Todo o panteísmo dos Vedantistas é resumido no símbolo bissexual da deusa Ardhanâri. Rodeada pelo duplo triângulo ou selo de Salomão, denominado na índia o signo de Vishnu, jazem a seus pés um leão, um touro e uma águia. Nas suas mãos brilha a Lua cheia que reluz na água a seus pés. Os Vendantistas ensinaram, com efeito, durante milhares de anos aquilo que alguns filósofos alemães só começaram a ensinar no final do século XVIII e princípios do XIX, ou seja, que todas as coisas do mundo objetivo, da mesma forma que esse mundo, são mera ilusão: pura Mâyâ, fantasmas imprecisos criados pela nossa imaginação, porém tão desprovidos de realidade quanto o reflexo do luar nas águas.

O mundo fenomenal do mesmo modo que nossas idéias acerca de nosso verdadeiro Eu são apenas um reflexo, uma sombra de coisas mais excelsas. Por isso o verdadeiro sábio jamais se deixa enganar por essas aparências ilusórias. Sabe melhor que ninguém que nenhum homem alcançará o verdadeiro conhecimento, nem se identificará com Seu supremo Ego, a menos que seus elementos personativos inferiores se submerjam no grande Todo, convertendo-se num grande Brama, universal, infinito. Eis porque olham o nascimento, a vida, e a morte como algo simplesmente imaginário.

Em termos gerais, a filosofia hindu, ramificada como está numa grande quantidade de ensinamentos metafísicos, possui, quando não se afasta dos cânones ontológicos de sua tradição, uma lógica tão rígida, tão acabada e uma psicologia tão maravilhosamente perfeita e refinada que mereceria figurar à frente de todas as

escolas modernas e antigas, idealistas ou positivistas e até eclipsá-las. O positivismo de Lewis que eriça os pêlos de qualquer teólogo de Oxford é um jogo de crianças quando comparado com a escola atomística de Vaisheshika, com seu mundo semelhante a um tabuleiro de xadrez, em seis categorias de átomos eternos, nove substâncias, vinte e quatro qualidades e cinco moções. Por incríveis que possam ser estas idéias abstratas, idealistas, panteístas ou materialistas em símbolos adequados e categóricos a índia, não obstante, conseguiu encerrá-las. Enquadrou a todas e as imortalizou em seus feios ídolos de quatro faces, na complicada planta geométrica de seus templos e até em estranhas linhas e manchas coloridas das frontes de seus sectários.

As covas de Karli.

Sobre a entrada principal do hipogeu há uma galeria que recorda o coro de catedrais. Além desta entrada, outras duas laterais conduzem às naves e sobre a galeria se abre uma clarabóia única, em forma de ferradura para que a luz caia diretamente sobre a dagopha ou altar, ainda que o bosque de colunas se torne cada vez mais obscuro à medida que se afasta do altar. Assim, graças a essa disposição, o visitante que penetra pelo pórtico vê o altar resplandecente de luz, enquanto que ao seu redor tudo é densa treva que o profano não poderia pisar. Uma das esculturas da dagophia, donde os "Rajas-Sacerdotes" costumavam pronunciar suas sentenças, chama-se Dharma-Rubra de Dharma, o Minos hindu. Acima do templo correm até duas fileiras de grandes arcadas, em cada uma das quais existem grandes peristilos formados por grandes colunas esculpidas e por elas atingem-se

vários corredores, muito largos por vezes e a celas espaçosas que aparecem como cortadas e obstruídas por um muro sólido, sem passagem possível para prosseguir.

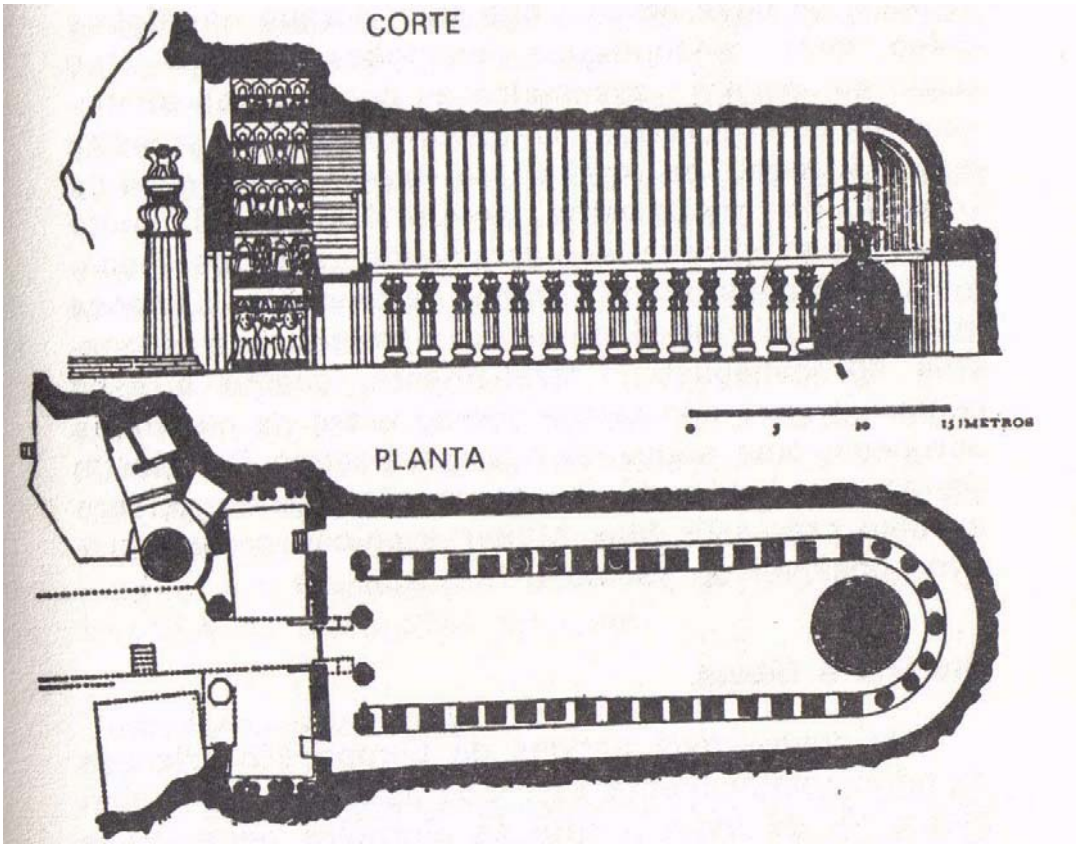

Figura 3: Sala de Chaitya em Karli.

Os responsáveis pelo templo, portanto, ou perderam o segredo de cavidades mais profundas ou as ocultam cuidadosamente dos europeus.

Antiguidade indiscutível.

O templo de Karli, por outro lado, está coalhado de inábeis trabalhos de pedra e os brâmanes asseguram que este recinto sagrado não estaria tão abandonado se os homens, tanto das gerações passadas, como da atual, não fossem realmente indignos de visitá-lo. Relativamente a Kankari e

alguns outros hipogeus não há tanta dúvida a respeito de se deverem aos budistas, porque em alguns deles foram encontradas inscrições intactas cujo estilo em nada se assemelha às construções simbólicas do bramanismo. O arcebispo Heber acredita que o hipogeu de Kankari foi lavrado nos séculos I ou II do cristianismo, porém Elefanta é muito mais antigo e deve ser catalogado entre os monumentos pré-históricos, como pertencente à época que se seguiu imediatamente à grande guerra cantada no Mahabhata. Infelizmente, quanto a essa célebre guerra não existe acordo entre os cientistas europeus, pois enquanto o sapientíssimo Dr. Martin Hauga acredita antidiluviana, o não menos célebre e sábio professor Max Müller a coloca o mais próximo possível do século I de nossa era.

História e fábula.

Os povos mais antigos da Europa são crianças de peito relativamente às tribos asiáticas, particularmente as da índia e ante as gloriosas genealogias dos rajputs tornam-se modernas as mais antigas nobrezas européias. Constituem ao mesmo tempo os anais mais verazes e antigos de todos os povos, segundo disse o cel. Tod, que estudou durante mais de quatro lustros aquelas genealogias. Datam efetivamente de mil a dois mil e duzentos anos antes de Cristo e suas freqüentes referências a autores gregos atestam sua autenticidade. Após larga e esmeradíssima consulta das inscrições epigrátícas em paralelo com o texto dos Purunas, o referido autor chegou à conclusão de que os arquivos de Oodeypore (atualmente inacessíveis ao público), sem necessidade de outras fontes de estudo, constituem a chave, tanto para a história da índia em particular,

bem como para toda história do mundo. É claro que o cel. Tod aconselha, diferenciando-se de tantos arqueólogos charlatães que ignoram o que é a índia, que não se tome a história de Rama, de Krishna e dos cinco irmãos Pandues do Mahabharata como meras alegorias poéticas...

Contrariamente, aqueles que meditarem atentamente acerca dessas pretensas lendas se convencerá de que suas fábulas são tão-somente vivas recordações históricas, já que são comprovadas pelos descendentes desses heróis, suas tribos, cidades antigas e suas moedas. Ninguém pode se aventurar a julgar, em definitivo, sem ter consultado as inscrições das colunas de Purag, de Mevar, e de Inda-Prestha, aquelas das rochas de Junagur, Bijoli, Aravuri e outros templos, antiqüíssimos, dos jainistas, espalhados pela índia e onde aparecem epigrafias em língua atualmente completamente desconhecida e em comparação com a qual são jogos de crianças os hieróglifos egípcios.

Voltaremos a ver a índia?

A índia moderna não é nem uma pálida sombra do que foi na época anterior a Cristo, nem sequer no Industão dos tempos de Akbar, Aurunzeb e Shah-Jehan. As vizinhanças das povoações arrasadas pelas guerras e aldeias aniquiladas parecem semadas de excrescências vermelhas e redondas como sangrentas lágrimas petrificadas. Ao se aproximar de alguma poterna de fortaleza antiga não se pisa sobre guias naturais mas sobre fragmentos dispersos de granito antigo, sob cujos sedimentos jazem muitas vezes as ruínas de uma terceira cidade ainda mais antiga. Os muçulmanos construíam ordinariamente suas cidades sobre os restos daquelas que tinham tomado de assalto e lhes atribuíam novas designações.

Os nomes dessas últimas cidades costumam ser mencionados nas lendas, muito embora suas cidades antecedentes já tivessem desaparecido da memória muitos anos antes da invasão muçulmana. Chegará o dia em que serão aclarados tamanhos segredos dos séculos.

As duas seitas.

Os brâmanes de Nassik bem como os de toda índia dividem-se em duas seitas: uma que adora a Vishnu e outra a Siva e entre ambas existe uma guerra secular. Ainda que a comarca de Godovari tenha sido uma cunha de Hanuman e teatro das primeiras proezas de Rama, que foi uma das encarnações de Vishnu existem nela tantos ou mais templos de Siva que deste último. Os pagodes sivaíticos foram construídos com basalto negro, mas como o negro é a cor distintiva dos vaishnavas ou adoradores de Vishnu como lembrança da cauda queimada de Hanuman, disso surgem pomos da discórdia pelo fato destes sustentarem que os shivaítas não têm direito de empregar essa cor em seus pagodes. Infinitos foram os pleitos que os ingleses tiveram que executar, desde seu primeiro dia de domínio entre as duas seitas e graças a essa fatídica cauda toda essa sentença era apelada de um tribunal para outro como se fosse por si só o verdadeiro deus **ex machina** dos brâmanes de Nassik e tem-se preenchido a respeito desse apêndice mais resmas de papel que na querela celebérrima do ganso sagrado de Ivan Ivanitch e Ivan Nikiphoritch russos e se derramaram mais tinta e bílis que o lodo existente em Mirgorod desde a criação do Universo. O porco que decide a famosa querela de Gogol, teria sido uma inapreciável felicidade para Nassik ao acabar com sua eterna disputa. Além disso, se tal porco viesse da Rússia nada poderia fazer, pois assim

que chegasse seria detido como espião russo. Em Nassik se mostra ao viajante o banho de Rama e as cinzas dos brâmanes verdadeiramente piedosos são trazidas aqui dos lugares mais remotos para serem arrojadas no Godavari e para que se mesclam eternamente com as águas do sagrado Ganges. Num certo manuscrito de um dos generais de Rama, que não se sabe porque não é mencionado no Ramayana, indica o rio Godavari como fronteira entre Ayodya ou Ude, o império de Rama e Lanka ou Ceilão, o império de Ravana. Foi ali, efetivamente, segundo canta o Ramayana, o lugar preciso onde Rama, caçador, viu um formoso antílope com cuja pele tratou de mimar a Sita, sua esposa; porém ao perseguir o ágil quadrúpede violou a fronteira e penetrou indevidamente no território de seu vizinho.

Os templos sepultados.

Não deixa de ser muito estranho o fato de serem todos os hipogeus da Índia localizados sob rochas ou montanhas cônicas, como se seus construtores tivessem procurado intencionalmente tais pirâmides naturais. Tal peculiaridade que tive a chance de observar em Karli é exclusividade da Índia. Trata-se de u'a mera coincidência ou isso obedece a uma exigência arquitetônica do passado remoto. E supondo-se que isso seja verdadeiro, quem são os imitadores: os construtores de pirâmides do Egito ou os arquitetos dos hipogeus industânicos? Da mesma forma que nos hipogeus e nas covas tudo parece submetido à mais rigorosa exatidão geométrica. Em todos os casos as entradas são abertas na base, porém sempre a certa altura relativamente ao exterior. Por outro lado, ninguém ignora que não é a Natureza que copia a Arte, mas esta sim é que trata de copiar de um modo ou de outro o que nos mostra a Natureza e se encontradas semelhanças entre os

simbolismos da índia e do Egito e mostradas como não casuais, dever-se-á reconhecer que são demasiado chocantes pelo extraordinário. É indubitável que o Egito tenha tomado infinitas coisas da índia e os poucos fatos referentes aos antigos Faraós que puderam ser descobertos pela nossa ciência, longe de contradizerem tal teoria, proclamam que a Índia foi a raiz da raça egípcia. Na remota antiguidade Kalluka - Bhatta escreveu com efeito — "*Durante o reinado de Visvamitra, primeiro rei da estirpe de Soma-Vansha, depois de cinco dias de sangrenta batalha, Manu-Vena, o herdeiro de tantos reis gloriosos, foi abandonado pelos brâmanes e teve que emigrar com seu povo atravessando a Arya e Parria para chegar finalmente a Masra*". É conveniente não esquecer que Arya é a Pérsia ou Ira e que Barria é o nome mais antigo da Arábia, enquanto que Marra é um dos nomes primitivos do Cairo, desfigurado pêlos muçulmanos para Misro ou Musr.

Império do rito.

Como o europeu pode conceber um país em que as ações mais ínfimas da vida diária estão sujeitas a um rito religioso e que não possam ser executadas sem a presença de um minucioso e rotineiro programa?

Pois tal país é a índia. Nesta os mais solenes momentos da vida, tais como o nascimento, a puberdade, o matrimônio, a paternidade, a velhice, a morte e além disso os misteres mais correntes da vida, tais como as abluções matinais, o vestir-se, o comer e tudo o que se segue, desde o primeiro vagido da criatura até que exale o último suspiro deve ser executado segundo o mais estrito ritual bramânico sob a pena de expulsão da casta sacerdotal. Os brâmanes são como músicos de uma orquestra em que cada instrumento representasse uma das diferentes seitas

existentes no país. Os instrumentos poderão variar no timbre ou na natureza, porém obedecerão cegamente a uma só batuta, que é a Lei ou Código de Manu seguida por todos brâmanes, qualquer que seja o modo que sua respectiva seita tenha de interpretar os livros sagrados e por mais hostis que sejam entre si ao enaltecer suas divindades particulares. Esse Código é portanto o ponto central ao qual convergem todos eles como se tivessem uma única mente e desgraçado daquele que com a menor nota interrompa o sinfônico acorde, porque os anciãos, conselheiros vitalícios da casta e das subcastas que existem em número indefinido são mais que governantes severos, são inexoráveis. Contra a palavra destes homens não há apelação e a expulsão de um indivíduo da casta bramânica é uma verdadeira calamidade com funestas conseqüências. Ante a rígida solidariedade da casta, o excomungado é olhado como a um leproso, cujo simples contato é mortal. Tamanha solidariedade somente pode ser comparada àquela existente entre os discípulos de Loyola. Indivíduos de duas castas distintas, por muito unidos que esteiam por amizades ou respeito, não podem casar-se entre si, nem comer juntos, nem aceitar reciprocamente nem um vaso d'água ou oferecer-se um hukah; imaginai quais não serão as restrições impostas ao excomungado! O desgraçado deve morrer para todo mundo, inclusive para seus familiares, e se pai, esposa, filhos são obrigados a voltarem-lhe as costas sob pena de excomunhão. Nem esperança de casamento devem ter seus filhos e filhas por mais inocentes que estejam do pecado de seu pai

O hindu deve desaparecer absolutamente desde o instante em que é excomungado. Não pode beber do poço da família nem receber alimento de seu pai, nem de sua mãe. Nenhum da casta pode vender-lhe alimentos nem prepará-los e morrerá de fome ou adquiri-los-á dos proscritos ou dos europeus aumentando ainda mais sua contaminação. O poder bramânico quando chegou ao apogeu até se

atiçava contra o excomungado as pessoas que quisessem enganá-lo, roubá-lo ou matá-lo, como gente fora da lei. Atualmente o excomungado está garantido contra esse risco, pelo menos, porém seu corpo depois que morre não pode ser queimado na pira, nem nos seus funerais podem ser entoados os mantras purificadores e será lançado ao rio simplesmente ou apodrecerá ao relento como um animal.

O homem, sucessor do homem.

O hindu não tem direito de permanecer solteiro. As únicas exceções a esse respeito são os meninos destinados pêlos pais à vida monástica desde a infância e a daquele que é consagrado a Trimûrti antes de nascer. O preceito obedece à necessidade que todo hindu tem de contar com um sucessor que se encarregue de executar todas as cerimônias prescritas pela lei para que o morto possa entrar em Swarga, o céu. Por isso, são obrigados a adotar os filhos dos outros os próprios Brahamachâryas, casta cujos membros fazem voto de castidade e são os únicos celibatários da Índia não obstante participarem da vida mundana.

Os outros hindus devem submeter-se à lei matrimonial até os quarenta anos, idade na qual tem direito de renunciar ao mundo e suas pompas e buscar sua salvação, levando uma vida ascética num bosque ou lugar afastado. Ainda que se nasça defeituoso, nem por isso a lei o exime e deve procurar na mesma casta u'a mulher que seja defeituosa, procurando observar a lei das compensações, procurando-se o cego para a paralisada, o imbecil para a histérica etc., se o homem em questão desejar uma esposa sã pode fazê-lo procurando-a um grau abaixo de sua casta social, mas em tal caso, os parentes e amigos do esposo não darão acolhida em sua casta à adventícia e isto sob nenhum pretexto.

Tudo isso, é claro, são disposições e composições que somente pode efetuar o guru ou brâmane, diretor espiritual da família, sob a direção dos deuses.